

3 1761 08095514 9









Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

PONTICAS
OU
CARTAS ESCRIPTAS

DO PONTO EUXINO

POR

Ovidio Nasão

AOS SEUS AMIGOS

VERTIDAS EM LINGUA VERNACULA PELO TRADUCTOR DAS TRISTEZAS

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1894



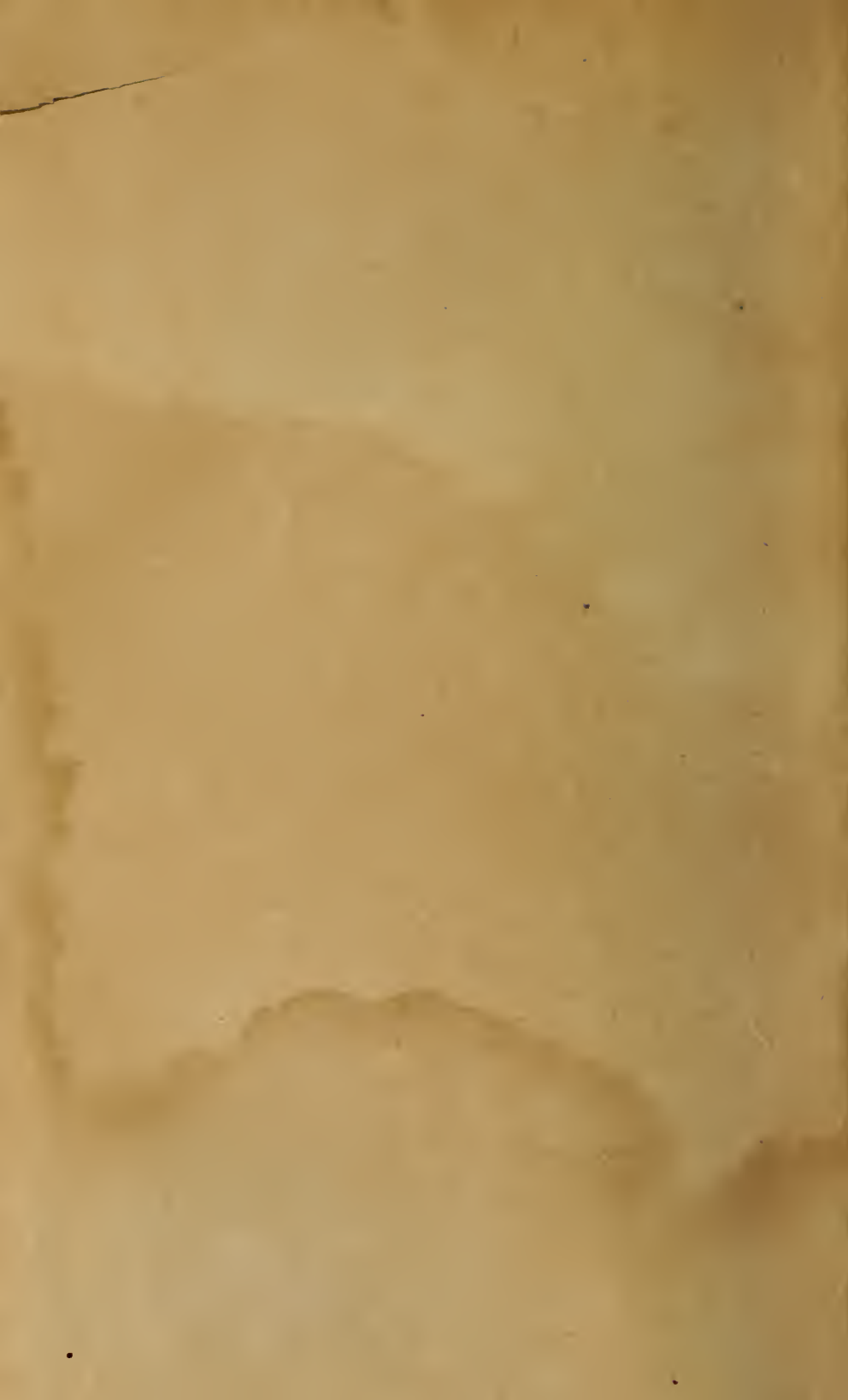
*Mica Francisca
Castanho
ritulos. encarnadas*

PONTICAS

OU

CARTAS ESCRIPTAS

DO PONTO EUXINO



PONTICAS

OU

CARTAS ESCRIPTAS

DO PONTO EUXINO

POR

Ovidio Nasão

AOS SEUS AMIGOS

VERTIDAS EM LINGUA VERNACULA PELO TRADUCTOR DAS TRISTEZAS



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1892

PA

6519

EG-166

1894



AO

SEU ANTIGO COLLEGA E PREZADO AMIGO

AYRES DE GOUVÊA



LIVRO PRIMEIRO



CARTA PRIMEIRA

A Bruto (1)

Nasão, que já não é morador novo
Na Tomitana (2) terra, d'entre os getas (3)
Estes livrinhos seus a Bruto envia.
Se pudéres concede aos peregrinos (4)
Um asylo qualquer, porque receiam
Que em publica mansão do auctor o nome
Entrar lhes não permitta. Ah! quantas vezes
Exclamado não tenho:—nada ensinam
Em que haja torpezas! Eia! ávante;
Para a honesta poesia é livre o accesso;
E todavia os meus (5) não se approximam;

(1) Crê-se geralmente que este romano era filho do Bruto que assassinara Julio Cesar no Senado e se suicidara depois da perda da batalha de Philippo, ganha por Augusto.

(2) Havia quatro annos (como consta da 2.^a Elegia) desde que Ovidio se achava desterrado, e tinha então cincoenta e seis annos. Veja-se a Elegia 9.^a, liv. 3.^o das *Tristezas*, sobre a origem da cidade Tomitana (Tomos).

(3) Ovidio situa os Getas na margem direita do Istro ou Danubio. Sobre a sua posição geographica veja-se a excellente nota publicada por M. Vernadé no fim dos *Tristes*.

(4) Peregrinos (ou forasteiros), assim chama o poeta os seus livros por terem sido escriptos no Ponto.

(5) Os meus livros.

Preferem menos publica morada,
 Mais seguros se crêem no Lar privado.
 Mas onde poderão ser collocados?
 Onde a Arte d'amar esteve outr'ora.
 O que trazem de novo acaso inquiras!...
 Toma-os como são; não são d'amores.
 Não acharás o titulo dos Tristes,
 Mas não é menos triste o assumpto d'elles.
 Varia a fórma, não differe o assumpto;
 Só não se occulta a direcção da carta;
 Nem evital-o, nem querel-o pódes;
 Corteja-vos, invito, a musa minha.
 Junctal-os-has aos meus, sejam quaes forem;
 Nada impede que os filhos do exilado
 Sem offensa das leis em Roma vivam.
 Não tens que receiar; de Antonio (1) as obras
 São lidas francamente; e a livraria
 Do douto Bruto (2) está patente a todos.
 Equiparar-me a taes varões não ousou;
 Mas aos deuses jámais fiz impia guerra,
 Nem lhes neguei, irreverente, as honras.
 Se acaso me não crês, acolhe ao menos
 Dos numes o louvor; supprime o nome
 Do auctor; mas o carne acata ao menos.
 O ramo d'oliveira apraz na gueíra;
 E o auctor da paz não ganhará com isso?
 Quando, Ilion (3) succumbindo, o pio Eneas

(1) Marco Antonio, inimigo de Augusto que soffreu e fez pouco caso das suas injurias. Vide Tacito, *Ann.*, liv. 4.º, cap. 54.º.

(2) Cicero nos faz saber (*Acad. 11.ª*, liv. 1.º, cap. 5.º), que Bruto não só foi um grande capitão mas tambem um dos mais celebres philosophos do seu tempo.

(3) Troia.

A gran custo seu pae salvara aos hombros,
 Diz-se que o fogo, em que a cidade ardia,
 Para o deixar passar caminho abrira.
 Um Eneada (1) leva este meu livro;
 E ser-lhe-ha o transito impedido?
 Aqui o Eneas sou, e Augusto o Anchises (2).
 Acaso poderá vedar-se a entrada
 Ao egypcio (3), que á porta o sistro tange?
 Quem ao musico nega a tenue off'renda
 Quando ante a mãe dos deuses (4) rompe os ares
 Co'os sons da sua recurvada trompa?
 Bem que a deusa Diana o não exija,
 Aos augures (5) não falta de que vivam;
 A mente nos commove a divindade,
 (Nem será vergonhoso acreditar-o!).
 Em vez do sistro, em vez da phrygia trompa,
 Não quero outra divisa mais que o nome
 Da veneranda e sancta julia gente.
 Vaticino, admoesto; abri passagem
 Ao vate que transporta o sacro emblema;
 Não por mim, pelo grande nume o imploro.
 Nem julgueis, porque acaso fui culpado,
 Ou incorri do principe nas iras,

(1) Romano, allude o poeta á supposta origem do povo romano cantada por Virgilio.

(2) Anchises era o pae de Eneas.

(3) Nos tempos do poeta os egypcios exerciam em grande numero o officio de musicos ambulantes, particularmente os da ilha de Pharo, na foz do Nilo. O seu instrumento musico era o sistro, especie de pandeiro.

(4) Cybeles.

(5) O poeta diz *vaticinatores* (prophetas). A Diana de que falla Ovidio aqui é a que tinha um templo perto da cidade de Aricia, donde lhe veio o nome de Aricina.

Que as minhas oblações e culto engeite.
Da linigera Isis (1) juncto ás aras
Um sacerdote vi sentado outr'ora,
Que indignamente a deusa profanara.
Por crime semelhante, outro, punido
Com privação da vista (2), em altos brados
Corria as ruas confessando o crime.
Taes confissões aos deuses sempre agradam,
Porque do seu poder dão testemunho;
Vendo o grande pesar, não poucas vezes
Indultam ou adoçam graves penas,
Devolvendo-lhe até a luz perdida.
Se o miseravel credito merece,
Arrepellido estou, padeço e gemo.
Grave é o exilio, mas mais grave a culpa;
E é menos padecer que ser culpado;
Se os deuses, entre os quaes resplende Augusto,
Favoraveis me forem, póde a pena
Attenuar-se, mas a culpa nunca.
Tem seu termo fatal na morte o exilio,
Mas a morte extinguir não póde a culpa.
Não é pois d'extranhar que a mente minha
Trepide e como a neve se derreta;
E, qual nau que destroe caruncho occulto,
Doloroso pungir me rôa o peito.
É assim que as vagas o rochedo excavam;
Assim é que a ferruge o ferro come;
E é assim que a traça os livros dilacera.

(1) Chama-lhe o poeta linigera em razão das roupas de linho que os sacerdotes trajavam nos sacrificios. Isis era uma divindade egypcia.

(2) Acreditava-se vulgarmente que a deusa Isis privava da vista aquelles que havendo jurado por ella trahiam o seu juramento.

Taes dores terminar só póde a morte.
Se os deuses, de quem todos dependemos,
Podem acreditar-me, talvez digno
D'algum favor me julguem, e me assignem
Mansão dos arcos scythicos immune;
Excessivo seria mais pedindo.

CARTA SEGUNDA

A Maximo

Maximo (1), de teu nome digno em tudo,
E que realças a nobreza avita
Com as tuas virtudes, (nem nasceras
Se acaso n'um só dia os Fabios todos (2)
Houvessem perecido). Talvez queiras
Saber porque te escrevo esta missiva,
E conhecer ao certo quem t'a envia.
Ai de mim! Que farei? Receios tenho
De que ouvindo o meu nome o resto leias
Talvez aborrecido. Mas se o virem,
Confesso que o escrevi, e meu mal choro;
Nem eu o negarei, embora o vejam,
E rectificarei a culpa minha.
Confesso que talvez fosse mais grave,
E digno de mór pena acaso fôra.
Por toda a parte cercam-me inimigos,
Como se com a patria a paz perdesse.
Para os golpes tornarem mais funestos

(1) O romano a quem o poeta dirige esta carta pertencia á antiga e illustre familia dos Fabios, e era grande valido de Augusto.

(2) Toda a familia dos Fabios pereceu na guerra contra os etruscos, excepto o moço impubere que continuou a familia.

De viboras no fel as settas molham;
 Em velozes corceis, e sempre armados,
 Andam rodando os aterrados muros;
 Como os lobos do bardo a ovelha espreitam,
 E, tenso o arco uma vez, não mais o afrouxam.
 Nossos tectos de settas cravejados
 Representam de bastas estacadas;
 E as portas, pouco solidas e firmes,
 Difficilmente do hoste nos defendem.
 Menos triste não é do solo o aspecto,
 Nenhuma arvore ou folha ahi viceja,
 Ao inverno que acaba outro succede.
 Já quatro invernos tenho aqui soffrido,
 Em lucta com a desgraça, o frio e as settas.
 O pranto não tem fim; se por ventura
 Momentos de estupor o não suspendem,
 E insensível se não tornasse o peito;
 Assim mudada Niobe (1) em rochedo,
 Deixou de atormental-a a dor pungente,
 Que numerosas mortes lhe causavam.
 Felizes vós tambem, irmãs queridas (2),
 Cuja bocca gemente cerrar pôde
 Do alamo ramoso a verde folha;
 Só eu não posso em arvore mudar-me,
 Nem, por mais que o deseje, em dura pedra!
 Bem que Medusa (3) aos olhos meus se off'reça,
 Seu magico poder não terá força,

(1) Filha de Tantaló, transformada em rochedo. Vide a Fabula nas *Metamorphoses* de Ovidio.

(2) As irmãs de Phaetonte que os deuses transformaram em alamos, compadecidos do seu extremo pezar pela perda de seu infeliz irmão Phaetonte.

(3) O simples aspecto da sua cabeça transformava os homens em penedos. Vide *Metamorphoses* de Ovidio.

Pois só para soffrer respiro e vivo,
 E exaspera-se o mal co'a longa mora.
 De Ticio (1) assim o figado inconsumpto,
 Renasce para perecer mil vezes.
 Quando chegar do eterno somno a hora,
 (Cura final do humano soffrimento)
 A escura treva extinguirá meus males.
 Até dormindo os sonhos me apoquentam,
 Porque os sentidos meus a dor aggravam;
 Sonho agora que aos dardos getas fujo,
 Agora que a meus braços grilhões lançam.
 E, se me illude sonho menos grave,
 Da casa abandonada o tecto avisto;
 Fallo comvosco, amigos venerados,
 E outras vezes co'a esposa estremecida,
 E se um breve prazer imaginario
 Um momento disfructo, despertado,
 Co'a lembrança do bem meu mal se aggrava.
 Quer me illumine o dia o triste rosto,
 Quer em seus rociados corredores (2)
 Divague a noite, indeclinaveis maguas
 O meu peito desfazem, como a cera
 Se liquefaz chegando-se-lhe o fogo.
 Mil vezes peço a morte, e á morte peço
 Que o solo geta me não cubra os ossos.
 Quando de Cesar a clemencia lembro,
 Não posso duvidar que ao naufragado
 Mais branda praia conceder-se possa.

(1) Filho de Jupiter, pertendendo forçar Latona, agrilhoadado por Apollo e Diana, e precipitado nos infernos, ahi offerencia o figado, perpetuamente renascendo, á voracidade dos abutres.

(2) Os suppostos cavallos da carroça da lua. Metaphora usada por Diniz da Cruz e outros poetas.

Mas, se o meu pertinaz destino encaro,
Esmoreço, e a minha tenue esp'rança
Desapparece de terror vencida.
Nem outra cousa mais espero, ou peço,
Que mudar de logar, embora seja
Para sitio peor; eis quanto pódes
Tentar por mim, e salva a honra tua.
Eloquente orador, toma a teu cargo
D'esta difficil causa o patrocínio;
Sei que é má; mas se d'ella te incumbires
Boa se tornará; pelo exilado
Sentidas expressões dirás apenas.
Posto que o Deus noticia tem de tudo,
Cesar a minha situação não sabe;
Cousas de grande monta o nume occupam,
Para este Deus o que me afflige é nada.
Nem sequer terá tempo de informar-se
Onde Tomos está, (Tomos que apenas
É dos getas visinhos conhecido);
O que o sarmata faz e o fero yazigo (1),
E onde a Orestica deusa é venerada,
E essa gente, que quando o Istro gela
Sobre o dorso do rio endurecido
Em corceis velocissimos divaga.
D'estes a maior parte, não conhecem
Teus encantos, ó Roma, nem receiam
As armas e o valor dos teus soldados;
Com seu arco, e carcaz de hervadas settas
Afeitos a soffrer a fome e a sede
Só confiam nos rapidos ginetes.
Se conhecera este nefasto solo,

(1) Povo da região da Tracia, entre os rios Nere e Ebro.

Não me enviara aqui o Deus bondoso.
Não podia querer que algum romano,
(E eu muito mais que a vida lhe devia)
Venha a ser pelos barbaros oppresso,
Podendo me perder a um leve aceno.
Nada aos getas o meu destino importa;
Nem acto algum por mim foi practicado,
Que merecer devesse a pena extrema;
Nem ser podera menos rigoroso;
O que fez contra mim fel-o forçado;
E talvez que demais benigno fosse.
Queiram os deuses pois que sobre a terra
Nada melhor jámais a terra gere,
E a seu cargo por largo tempo esteja
O governo do Estado; e enfim succeda
Por disposição sua a julia gente.
Com lagrimas te rogo pois, amigo,
Que por mim o bondoso juiz implores;
Não lhe peças o bem, porém sómente
Onde, se não melhor, seguro viva,
E afastado do barbaro inimigo;
E que o esqualido geta me não tire
A vida que sómente aos numes devo,
E morto enfim em menos duro solo
Possam meus ossos repousar tranquillos.
Os meus restos mortaes mal inhumados,
Como os d'um exilado, o duro casco
Dos cavallos Bistonicos (1) não calque;
E se inda sentir póde o fallecido,
Meus manes não aterrem sombras getas.
Tudo isto commover o Cesar póde,

(1) Povo da Tracia, convisinho dos getas.

Se commover-te póde a ti primeiro.
 A tua voz enfim suasiva e doce,
 Gloria do ausonio idioma, allivio grato
 Do temeroso réo, ameigue o ouvido
 Do benevolo principe, e o compunjas.
 Atreu (1), Theromedonte (2), não supplicas,
 Nem esse monstro (3) que de carne humana
 Os seus bravos corceis alimentava;
 Porém uma alma em castigar morosa,
 Veloz no premiar, e que se afflige
 Se acaso a ser cruel se vê forçada;
 Que vence para perdoar vencidos,
 E impôr clausura eterna á civil guerra;
 Que mais com ameaças do que penas
 Corrige o maleficio, e, só coacto,
 Máo grado e raramente os raios vibra.
 Tendo de supplicar tão brando ouvido,
 Roga-lhe que de Roma me approxime;
 Pedes por mim, o teu conviva antigo,
 Que a teu lado nas festas se viu sempre;
 Teu hymineu cantou no fausto dia;
 O mesmo, cujo canto elogiavas,
 Excepto aquelle que fatal me fôra;
 A quem por vezes lias teus escriptos,
 E que da casa tua houve uma esposa,
 Que foi sempre de Marcia (4) apreciada,

(1) Cuja crueldade se tornou famosa banquetecendo Thyestes, seu irmão, com o corpo de seus proprios filhos.

(2) Crudelissimo rei da Scythia, que alimentava os seus leões com sangue humano para os tornar mais ferozes.

(3) Diomedes, rei dos Bistonios, o qual alimentava os seus cavallos de carne humana.

(4) Marcia era a mulher de Maximo. (Vid. Tacito, *Ann.*, liv. 1.º, cap. 5.º)

Que sempre a estimou desde menina,
 E havida foi por sua companheira,
 E da tia (1) de Cesar dama fôra;
 D'ellas a approvaçãõ é prova plena.
 Melhor que a fama sua á propria Claudia (2)
 Superfluo qualquer outro abono fôra;
 E nós tambem sem macula passámos
 Parte da nossa vida; mas a outra
 Deve ser supprimida; aqui fiquemos.
 Minha esposa (3) ao cuidado vosso entrego,
 Nem podeis renegal-a, salva a honra;
 A vós se acolhe, e o vosso altar abraça;
 (De juro (4) ampara o Nume os seus devotos)
 E em prantos pede que applicado o Cesar
 O meu jazigo d'elle se approxime.

(1) A tia materna de Cesar era Acia, mãe de Marcia.

(2) Era uma Vestal, que suspeita de estupro, a fim de provar a sua pureza, por favor da deusa Cybeles, arrastara com o cinto uma nau encalhada no Tibre, que muitos mil homens não poderiam mover.

(3) Refere-se o poeta á sua terceira esposa, procedente da familia Fabia. Ovidio esposou successivamente tres mulheres; a primeira, como elle mesmo diz, fôra-lhe imposta ainda joven, e a repudiou por *inconveniente*; a segunda, que tambem repudiou, não declara porquê, resalvando comtudo o seu comportamento; ha quem diga que por ser esteril. A terceira, finalmente, é a de quem falla o poeta n'esta Elegia, com a qual conservou sempre a mais terna intimidade, e a proclama o modelo das consortes. D'ella teve uma filha, por nome Perilla, que muitas vezes menciona nos seus versos. É para notar que em parte alguma declare Ovidio o nome das suas tres mulheres, mas nós cremos que o nome da ultima fôra o mesmo da filha, pois que Perilla significa — *por ella* — (per illam).

(4) De direito ou justamente.

CARTA TERCEIRA

A Rufino

Rufino (1) amigo, Ovidio te sauda,
Se amigos pôde ter um desgraçado.
As expressões que ha pouco me enviaste
Consolaram-me e deram-me esperanças.
E como o heroe Peancio (2) achou outr'ora
Nas Machaoneas artes prompto allivio,
Assim eu, de cruel golpe ferido,
Reanimado fiquei com teus conselhos,
E recobrei a vida, qual se as veias
Com vinho generoso reanimasse;
Mas inda que a eloquencia tua é grande,
Curar meu coração não pôde em tudo.
E por mais que do barathro (3) profundo
Da nossa dor extraias, o restante
Menos não ficará que o já tirado.
Talvez que a cicatriz o tempo cure,
Mas a asperas mãos, dorida, foge;

(1) Illustre cavalleiro romano, de quem pouco se sabe além do que nos diz o poeta n'esta carta.

(2) O filho de Peancio, Philoctetes, que foi curado de suas feridas com os remedios applicados por Machaon, irmão de Podalirio e filhos de Esculapio.

(3) Barathro, abysmo profundo.

Os medicos curar não podem sempre;
 Mais que a sciencia o mal mil vezes póde.
 Sabes como os pulmões rompendo o sangue
 Conduz directamente ao lago Estygio;
 E que o mesmo Epidaurio (1), bem que empregue
 Todas as suas plantas consagradas,
 Males do coração curar não póde.
 Não ha na medicina curativo
 Para a gotta nodosa, nem allivio
 Póde jámais achar quem teme as aguas (2).
 Cuidados ha tambem que nenhuma arte
 Poderá guarecer, ou quando muito
 Só podem moderar-se em largos annos.
 Quando os conselhos teus reanimaram
 A minha alma abatida, e a armadura
 Vesti, que me prestou tua amizade,
 O amor da patria (que supera tudo)
 Quanto fizeras annullou de novo.
 Ou seja piedade, ou seja effeito
 De mulheril fraqueza, dizer devo
 Que, infeliz, facilmente me enterneço.
 A prudencia do Ithacio (3) é bem notoria,
 E preferiu comtudo ver de novo
 O natalicio fumo. Affecto inexplicavel,
 E uma doce paixão nos prende á patria,
 E não consente que jámais se olvide.
 Que ha ahi melhor que Roma? E que existe
 Mais horrivel que os pantanos da Scythia?
 Ama-os comtudo o Geta, e Roma odeia.

(1) Epidaurio, assim foi chamado Esculapio em razão do templo que tinha na cidade de Epidaurio na Argolida, golfo de Saronica.

(2) Refere-se á hydrophobia, que se tinha por incuravel.

(3) Ulisses, rei de Ithaca.

As filhas (1) de Pandeon, bem que alojadas
 Em prazenteira estancia, jámais cessam
 De lidar por volver á selva antiga.
 Os ferozes leões, os bravos touros
 Demandam sempre as costumadas brenhas.
 Tu crês comtudo que do exilio as dores
 Com teu fomento attenuar se podem;
 Mas para sentir menos, meus amigos,
 A vossa privação, menos amaveis
 Commigo deveis ser; comtudo eu creio
 Que não devia ter outra morada
 Mais dura do que aquella em que nascera.
 Prostrado aqui me vejo, em abandono,
 N'estas areias dos confins do mundo,
 Cujos abysmos cobre infinda neve;
 A terra aqui não dá pomos nem uvas,
 Salgueiros não produz a ribanceira,
 Nem os carvalhos a montanha assombram.
 Mais propicio não é o mar que a terra;
 Orphão de soes, e entregue á furia horrivel
 Das ventanias, entumesce e brama;
 Para onde quer que volvas os teus olhos,
 Ahi não verás mais que incultos campos,
 E terras que nenhum senhor reclama.
 De um lado e do outro o inimigo surge,
 Que um lado e outro de continuo aterra.
 A' dextra ameaça do Bistonio o chuço
 E á esquerda dos Sarmatas o dardo.
 Para que vem lembrar o exemplo antigo

(1) As filhas de Pandion foram Progne e Philomela, transformadas pelos deuses, segundo a fabula, em andorinha e rouxinol. O poeta põe aqui a especie pelo genero, pois que todas as aves engaioladas procuram sempre fugir. Pandion foi o antigo rei de Athenas que instituiu as festas de Jupiter.

Dos heroes que affrontaram corajosos
 A sua desventura? E de que serve
 Recordar do magnanimo Rutilio (1)
 A firmeza com que rejeita a graça
 De regressar á patria? Smyrna o tinha
 Não o Ponto nem terras inimigas,
 Porém a desejavel, grata Smyrna.
 O Cynico de Sinope (2) sem magoa
 A patria abandonou, porque escolhera
 Para seu domicilio o attico (3) solo;
 E o valoroso filho de Neocles (4),
 Que os Persas derrotou, passou em Argos
 Seu primeiro desterro; elege Sparta
 O desterrado Aristides (5), Sparta
 Que excellencias a Athenas disputava.
 Patroclo (6) joven, réo d'assassinato,

(1) Varão douto e virtuoso, que, sendo desterrado injustamente para Smyrna, depois da victoria de Sylana, lhe permittiram voltar para Roma, o que elle recusou, dizendo que preferia o desterro a voltar á terra em que o haviam julgado criminoso. Vide *Seneca*, liv. 6.º. Benef.

(2) Diogenes de Sinope, cidade do Ponto, o qual, sendo desterrado, se retirou para Athenas, aonde estudou a philosophia de Anthistenes, o Cinico, donde os seus discipulos tiraram o nome.

(3) De Athenas designadamente.

(4) Themistocles, famoso capitão que defendeu valorosamente a Grecia contra a invasão dos persas derrotando Xerxes; mas seus ingratos companheiros o expulsaram de Athenas, donde se retirou para Argus, cidade de Peloponeso. Rejeitou o convite dos persas para seu capitão, mas sendo accusado falsamente de traidor fugiu para a Corcyra e d'alli para Magnesia, onde morreu.

(5) Aristides, denominado o justo, foi filho de Lysimacho, natural de Athenas, e contemporaneo de Themistocles; desterrado pelos partidarios d'este por dez annos, passou á Lacedemonia; passados porém tres lhe foi perdoado o desterro. Vide *Herodot.*, liv. 8.º.

(6) Foi natural de Opunta (cidade dos Locros não longe de Asopo), e filho

Foge de Opunta e vai para a Thessalia,
 Onde Achilles lhe presta hospicio amigo.
 O Cabo (1) que levava a nau sagrada
 Á região da Colchida, exilado
 Da Hemonia (2) terra, demandou Pirene (3);
 Cadmo (4), d'Agenor filho, abandona
 Os muros de Sidonia, e nova estancia
 Vai levantar em condições melhores.
 De Adastro á protecção Tydeu (5) se acolhe.
 Teucro (6), da Caledonia expulso, encontra
 Em terra, a Venus cara, grato asylo;
 E que diremos dos maiores nossos?
 D'esses velhos Romanos, cujo exilio
 Não se afastava além da fresca Tibur? (7)
 Examinem-se todos, nenhum houve
 Que desterrado fosse em tal distancia.

de Menesio, que, tendo assassinado Cleosymo, fugiu para Thessalia, onde foi hospedado por Peleo, e junctamente com o filho d'este foi educado por Chiron, acompanhando-o depois á guerra de Troia. Vide *Hom. e Strab.*, liv. 9.º.

(1) Jason, filho de Eson, rei da Thessalia, que commandou a nau Argus na conquista do Velocino.

(2) Antigo nome de Thessalia, derivado de Emon, filho de Deucalion.

(3) Corintho, assim chamada da fonte Pirena, consagrada ás Musas.

(4) Agenor, rei de Phenicia, tendo ordenado a Cadmo que fosse em cata de sua irmã e não voltasse sem lh'a trazer, como a não podesse encontrar receiou voltar e ficou na Beocia, onde fundou a cidade de Thebas.

(5) Tydeo, filho de Oemo, rei da Caledonia, que, tendo morto involuntariamente seu irmão, foi ter com Adastro que o casou com Deyphile. Vide Lucano.

(6) Teucro, filho de Telomon, que, desgostoso por ter seu pae exigido que não voltasse da guerra de Troia sem seu irmão Ajax que alli fôra morto, não quiz succeder no reino, e se retirou para Chipre, onde Venus tinha um templo e alli fundou Salamina.

(7) *Tibur*, terra de sabinos, não longe de Roma, celebre pela sua amenidade.

Assim o teu saber desculpar deve
Ao que padece tão extranho exilio.
Não negarei comtudo que, se acaso
Podesse a chaga minha ser curada,
Co'as tuas prescripções curada fôra;
Mas temo que salvar-me em vão pretendas,
E nada os teus remedios me aproveitem;
Nem me julgo por isto mais sensato,
Porque mais que tu mesmo me conheço;
Como um grande favor tomo comtudo
Essa demonstração e bons conselhos.

CARTA QUARTA

A sua consorte

Já me alvejam as cans na fronte, e as rugas,
Consocias da velhice, o rosto sulcam;
Desfallecem-me as forças, e nem présó
Os jogos juvenis que tanto amava.
Se hoje me visses, não me conheceras,
Tantas ruinas me tem feito a idade!
Isto é obra dos annos; mas ainda
Mais outras causas ha; profundas magoas
E incessantes trabalhos; se contares
Por elles minha idade, inda mais velho
Me tornaria que o Nestor de Pylos.
Vês como a terra dura alquebra as forças
Do corpolento boi? E, todavia,
Que ha ahi que o boi mais forte? A mesma terra
Em contínua cultura e sem alqueives
N'essa lide se exgotta e fica esteril.
Morrerá o corcel, se nos certames
Do Circo não tiver algum repouso.
A nau, inda a mais forte, se carece
De estiar algum tempo em secca praia,
Destruida será voltando aos mares.
A mim males immensos me acabrunham
E intempestivamente me envelhecem.

Ocio o corpo alimenta, e nutre a mente
 E a lida immodica ambos aniquila.
 Vês como, vindo aqui de Ezão o filho (1),
 Fama ganhou nas posteras edades?
 Mais leve foi que o nosso o seu trabalho,
 Se os factos não altera um nome illustre.
 Para o Ponto por Pelias foi mandado,
 Porque era dos thessalicos temido.
 O mal que soffro veio-me de Cesar,
 Que do occaso ao nascente o mundo rege.
 Fica a Hemonia do Ponto mais visinha
 Que Roma d'esta aborrecida terra,
 E mais breve que nós fez seu trajecto;
 Os mais nobres achivos (2) o seguiam,
 E ninguem quiz, partindo, acompanhar-me;
 Em fragil lenho nós o mar sulcámos,
 E a nau de Ezão era segura e firme.
 Não tive por piloto o insigne Typhis (3),
 Nem me ha traçado de Agenor o filho (4)
 A melhor rota que seguir devia.
 Protegiam-n'o a elle Juno e Pallas,
 E nenhum nume defendeu meus dias.
 Os segredos de amor uteis lhe foram,
 Segredos que ensinar eu não devera.
 Elle voltou á patria, e nós, se acaso
 Não se applacar do deus lesado a ira,
 N'estes brejos sinistros morreremos.
 Fidelissima esposa! É pois mais triste,
 Do que foi a d'Ezão, a sorte minha.

(1) *De Ezão o filho.* Jasão.

(2) *Achivos.* Gregos da Hemonia ou Thessalia.

(3) *Typhis.* O primeiro piloto de que ha noticia.

(4) *Filho de Agenor.* Cadmo.

E até tu mesma, que ao partir de Roma
Joven deixei, terás envelhecido,
Como creio, co'mal que hei supportado.
Oh! Permittam-me os numes, cara esposa,
Que como estás te veja, e em tuas faces
Possa depositar meus ternos beijos,
E abraçar-te o corpo emmagrecido,
Dizendo que a mim deve o mal que soffre,
E, misturando as lagrimas co'as tuas
Referir-te os meus tristes soffrimentos,
Entreter contigo alguns instantes,
Ventura que esperar já não podia,
E a Cesar e á esposa, digna d'elle,
Prestar com grata mão o sacro incenso.
Possa a mãe de Memnon (1) co'a rosea bocca
Bem depressa chamar tão faustos dias,
Que Cesar veja enfim apasiguado.

(1) *Memnon*. Segundo a fabula, filho de Tythão, personagem fabuloso, e da Aurora.

CARTA QUINTA

A Maximo

O teu antigo e não menor amigo
Roga-te, caro Maximo, que leias
Estas palavras, em que tu não debes
Buscar vestigios do meu genio antigo.
Não vão crer que o desterro meu não sabes.
Vês como o ocio corrompe o corpo inerte?
Como a agua não movida se vicia?
E eu, se versejar sabia um pouco,
Tudo o ocio levou ou pouco resta;
E estas mesmas palavras que ora escrevo,
Se me acreditas, vou traçando, amigo,
Com mão forçada, a custo e desgostoso.
Não se ageita o meu genio a este estudo;
E por mais que eu a musa minha invoque,
Recusa approximar-se ao duro Geta.
E comtudo procuro urdir meus versos
E, por muito que lide, e vel-o pódes,
Menos duras não são que o meu destino.
Relendo o que escrevi, eu me envergonho,
E, bem que auctor, confesso que ha ahi cousas
Que deviam riscar-se. Todavia
Não emendo, que mór trabalho fôra
Que aquelle que tivera; e a mente minha

Mal póde supportar o duro encargo.
Cumpriria tomar severa lima
E pesar termo e termo attentamente!
Ter-me-ha pouco atormentado a sorte?
Primeiro se unirá Ebro ao Nilo,
E as selvas do Athos se unirão aos Alpes?
Cumpre poupar o coração que soffre!
O boi esquiva ao jugo o leso collo;
Mas porventura os fructos correspondem
Da cultura ao trabalho? Acaso as messes
Recompensam com larga renda o campo?
Bem que percorras os passados annos,
Nenhum' obra acharás que util me fosse,
E oxalá que ruinosa me não fôra!
Deves pois admirar que ainda escreva,
E eu mesmo me admiro e me pergunto:
—Que ganharei com isto?—O povo clama
Que os poetas deliram, e eu garanto
D'essa maxima voz a realidade;
Porque mal pago por um solo ingrato,
Não cesso de semear na mesma terra?
É porque nos captiva o nosso estudo,
E deixamos a custo antigas artes:
O gladiador ferido abjura a lucta,
Mas em breve se esquece e volta ás armas.
Jura ao mar não voltar o naufragante,
E dentro em pouco vel-o-has remando.
Assim eu sempre recomeço o estudo,
E o culto renovo d'essas deusas
A que jámais devera dedicar-me.
E, que melhor faria? O ocio torpe
Não me póde quadrar. A ociosidade
É para mim equivalente á morte.
Não me apraz de passar a noite e o dia

Em largas libações ou revolvendo
Com vagarosa mão o dado incerto.
Dado o repouso que me pede o corpo,
Desperto, que farei de longas horas?
Esquecendo da patria antigos usos,
Apprenderei a armar o arco géta,
Os estylos barbaricos seguindo?
Nem mesmo as forças minhas o permitem,
E mais que o debil corpo esta alma póde.
Se o que pôsso fazer bem indagares
Verás que para mim nada ha mais util
Que as mesmas artes que não valem nada.
Meu destino esquecer assim consigo,
E basta que esta messe o chão me renda.
Excita-vos a gloria? Mas, applaudidos
Não serão vossos versos, se não forem
No côro das Pierides pensados.
O que facil me occorre escrevo apenas,
Nem ha motivo ahi de largo estudo.
E para que pulir com mão cuidadosa
Os versos meus? Receiaria acaso
Que não fossem dos Gétas festejados?
Talvez seja ousadia; mas no Istro
Genio não acharás que o meu supplante.
N'este solo em que vivo não é pouco
Entre os barbaros Gétas ser poeta.
De que me serviria em outro mundo
Alto renome? Tome-se este canto
Que a sorte me assignou, a minha Roma,
E com este theatro se contente
A minha infeliz musa. Dei-lhe causa,
E quizeram-o assim os altos nunes.
E nem eu creio que os meus livros cheguem
D'estas praias a esses sitios, onde

Só com azas cançadas chega o Bóreas.
Separa-nos um céo, e esta Ursa
Afastada de Roma o Géta encara,
E mal poderei crer que os meus trabalhos
Por tanto mar e terra achem passagem.
Suppõe que os leem comtudo, e, o que é pasmoso
Que os acham deleitosos...; mas tudo isto
Nada aproveitaria ao triste vate.
Posto que seja lido e elogiado
Na torrida Syene (1), ou n'esses mares
Que a Taprobana (2) indica rodeiam;
E, (subamos mais alto) se louvado
Pelas longinquas Pleiades tu fosses,
Que proveito tirar d'ahi pudéras?
Mas onde estás não chegam meus escriptos
E meu nome commigo deixou Roma.
E vós, que me julgastes fallecido
Quando se viu perdida a minha fama,
Creio tambem que ficareis calados,
Quando exhalar meu ultimo suspiro.

(1) Syene. Cidade da Thebaida meridional, hoje Assouan.

(2) Taprobana. Duvida-se se a Taprobana de que falla Ovidio é hoje a ilha de Ceylão, ou a de Sumatra em frente de Malaca, o que é mais conforme com o que diz Plinio, 6-22.

CARTA SEXTA

A Grecino (1)

Quando soubeste a minha desventura
Em terra extranha, entristeceste acaso?
Bem que o disfarces e dizel-o temas,
Se te conheço bem, muito sentiste.
Fereza tal não cabe no teu peito,
Nem menos com teus habitos repugna.
As artes liberaes, que tanto présas,
Noss' alma abrandam e a tristeza expulsam.
E ninguem tão fiel e fervoroso
As abraça e cultiva, quando o cargo
E os trabalhos da guerra t'o permittem.
E eu apenas recobrar-me pude
Do assombro e atordoamento em que ficara.
Um outro mal senti—do amigo a falta—,
Que podia prestar-me um grande auxilio.
As consolações tuas me faltavam
E, parte da minh'alma, os teus conselhos.
Porém, pódés prestar-me outros serviços.
Meu coração co'a tua voz consola,
E, crê-me, pois que nunca mentir soube,

(1) Grecino. Grecino foi consul no anno de Roma de 769. A elle são dirigidas egualmente as Epistolas 6.^a do livro 2.^o e 9.^a do livro 4.^o.

Que insensato seria, não culpado,
 E qual do meu passado a origem fosse
 Escrever não é facil nem seguro.
 De ser tocada teme-se a ferida;
 Não me pergunte como se fizera.
 Se queres que se feche, não lhe toques;
 E, seja como fôr, não dirás nunca
 Que haja ahi crime atroz, porém só culpa.
 E acaso toda a culpa contra os deuses
 Será terrivel crime? Assim, Grecino
 Esperanças ainda nutro n'alma
 De ver attenuado o meu supplicio.
 Quando esta terra odiosa abandonaram
 Os deuses, só ficou n'ella a esperança;
 É por ella que o escravo agrilhoado
 Vive esperando ver-se livre um dia;
 É por ella que o naufrago braceja
 Sem que de parte alguma terra aviste.
 Muitas vezes o enfermo abandonado
 E quando a arteria quasi já não pulsa,
 A esperança não perde e volta á vida;
 Diz-se que o réo no carcere encerrado
 Não deixa de esperar de ver-se livre,
 E pregado na cruz ainda espera.
 E quantos não ha ahi que, imposto o laço,
 Tentam suicidar-se e a deusa o estorva?
 E eu mesmo, quando, a mão lançando á espada
 E erguido o braço, terminar queria
 Meus tormentos, embargado fui por ella.
 —Que vais fazer — dizia — não precisas
 —De verter sangue; ás lagrimas recorre,
 —Ellas podem vencer de Augusto as iras.—
 E assim, posto que meritos não tenha,
 Muito devo esperar do deus bondoso.

Implora pois, Grecino, que me seja
Menos adverso; e teus sinceros rogos
O complemento de meus votos sejam.
E n'esta areia getica me enterrem
Se da tua efficacia e amor duvido.
Primeiro fugirão da torre as pombas,
As feras do covil, do pasto o gado,
E das ondas o aquatico volatil,
Que eu possa acreditar, caro Grecino
Que o velho amigo esqueças e atrações.
Se assim não é, morra eu e me sepultem
N'estas malditas e horridas areias.

CARTA SETIMA

A Messalino

Esta carta que lês, ó Messalino,
Como se eu te fallasse, te sauda,
Desde a morada dos ferozes getas.
Diz-te o logar acaso quem te escreve?
Precisarás que o nome meu te escreva?
E que outro amigo que Nasão não seja
Relegado aqui jaz no fim do mundo?
Oxalá que nenhum mais dos que te amam
Este paiz inhospito conheça.
Sobejo é que entre settas e entre os gelos
Eu viva aqui, se vida isto se chama.
Bastará que me opprima o horror da guerra,
O frio me atormente e o feroz geta.
Bastará que eu habite n'este clima
Que pomos não produz, nem produz uvas,
E de uma e outra parte o hoste ameaça,
Comtanto que os amigos teus restantes
De cuja multidão fui tenue parte
Possam viver tranquilllos e seguros.
Muito infeliz serei, se isto te offende
E disseres que nunca dos teus fôra.
Mas, se me engano, perdoar me deves;
Est' honra que me faço em cousa alguma

Diminuirá teu merito e renome.
Quem não se diz dos Cesares amigo,
Posto que os tenha apenas conhecido?
Não me crimines e serás meu Cesar.
Não devasso comtudo o que não devo.
Contente ficarei, se não negares,
Que a tua porta me estivesse aberta;
E, comquanto comtigo não tivesse
Mais outras relações que um' hora ver-te,
Era uma voz demais a cortejar-te.
Nem teu pae, promotor e causa e guia
Da nossa applicação, e a quem prestámos
Ultimo dom, as lagrimas sentidas
E os versos que no fôro se entoavam,
Jámais desapprovou nossa amizade.
Accresce que um irmão que muito te ama,
Quanto os Tindarios e Atridas se amaram,
Jámais menosprezou minha amizade.
Todavia bom grado me retracto
Se n'isto ha cousa que offendel-o possa.
Antes me repellisse a casa toda.
Mas não repellirá; pois ninguem póde
Evitar que um amigo em erro cáia.
Oxalá que negar podesse a culpa,
Como é sabido que não houve crime.
E se nada o meu erro desculpasse,
Pequena fôra do desterro a pena.
E o mesmo Cesar, que penetra tudo,
Reconheceu que a falta em que incorrera
Tinha mais de loucura que de crime.
Quanto o caso e eu proprio o permittia
Me perdoou, usando parcamente
Do fogo dos seus raios; bens e vida
Me não tirou, nem mesmo a esperança

De um proximo regresso, se vencida
Por tuas preces fôr a ira sua.
Foi grave a minha quédá, e não admira
Que as feridas de um nume sejam graves.
E, bem que Achilles retrahisse as forças
Quando Pelias ferira, nem por isso
Menos terrível foi da lança o golpe.
E, se o proprio juiz me favorece,
Mal póde repellir-me a tua porta.
Se menos cultivei (eu o confesso)
A tua casa, como deveria,
Foi mais um triste azar do meu destino;
Mas não mais obsequiámos casa alguma,
E ao vosso lar nos acolhemos sempre.
A amizade que a teu irmão consagras
É tal, que ainda que amigo teu não fosse,
Alguma estimação te merecera.
Se ao beneficio a gratidão se deve
Merecel-a será fortuna tua?
Mas, se dar-te um conselho me permittes
Pede que os summos deuses te consintam
Que sempre tu dês mais do que recebas.
E assim fazes, se acaso bem me lembro.
Sempre a muitos prestaste bons serviços.
Seja como quizeres, Messalino,
Comtante que dos teus me não separe.
E se não sentes de Nasão os males,
Sente ao menos que os haja merecido.

CARTA OITAVA

A Severo

Severo meu, gran' parte da minh'alma,
Os emboras do teu Nasão recebe;
Mas o que faço aqui me não perguntes;
Has de chorar, por mais que me resuma.
Em armas sempre e sempre em brava guerra
Com estes aljaviferos gentios,
Guerreiro e exilado ao mesmo tempo
Nenhum ha mais do que eu; todos os outros
Vivem em paz e não lhes tenho inveja.
Para indulgente seres com meus versos,
Nota que os faço com a espada á cinta.
Juncto ás margens do binome Danubio
Uma antiga cidade se levanta,
Que pela posição e fortes muros
Quasi que inexpugnavel se julgava;
Fundada foi pelos Egepcios Caspios (1)
Que lhe deram seu nome, se podemos
Acreditar a sua propria historia;
De improviso assaltada pelos getas,

(1) *Egepcios Caspios*. Estes egepcios caspios eram descendentes do povo que deu o nome ao mar Caspio.

Assassinados todos os Odrizios (1),
D'ella se apoderaram, sustentando
Contra o seu rei tenaz e dura guerra;
Mas o rei, por antiga stirpe illustre
E não menos distincto por seus dotes,
Prestes co'as suas tropas accudindo,
Tal castigo infligiu aos criminosos,
Que o seu excesso o fez tambem culpado.
E, possas tu ó Rei, que em nossa idade
Nenhum outro em valor ha que te exceda,
O sceptro sustentar com mão gloriosa,
E merecer da bellicosa Roma
E do gran' Cesar o louvor e amparo,
(O bem maior que desejar-te posso).
Mas, revertendo ao ponto que hei deixado,
Lastímo, caro amigo, que aos meus males
Se tenham ajunctado sevas armas.
Depois que a estas regiões estygias
Arremessado fui e vos perdemos,
Outomnos quatro as Pleiades marcaram;
Mas não creias que aqui eu sinto a falta
Da vida da cidade e seus prazeres;
O que sinto é a falta vossa, amigos.
A perda da querida esposa e filhos
Eis o que em meu espirito revolvo.
Depois da minha casa os sitios corro
Da formosa cidade, e attentamente
Tudo examino com os olhos d'alma.
Agora as praças vejo, agora os templos,
Os marmoreos magnificos theatros,

(1) *Odrizios*, naturaes de Odriza, cidade da Thracia, que então povoavam a cidade de Eglypso.

Os lageados porticos, as relvas
Do marcio campo que os jardins confronta,
Lagos, canaes, e as virginias aguas (1);
Mas, se privado fui de urbanos gosos,
Dos campestres gosar podera ao menos.
Não choro a perda dos pelignos (2) campos
Dos hortos e piniferas ladeiras
Que a via Claudia (3) co' a Flaminia (4) avistam
Campos dos quaes não sei quem hoje é dono,
Que outr'ora cultivei e a cujas plantas
Eu proprio, sem que d'isso me pejasse,
As aguas da nascente conduzia.
E lá devem estar (se ainda existem)
As plantas que dispuz e cujos pomos
Não serão pela nossa mão colhidos.
Prouvera aos Céos que ao menos o exilado
Compensar-se podesse d'essa perda,
Cultivando algum modico terreno.
Se licito me fôra, eu mesmo as cabras
Pendentes dos rochedos guardaria;
Ou encostado ao meu cajado vira
Pascer a ovelha nos relvosos prados.
E para me eximir de acerbos maguas,
Eu mesmo iria impôr o jugo aos touros;
Apprendera as palavras e ameaças

(1) *Virgineas aguas*. Estas aguas eram assim denominadas por terem sido descobertas por uma virgem e foram conduzidas a Roma por Agrippa.

(2) *Pelignos campos*. Os campos pelignos, propriedade de Ovidio, estavam situados entre os Marsos e os Samnitas, perto de Sulmona, patria do poeta.

(3) *Claudia*. Esta via partia de Roma e passava perto do lago Cimino.

(4) *Flaminia*. Esta via ou estrada, que tambem partia da cidade, passava pela Tuscia e Umbria e reunia-se á via Claudia no sitio onde Ovidio possuia uma propriedade que lhe tinha vindo em dote de sua mulher. Vide Amor, 3, Elegia 13.^a

Que os novillos conhecem e que temem.
 Eu mesmo, a mão na esteva, abrindo os sulcos,
 No terreno amanhado os grãos lançara;
 Nem desbravar a terra temeria
 Co' o largo alvião, e dera aos hortos
 A agua que sequiosos precisassem.
 Mas como o poderíamos, do hoste
 Por escassa distancia separados,
 De portas e muralhas mal seguras?
 Mas tu, quando nasceste, a fatal deusa
 Sómente deduziu solidos fios,
 O que de todo o coração me alegra.
 Agora te possui o marcio campo,
 Do Portico retem-te agora a sombra,
 Agora o Fôro que te prende pouco;
 Outra vez é a Umbria (1) que te chama
 Ou a via Appiana te encaminha
 Em teu rapido carro ao Agro Albano (2).
 Talvez ahi desejarás que Cesar
 Apazigue as suas justas iras.
 Pois sirva-me de hospicio a tua quinta,
 Ó amigo! É demais o que tu pedes!
 Modera-te, eu t'o rogo! Encolle as velas
 Ás tuas ambições! O que imploro
 É que exilio mais proximo me assignem
 E que não esteja á guerra exposto sempre;
 Fenecerão em parte os nossos males.

(1) *Umbria*, região situada entre os Tuscos e os Sabinos, onde sem duvida Severo possuia alguma casa de campo.

(2) Agro Albano. Esta propriedade de Severo estava situada perto de Alba entre os Sabinos e os Pelignos.

CARTA NONA

A Maximo (1)

Humedeci de lagrimas a carta,
Em que de Celso a morte me annuncias.
O que dizer-se illicito julgava
E que jámais acontecer podesse,
Li com olhos attentos e a custo.
Dês que estamos no Ponto, ao nosso ouvido
Jámais chegou tão cruciante nova,
E queiram os céos que mais se não repita.
Ante meus olhos se ergue a extincta imagem,
E como viva o meu amor a pinta.
Por vezes gracioso me parece,
Por vezes de severa gravidade.
Mas o tempo, que mais me occorre sempre,
É esse que eu quizera o ultimo fôra,
E em que, com forte abalo estremecendo,
Sobre mim desabou a casa minha.
E, quando tantos outros me deixaram,
Vi-te ao meu lado, ó Maximo, que firme
Não te assustaste co' a desdita minha;

(1) Vide Carta 2.^a

Vi-te chorar meu funebre sahimento
Como se na fogueira o irmão posessem.
Consolaste, abraçaste o decahido,
Uniste as tuas lagrimas ás minhas.
D'esta vida abhorrida, oh! quantas vezes,
Odioso guarda, não me suspendeste
A mão disposta a terminar meus dias!
Muitas vezes disseste—Inexoraveis
«Não são de um nume as iras; não duvides
«Que póde perdoar-te! A vida poupa!
«Mas foi de quanto disse o mais notavel:
«Vê de que póde Maximo prestar-te!
«Procurará com zelo infatigavel
«Que de Augusto o rancor não toque o extremo.
«E aos esforços do irmão os seus unindo,
«Tudo fará por adoçar teus males!»
Estas vozes um pouco attenuaram
O tedio d'esta lastimosa vida;
E acautela que inuteis se me tornem.
Costumava tambem jurar-me ás vezes
Que aqui viria ver-me, se licença
Para a longa viagem lhe outhorgassem.
Porque pelo meu lar tinha o respeito
Que eu tinha pelo Deus, Senhor do mundo.
Crê-me; tu tens innumerados amigos,
Mas a nenhum foi em meritos somenos,
Se é que o talento e eximia probidade
(Não a avoenga e riqueza) o nome illustram,
Justo é que a Celso morto agora sagre
As lagrimas que vivo me ha prestado,
Quando deixei forçado o patrio solo.
Justo é que nos meus versos registemos
Sua rara virtude, e que os vindouros
Possam ler o seu nome venerando.

Eis aqui tudo o que mandar-te posso,
D'esta getica terra ó tudo quanto
Aqui posso dizer que n'ella tenho.
Não pude acompanhar-lhe o sahimento,
Ungir-lhe o corpo, perfumar-lhe as cinzas.
Separa-me do seu sepulcro o mundo.
Emquanto vivo, Celso, olhou-te sempre
Como se um verdadeiro nume fosses.
E tu agora, Maximo, lhe déste
Tudo quanto podias. O sahimento
Carpindo acompanhaste e os frios membros
Com essencias e lagrimas ungiste;
Recolheste na urna cineraria
Os seus restos mortaes, que deposeste
No seu tranquillo e ultimo jazigo.
E, como ao morto amigo não recusas
Todas as honras que lhe são devidas
Entre os mortos contar tambem me pódes.

CARTA DECIMA

A Flacco

Flacco, Nasão do exilio te sauda,
Se é que podemos dar o que não temos;
Viciado o corpo por diurnas penas,
Não póde usar de esmorecidas forças.
Dores não soffro nem ardente febre,
Me suffoca e altera a pulsação das veias.
Embotado o padar, enjôo a mesa
E sinto que do cibo a hora chegue.
Tudo o que o mar produz, o céo, a terra
Nada ha hi que appetite me desperte
Inda que Hebe (1) com a sua mão formosa
Me offerecera o nectar e ambrosia
(Iguaria dos deuses), o seu gosto
Não despertara o paladar torpente,
No estomago pesando largo tempo.
E sendo isto purissima verdade,
A todos escrevel-o não ousara
Porque podem dizer meu mal fingido.
O que eu rogo é que aquelles que receiam
Que de Augusto o rancor se abrande um pouco,

(1) Hebe, filha de Juno, copeira de Jupiter que a substituiu por Ganimedes por ter em um festim cahido indecentemente.

As delicias desfructem que eu lastímo;
E o mesmo somno, que alimento presta
Ao debil corpo, nada me aproveita.
Velo, e velam sem fim as dores minhas,
E que o mesmo logar me está causando.
Vendo-me agora não me conheceras.
Dirás:—Que é feito d'essa côr que tinhas?
É pouco já do exilado o sangue,
E os membros meus, mais pallidos que a cera.
De Lyeu (1) não o devo ás demasias;
Sabes que bebo apenas agua pura.
Nos banquetes não como mais que devo,
Nem mesmo aqui o abuso facil fôra.
Não me alquebram aqui venereos gosos
A contristados leitos pouco affeitos.
As aguas, o logar, são insalubres;
Mas o peor que tudo é a anciedade
Que jámais cessa de affligir meu peito.
Se tu com teu irmão conjunctamente,
Consolar-me podesses, grande parte
D'esta minha tristeza alliviaras.
Amiga enseada sois para o meu barco
E a protecção me dais que outros me negam.
Continuai-m'a sempre, eu vol-o rogo;
Porque ha de ser indispensavel sempre,
Emquanto Cesar me não fôr propicio.
Unidos deprecai aos vossos deuses
Não que Cesar deponha a justa ira,
Mas que modere a merecida pena.

(1) Lyeu, sobrenome de Baccho e se toma pelo mesmo vinho.

LIVRO SEGUNDO

CARTA PRIMEIRA

A Germanico (1)

Aqui tambem chegou a novidade
Do Cesareo triumpho, aqui, aonde
Do Noto as auras fatigadas chegam.
Julgava que nas Scythicas malezas
Nada podia haver que me alegrasse.
Menos que d'antes este sitio odeio;
Alguma cousa vi por fim, sereno,
De cuidados crueis expulsa a nuvem,
E deu um desmentido á sorte minha.
Bem que Cesar me negue regosijos,
D'este não poderá sequer privar-me.
Os deuses, para que lhes prestem culto
Com bondosa piedade, não consentem
Que em seus dias de festa haja tristezas.
Emfim, posto que seja um devaneio,
Este prazer terei bem que o prohiba.
Sempre que Jove com propicias chuvas
Os dessecados campos reanima,
Na seara cresce a pertinaz bardana;

(1) Germanico (Drusus Nero), filho de Druso Nero, neto e filho adoptivo de Tiberio, a quem foi dado o titulo de Germanico por ter conquistado a Germania.

E nós mesmos, qu' um' herva inutil somos,
 O frugifero auxilio desfructamos,
 Se bem que de máo grado concedido.
 Nos jubilos mentaes de Cesar temos
 Uma parte viril (1), e em sua casa
 Nada haverá que publico não seja.
 Graças te dou, ó fama, que permittes
 Que, entre estes rudes getas encerrado,
 Possa ver o magnifico triumpho.
 Por ti soube que gente innumeravel
 Para ver o seu chefe se ajunctara,
 E que Roma, que abarca com seus muros
 O orbe inteiro, conter podia apenas.
 Narraste-me por quantos dias chuvas
 O Austro derramara antes da festa,
 E por quantos o Sol sereno e puro (2)
 Na face dos Romanos reflectira.
 Ledo, como cumpria n'um tal dia,
 Aos distinctos varões distribuim premios;
 E, antes que a toga triumphal vestisse,
 Os perfumes queimou no altar sagrado.
 De seu pae exorou piedosamente
 A justiça, que sempre no seu peito
 Achou guarida e amparo indefectivel.

(1) Parte viril. Parte viril dizia-se a que tocava a cada herdeiro por cabeça.

(2) Este factó foi cantado por Virgilio (?) no seguinte epigramma :

Nocte pluit tota; redeunt spectacula mane.
 Divisum imperium cum Jove Cæsar habet:

que nós traduziremos :

Chuva torrencial durante a noite;
 Desponta o dia e voltam os festejos;
 Governam por seu turno Jove e Cesar.

Por onde quer que dirigia os passos,
O ar com applauso e benções resoava
E as rosas o lagedo enrubesciam.
Esculpidos em prata iam na frente
Os muros e as cidades conquistadas,
Vencidos rios, montes e pastagens,
Entre florestas, arremessos e armas.
O ouro, que no triumpho se ostentava,
Se o Sol o incendiasse, bem podéra
Illuminar do Forum os largos tectos.
Eram tantos os chefes, que seus collos
Sob os grillhões do vencedor curvavam,
Que um inimigo exercito os disseras.
D'elles a maior parte obtiveram
Com seu chefe Batão (1) indulto e vida.
E dizer poderei que a ira divina
Em meu favor não póde moderar-se,
Quando para o inimigo é tão clemente?
Referiu-nos tambem a mesma fama,
Germanico, que n'esta augusta pompa
Appareceram com teu nome inscriptas
Differentes cidades, que ao teu braço
Resistir não poderam pelas armas,
Por sua posição ou fortes muros.
Dêem-te os deuses dilatados annos.
Em ti mesmo acharás o mais que anhelas.
Longa vida é sómente o que precisas.
Isto rogo e será, porque em verdade
O vate prophetisa, e fausto agouro
Propicio, ao meu desejo, os céos me deram.
Ver-te-ha Roma triumphante no teu carro

(1) Batão, general Pannonio, trazido para Roma por Tiberio Ravenna.

Subir do Tarpeiano forte ao cimo ;
Verá teu pae a honra, que, tão joven,
Te é prestada e que elle mesmo outr'ora
Havia já prestado aos seus maiores.
Tu, que na paz e guerra és já modelo,
Não esqueças que agora te annuncio
Qual será teu porvir; e que em meus versos
Os teus feitos talvez serão cantados,
Se em vida resistir aos meus tormentos,
E não se ensope em meu sangue a Thracia,
Ou decepe a cabeça a espada geta;
Mas, se antes que eu falleça receberes
Em nossos templos do triumpho a palma,
Duas vezes dirás—foi certo o agouro!

CARTA SEGUNDA

A Messalino (1)

Esse que desde os seus mais tenros annos
Respeitou sempre, attento, a casa tua,
Expulso no sinistro Ponto Euxino,
D'entre os getas indomitos te envia
A saudação, que outr'ora, Messalino,
Ovidio pessoalmente te prestava.
Ai de mim, se o teu rosto, ao ver meu nome,
O mesmo não ficou que d'antes era
E na leitura proseguir hesitas!
Continúa... e commigo o não desterres;
Podem na vossa Roma estar meus versos.
Nunca pensei que montes sobrepondo (2),
Os astros com a mão tocar podesse;
Nem, sequaz do Encelado (3), insensato
Declarei guerra aos arbitros do mundo;
Nem, qual Tydeo (4), com temeraria dextra

(1) Messalino, cavalleiro de familia consular, de grande importancia em Roma.

(2) O Ossa e o Pelias, montanhas altissimas da Thessalia, que os gigantes, pretendendo escalar o céo, sobrepozeram uma á outra.

(3) Encelado, filho da Terra, o qual Jupiter fulminou e sepultou no Etna.

(4) Diomedes, filho de Tydeo, que na guerra de Troia ferira a mão de Venus, com um bote da lança, que tirara a Eneas. V. Homero, Iliada 5.^a

Contra algum Deus arremessei a lança.
Foi grave a culpa; porém foi só minha,
E só a mim prejudicar podia
Ou ser mais gravemente castigada.
Podem notar-me de ignorante e louco,
Mas nenhum outro nome dar-me podem;
Com Cesar incorri, confesso, em culpa.
E pódes tu também com bom direito
Mostrar-te ás minhas supplicas difficil,
Pois que é tal o respeito que consagras
A qualquer, que de Julio o nome tenha,
Que offensa que soffrer a julgas tua.
Ou te armes, e o braço teu levantes
Para ferir-me, não temas que resista.
Ao argivo Achimenides guarida (1)
Presta iliaca nau; e o rei da Mysia
Cura Achilles co' a lança que o ferira.
Não poucas vezes ao altar se acolhe
O seu violador, e não recusa
De implorar o favor do deus que offende.
Dirás—*não é seguro*—nem o nego;
Mas não singra o meu barco em mar sereno.
Outros demandem regiões tranquillias.
Não teme riscos a miseria extrema,
Porque nada peor sobrevir póde.
Quem deixará de subtrahir-se á sorte,
Quando da sorte é victima arrastado!
Muita vez duro espinho rosas gera.
O que arrebatam vagas espumantes
Para as sarças os braços seus estende,
E ás duras rochas agarrar-se busca.

(1) Achimenides, companheiro de Ulysses, por cujo aviso Eneas escapou á crueldade dos Cyclopes.

A ave, que evitar o açôr terrível
Tenta, batendo as azas trepidantes
Até do homem, cançada, busca o seio.
Nem a corça, que foge espavorida
Da matilha inimiga que a persegue,
Duvída penetrar no tecto amigo.
As minhas tristes lagrimas attende,
Eu t'ó depreco; e não cerres a porta
Á minha prece tímida, e a transmite
De Roma aos deuses com piedoso affecto,
Deuses que tu respeitas e que adoras,
Como do Capitolio e raio os deuses.
Meu mandatario, a peito a causa toma,
Bem que em meu nome causa alguma é boa.
Já proximo do frigido sepulcro,
Não serei sem fadigas afanosas
Salvo por ti, se preservar-me pódes.
Em meu favor outorgue-te hoje Cesar
A graça costumada, e nunca falte.
Inspire-te a eloquencia hereditaria,
Brilhante sempre, e que por tantas vezes
Poude valer ao tremulo accusado,
Porque do pae em vós vive a eloquencia,
Dom que em vós encontrou condigno herdeiro.
Não imploro que intentes defender-me,
Que defesa não tem o réo confesso.
Não exluas, porém, o erro do factó;
Se convém discutil-o, a ti compete.
Feridas ha de genero incuravel,
Que julgo mais seguro abandonal-as.
Silencio, e accrescentar nada mais deves.
E oxalá que nas minhas proprias cinzas
Tudo o mais supportar emfim podesse.
Falla, como se quasi nenhum erro

Me houvesse seduzido, e gosar possa
D'esta vida que ao grande Cesar devo.
E, quando mais tranquilla e socegada
Mostrar a fronte que o imperio occupa,
Supplica-lhe que não me entregue em presa
Aos indomitos barbaros do Euxino,
E exilio menos duro me conceda.
O ensejo para a supplica é propicio,
Vive feliz, e prospera vê Roma,
Co' as grandezas e forças que lhe ha dado;
Uma esposa fiel os céos protegem;
Da familia o poder seu filho augmenta,
Germanico em valor a edade excede,
E Druso não desmente o esforço avito;
A nora, pias netas, e mais prole,
Florescem na mais prospera fortuna;
Os peonios succumbem, e forçados
Nas montanhas os Dalmatas repousam;
Depondo as armas não recusa a Illyria;
Curvar a fronte escrava aos pés de Cesar.
Elle mesmo, de placido semblante
Pela virgem Phebêa ornada a fronte
O respeito e attentões attrahe de todos.
Cercam-o filhos, de seu pae condignos
E das honras que d'elle receberam.
Parecido aos irmãos, que perto habitam,
Julio, o divino, os vê do seu alcaçar;
Nem tu lhes negarás, prezado amigo,
Pois que tudo ceder lhe deve o passo,
No publico interesse a primazia.
Só ha questão de amor no mais que resta,
E n'este amor não serás tu segundo.
Honras o que em edade prematura
Te premiou com merecidos louros.

Venturosos aquelles que poderam
Aos seus triumphos assistir pomposos,
E a face ver do principe divino.
A mim em seu logar sómente cabe
Do Sauromata ver o feroz rosto,
Terras sem paz e ondas regeladas.
Se me ouves pois e a ti minha voz chega,
Obtem-me do principe outro exilio.
E teu pae, que honrei sempre desde a infancia,
Se a alma (1) do finado sente ainda,
Por mim com seu irmão se empenhe e rogue;
Peça-o tambem o teu irmão contigo,
Bem que receie que fatal te seja
De salvar-me o desejo; emfim que o peça
Toda a tua familia. E tu bem sabes
Que dos amigos teus sempre fiz parte;
E pelo menos festejaste sempre
Esse genio fatal que me ha perdido,
A Arte de amar exceptuando apenas:
E retirando esse ultimo peccado,
Não ha na minha vida cousa alguma
Que possa deshorrar tua familia.
Emfim prospere o sanctuario vosso;
Os Cesares e os deuses te protejam,
Se a sua divindade deprecares
(Irada contra mim não sem motivo)
Que d'estes brejos scythicos me livre.
Não é facil, confesso; mas caminha
Por entre escolhos a virtude eximia,
E a minha gratidão será sem termo.
E todavia não terás a ouvir-te

(1) *Umbra*, diz o poeta.

No seu antro o ferreiro Polyphemo (1)
Nem um barbaro Antiphates (2); mas antes
Um pae bondoso, a perdoar disposto,
E que sem raios muita vez troveja.
Que se triste castigo acaso ordena,
Elle mesmo mais triste ainda fica,
Como se partilhasse a pena sua;
Venceu na clemencia a culpa nossa,
Coacta a ira, lançou mão da força.
Separado da patria por um mundo,
Ante os deuses prostrar me não é dado;
Tu, sacerdote seu e seu devoto,
Minhas humildes preces lhe apresenta,
Junctando-lhe benevolas instancias,
Se não julgares que serão nocivas.
Perdôa-me, não ha mar que não tema
A victima de um misero naufragio.

(1) Polyphemo. Um dos Cyclopes, filho de Neptuno e Thoas, que habitava a ilha de Sicilia.

(2) Antiphates, rei dos Lestrigões, povo de anthropophagos, notavel pela sua crueldade.

CARTA TERCEIRA

A Maximo

Maximo, que em virtude o nome egualas,
Nem soffres que te exceda a estirpe antiga,
Tu, que emquanto vivi estimei sempre,
(E poderei dizer que ainda vivo?)
Não desprezando o amigo desgraçado
Fazes o que rarissimo acontece.
É vergonha, mas cumpre confessal-o:
Hoje a amizade está só no interesse,
Procura-se o proveito antes do honesto.
Subsiste a lealdade ou cahe por terra,
Se a fortuna inconstante sóbe ou desce.
E um acharás entre milhares de homens
Que entenda que a virtude não precisa
D'outro premio; e que o feito, inda o mais bello,
Se não tem recompensa nada vale.
Sómente o que aproveita nos é caro.
Se a esperança do lucro emfim tirares
Ao cubigoso, ninguem mais te busca.
Hoje amamos sómente as nossas rendas,
E anciosos pelos dedos as contamos.

A amizade, essa deusa outr'ora sancta,
Como rameira vil se compra e vende;
E tanto mais te admiro, ao ver-te affeito
A torrente affrontar de tanta infamia.
Só é prezado o que a fortuna afaga,
Se o trovão ruge, em torno tudo foga.
Aqui me vês; emquanto a minha barca
Singrava em segurança e vento em pôpa,
Não faltaram innumeròs amigos;
Mas, rompendo a medonha tempestade,
Só me achei, rôta a pôpa em mar desfeito.
E, quando a maior parte até receia
De mostrar que já foram meus amigos,
Apenas tu e dois ou tres ficaram
Para no meu naufragio soccorrer-me.
Tu o primeiro foste, e eras digno
De não ser o segundo a dar o exemplo;
E, no teu proceder só procurando
De tu'alma o sincero testemunho,
Mostras que amas o honesto, a probidade,
Só de per si, sem outra recompensa.
A teus olhos é torpe e vergonhoso
Repellir na desgraça um triste amigo,
Que por ser infeliz não te abandona.
A humanidade exige que prestemos
Benigno auxilio ao nadador em risco,
Não que no fundo pelago se abysme.
Vê o que pelo amigo fallecido
De Iacco o neto practicara outr'ora.
E minha vida, crê-me, é quasi a morte.
Theseu Perithoo segue até á Estygia.
E que distancia d'ella nos separa?
Jámais abandonou o joyen Phocio
O amigo Orestes, da razão privado.

E em minha culpa insensatez não falta.
Com esse heroe partilha pois a gloria
De tamanha virtude, e continúa
A proteger o amigo desgraçado.
Se te conheço bem, e és o mesmo
Que em outro tempo foste, mais a sorte
Adversa se mostrar, tanto mais força
Contra ella empregará; e tem cuidado
Que não te vença como a honra o exige
E o ardor do inimigo na contenda,
Sirva só de exaltar o teu esforço,
E o mesmo que me offende assim me sirva.
Sem duvida, excellente e amavel moço,
Tens por indigno unir-te á comitiva
D'essa deusa que sobre a roda gira.
Tua constancia esmorecer não póde;
E, se vacillam na tormenta as vélas
Do meu barco, dirige-as como cumpre;
E se a ruina inevitavel julgas,
Em teus hombros offerece-lhe um amparo.
Ao principio era justa a ira tua,
Como era justa a colera d'aquelle
Que as imprudencias minhas provocaram.
A indignação, que entrou no peito augusto,
Desde logo juraste partilha-a;
Mas, dê's que a origem do erro meu soubeste,
Do desvario meu te apiedaste.
Então veio trazer-me a tua carta
Um principio de allivio co'a esperanza
De poder-se abrandar o deus queixoso.
Então tu te sentiste commovido
Pela amizade antiga, que em meu peito
Despontara ainda antes que existisses.
Tu lembras-te que amigo meu nasceste,

E que infante no berço te beijara.
Depois de ter por tanto tempo honrado
Toda a tua familia, é forçoso
Que seja para ti pesado encargo.
Modelo dos romanos oradores,
Cuja eloquencia á estirpe recrescia,
Foi teu pae quem me animou primeiro
A confiar os versos meus á fama,
E foi do genio meu o douto guia.
E teu irmão não poderá por certo
Dizer-nos quando comecei de amal-o;
Mas foste tu e mais que nenhum outro
Que as minhas affeições todas uniste,
E na minha fortuna tão diversa
Gosaste sempre o meu primeiro affecto.
De Italia as costas viram-me contigo
De lagrimas regando a riba extrema.
Quando me demandaste se os boatos
Que contra mim corriam eram certos
Fiquei embaraçado, sem que ousasse
Affirmar ou negar; pallido o rosto
O meu temor e confusão mostrava.
Como a neve que em chuva o sol dissolve,
Inundavam-me as lagrimas o rosto.
Estas recordações te são presentes.
Pensas que tem desculpa a falta minha,
Como deve escusar-se o erro primeiro;
E é por isso que tu, de um velho amigo,
No infortunio, os olhos não retiras.
E nas minhas feridas cruciantes
Salutifero balsamo derramas.
Por beneficios tantos (se me é dado
Votos formar em plena liberdade)
Rogo aos deuses que infindos bens te outorguem.

Mas, se devo cingir-me aos teus desejos
Sómente pedirei que te conservem
De teu pae e de Cesar a amizade.
Esta era a oração, se bem me lembro
Com que principiavas, quando o incenso
Aos deuses sobre o altar offerecias.

CARTA QUARTA

A Attico (1)

Estas palavras, que Nasão te envia
Das congeladas margens do Danubio,
Recebe, Attico, fido e caro amigo.
Lembras-te inda de mim, ou já meu nome
Do coração baniste? Não! os deuses
Susceptiveis não são de tal crueza.
Não posso acreditar-o. É impossivel,
Que de mim te esquecesses; tua imagem
Diante dos meus olhos está sempre.
Vejo tuas feições, e me recordo
Nossas conversas sobre assumptos serios
E cousas mil, interessantes sempre.
D'est'arte abreviavamos o tempo
Ou se alongava a noite até ao dia.
Outr'ora os versos, que compunha, ouvias
E a musa juvenil te sujeitava.
Para mim teu applauso era o do povo,
E do trabalho meu premio o mais doce.

(1) Attico, ou antes Tito Pomponio, sogro de Agrippa e que particularmente se distinguia pela benevolencia com que protegia as victimas das dissensões civis. Compoz Annaes que se perderam e suicidou-se para subtrahir-se aos tormentos de uma doença aguda de que padecia.

Muitas cousas mudei por teu conselho.
Muitas vezes os porticos, o fôro
As ruas junctos viram-nos passeiando
E nos theatros um a par do outro.
Emfim, amigo meu, nossa amizade
Em nada cede á que tivera Achilles
Pelo neto de Actor (1). Bem que bebesses
Da Lethea corrente, não podera
Crer que do coração teu me banisses.
Longos dias virão na fria quadra
E no solsticio menos breve a noite;
Cessará o calor em Babylonia,
Nem mais frio haverá no Ponto Euxino,
Antes, amigo, que de mim te esqueças.
O mal-me-quer excederá o aroma
Dás rosas suavissimas de Pesto (2).
Não, não é tão mofina a sorte minha.
Acautela, porém, que se não diga
Que em minha confiança fui burlado.
Fielmente protege o velho amigo.
Quanto poderes, sem pesado encargo.

(1) Neto de Actor, Patroclo.

(2) Pesto. Refere-se o poeta ás rosas de Pæstum, cidade da Lucania, abundantissimas e de rara fragrancia.

CARTA QUINTA

A Salano

A Salano Nasão saude envia,
E estas breves palavras mesuradas
Em disticos alternos. Queira a sorte
Que tudo te vá bem. Tua bondade
Hoje virtude rara, bem mereçe
Os votos que por ti aos Céos dirijo.
Conhecendo-me pouco, têm-me dicto
Que o meu desterro te affigira, e quando
Os versos lêste que enviei do Ponto
Assim mesmo, como eram, os louvaste,
E mostraste desejo de que Cesar,
Que os deuses amam tanto, se applacasse.
Não o levara a mal o mesmo Cesar.
Era expressão de um coração bondoso,
O que a faz para mim de mór valia.
O que mais deve commover-te, amigo,
É o logar medonho em que padeço.
Não ha no mundo, crê-me, terra alguma
Em que menos socego e paz se gose.
E comtudo esses versos, que aqui faço
Entre os horrores de incessantes guerras,
Tu os lê's, os approvas e elogias,
E quanto emana d'uma veia esteril

Transformas tenue arroio em largo rio.
Sim, préso de bom grado os teus louvores;
Bem que ao prazer o infeliz se esquivava.
Quando a musa em levianas cousas brinca,
Á lide facil presta-se o meu genio;
Mas, quando aqui chegou ha pouco a fama
Do glorioso triumpho, mór empenho
Empreendi, e da proeza o brilho
Minha imprudente audacia lia mallogrado.
Ahi só louvar pódés bons desejos;
Sob o peso do assumpto, o mais languescer.
Se porventura a ti chegar meu livro,
Protege-o, eu t' o rogo, e fal-o-hias
Ainda mesmo que eu t'õ não pedisse.
Tua vontade augmente a voz do amigo.
Não mereço elogios, mas teu peito
É mais puro e mais candido que a neve.
Deveras ser dos outros admirado
Pela tua eloquencia e teus talentos.
Que mais louvor mereces que prestal-os.
O mais joven dos principes romanos,
A quem deu a Germania um nome illustre,
Comtigo se associa em seus estudos
Desde a mais tenra idade, e te amou sempre
Pelo teu genio e rigidos costumes.
Fallas? A ouvir-te accode attento
E sua voz co' a tua se harmonisa.
Calas-te? O silencio reina em torno.
Julio, do seu cognome digno em tudo
Como o astro que do Oriente resplandesce,
Levanta-se e, de pé, sua attitude
Seu aspecto, seu ar, seu vestuario,
Tudo o orador esplendido annuncia.
Chega o momento emfim e a voz que solta

Não humana a dirás, mas voz de um nume,
Tal é a distincção com que se exprime!
E todavia tu, que és seu valido
E cuja frente pelos astros roça,
Estimas do exilado vate as obras.
É porque entre os espiritos unidos
Por estudos communs ha sympathias
E certa alliança que jámais quebramos.
O camponez os lavradores ama,
O soldado o soldado, e o marinheiro
O nauta que o seu barco incerto guia.
Assim amas as musas que cultivas
E meu genio em teu genio amparo encontra.
Nosso labor differe, mas confronta
E artes liberaes ambos seguimos.
Tu empunhas o thyrsos e eu cinjo a laurea;
Mas a ambos o estro é necessario.
Se aos versos meus tu dás mais energia,
D'elles tua palavra o brilho toma.
Pensas, pois com razão, que fraternisam
Nossos estudos e ficar devemos
Sempre fieis ao professado culto.
E faço votos, porque nunca deixes
De conservar o amigo a quem pertences,
E que um dia o senhor de todo o orbe
Sustente em suas mãos do imperio as redeas;
Votos, que faz commigo, o mundo inteiro.

CARTA SEXTA

A Grecino (1)

Esse Nasão, que outr'ora te saudava
Perto de ti, agora te endereça
Do inhospito Euxino, estes seus versos,
Unica lingua. que ao banido resta.
Se escrever não podesse, mudo fôra.
Extranhas com razão a falta minha,
Porque mais do que soffro merecera.
Pena é que a censura venha tarde;
Advertir-me cumpria, quando eu mesmo
Meu barco governar podia ainda
Para salvar-me das Ceraunias rochas (2).
E naufragar em miseros cachopos.

(1) Vide Elegia 7.^a, livro 1.^o

(2) Ceraunias rochas. Ceraunia é uma montanha do Epiro, que prolongando pelo mar dentro, o divide em Jonio e Adriatico; é extremamente perigosa para a navegação, como se collige de Lucrecio, livro 5.^o:

Oraeque malignos
Ambratiae portus, scopulosa Ceraunia nautae
Summa timent.

E depois do naufragio, de que serve
Saber a rota que seguir devia?
Antes a mão auxiliadora estende
Ao naufrago que nada fatigado,
E não desdenhes sustentar-lhe a fronte.
É o que fazes; e não cesses, rogo,
E sejam-te propicios sempre os deuses,
Á tua mãe, esposa e irmãos queridos,
Para este voto que incessante fórmás
De quanto fazes aprazer a Augusto.
Que vergonha não é que tu não possas
Socorrer d'algum modo um velho amigo,
Recuar, não manter-se com firmeza
E abandonar na tempestade o barco!
Que vergonha seguir o azar da sorte
E curvar-se á fortuna abandonando-o,
Só porque é infeliz um triste amigo!
Não foi assim que outr'ora procederam
De Strophio (1) e d'Agamemnon os filhos.
Nem foi tal a amizade que tiveram
De Egêo o filho e o celebre Perito.
Admirados nos seculos passados
Sel-o-hão tambem nos seculos futuros,
E jámais deixa a scena de applaudil-os.
Tu és digno tambem de ser contado
Entre estes celeberrimos amigos
Pela tua amizade inalteravel,
Pois que o mereces por teu pio affecto.
Ingrato não serei, e nos meus versos
(Se a perecer não forem destinados)
Lerão teu nome as posteras edades.

(1) De Strophius e Agamemnon os filhos—Pylades e Orestes.

Conserva-te leal e sempre firme,
Sem que o tempo enfraqueça o teu affecto;
Sei que tudo o que podes por mim fazes;
Mas, posto que servido com bom vento,
Não deixarei tambem de usar do remo.
Não é nocivo que em carreira aberta
Sinta o corcel o calcanhar que o punge.

CARTA SETIMA

A Attico

Primeiro te saúdo, Attico amigo,
Desde estes Getas que guerreiam sempre;
Depois para pedir-te novas tuas
Saber em que sollicito te empregas,
Se nos trabalhos teus de mim te lembras.
Não o duvido; mas tamanho medo
Tenho do mal, que, bem contra vontade,
Inquietações sem fundamento nutro.
O excessivo temor desculpa, amigo.
Teme o naufrago a onda a mais tranquilla
E o peixe, do anzol perfido ferido,
Teme sempre encontrar no cibo o gancho.
A ovelha do rafeiro foge ás vezes
Crendo em seu protector um lobo infesto.
Teme o mais leve tacto o léso membro,
Teme o medroso a mais ligeira sombra.
Ferido assim dos dardos da fortuna,
Meu coração só em desgraças pensa.
Já agora, assim o creio, o meu destino
Seguirá sempre a costumada esteira.
Creio que os deuses se acham empenhados
Em perseguir-me em tudo, e em vão tentara
Contrariar as decisões da sorte.

*

Ella, que d'ordinario é tão voluvel,
Sómente em me perder é firme e estavel.
Minha sinceridade bem conheces;
E os meus infortunios são tão graves,
Que impossivel me fôra exaggeral-os.
E poderás contar mais facilmente
As espigas das messes da Cyniphia (1)
E as flores que do Hybla (2) o thymo cobrem;
Quantas aves no ar as azás batem,
Ou quantos peixes no oceano vogam.
Um povo mais feroz não ha no mundo,
Que o povo geta e todavia os sentem.
Se narrar em meus versos intentasse
Quanto por mar e terras hei soffrido,
Uma Iliada extensa comporia.
Se temo, pois, não é de ti que eu temo,
Que tantas provas de affeição me has dado.
Tem-me tornado timido a desgraça
E a alegrias cerrei, ha muito, a porta.
Soffrer é para mim habito antigo.
Bem como a agua sem cessar ferindo,
A dura rocha a escava, assim a sorte
Me fere sem cessar, e já não acha
Espaço para abrir ferida nova.
Tanto trabalho não consome a relha!
Tão trilhada não fica a Appia via
Pelo assiduo volver das curvas rodas,
Como sinto o meu peito esmorecido
Pela oppressão de successivas dores,
Sem que o mais leve lenitivo encontre.

(1) Cyniphia. A Libya, cujas searas se desenvolvem prodigiosamente com as inundações do Cinyphs.

(2) Hybla. Montanha da Sicília, que abunda em tomilho e mel.

Outros nas artes têm achado a gloria;
Porém eu, ai de mim! no meu talento
Só tenho achado a minha desventura.
Até então foi pura a vida minha
Sem que soffresse a macula mais leve,
Mas isso nada aproveitar-me poude.
Por supplicas de amigos muitas vezes
Perdoado se têm pesadas culpas;
Mas a amizade para mim foi muda.
Em caso adverso a alguém serve a presença,
E a mim o temporal feriu-me ausente.
E quem não temerá de Augusto a ira,
Bem que a não manifeste?! Ás minhas penas
Terriveis expressões se accrescentaram;
O tempo de partir não pouco importa,
E eu vi-me arremessado em mar desfeito
Das perigosas Pleiades na quadra.
Ás vezes ri ao nauta tempo amigo,
E nunca á nau de Ulysses foi tão duro.
Companheiros fieis não poderiam
O meu mal suavisar; mas, bando infame,
No meu espolio procurou cevar-se.
A dureza do exilio o sitio adoça
E no mundo não ha de pólo a pólo
Terra mais triste e infeliz do que esta.
Algo vale da patria a vizinhança,
Estou aqui nos terminos do mundo.
Os teus louros, ó Cesar, asseguram
A paz aos desterrados; mas o Ponto
A inimigos ferozes se acha exposto.
Dos campos a cultura é agradável
Mas aqui o inimigo a não permite;
Doce clima recreia a mente e o corpo
E frio eterno os Sarmatas regela.

Que ha mais grato que una agua doce e pura?
E aqui não temos mais que as aguas turvas,
Inspidas, salôbras, d'estes brejos.
Ao mesmo tempo aqui tudo me falta,
Mas a tudo meu animo resiste
E as minhas forças corporaes redobram.
Não podemos suster um peso enorme
Sem que façamos um immenso esforço.
Por pouco que fraquejes, cahes por terra.
Se apaziguar não esperasse o nune,
A morte desejara e succumbira.
Tuas consolações, querido amigo,
(Pois és dos poucos que feis me foram)
Têm subido valor; vai por diante,
Do temporal em meio não me deixes,
Teu amigo conserva e teu bom senso.

CARTA OITAVA

A Maximo Cotta

Recebi os dois Cesares (1) e foste,
Maximo Cotta, quem m' os enviaste;
E para realçar o teu presente,
Livia junctaste aos Cesares queridos;
Prata feliz e mais feliz que o ouro,
Metal informe ha pouco, agora és nume.
Enviando-me innumera riqueza,
Nada me deras que prezasse tanto.
Ver os deuses alguma cousa vale,
Pensar, tel-os ao pé e conversal-os,
Como se deuses verdadeiros fossem.
Divino dom! Nos terminos do mundo
Já me não julgo; mas feliz, alegre
Como no coração de Roma outr'ora.
Como d'antes de Cesar vejo o rosto,
Dita que apenas esperar podia,
E, como d'antes o saudo agora.
Na minha volta, Maximo, de certo
Nada de mais valor poderás dar-me.
Que falta aos olhos meus? Os reaes paços?
E, sem Cesar, que importa o seu alcaçar?

(1) Os dois Cesares. Os retratos de Augusto e de Tiberio.

Ao ver seu rosto vejo a mesma Roma,
 Porque em suas feições Roma se pinta.
 Será illusão minha? Ou nos seus olhos
 Já não ha o rancor com que me viam?
 O torvo aspecto ameaçador é sempre?
 Heroe que um mundo na virtude excedes,
 Perdão! Suspende o vingativo raio.
 Perdão! Honra immortal dos nossos tempos,
 Que pelos teus cuidados afanosos
 Soberano do orbe te revelas.
 Pela patria, que mais que tudo estimas,
 Pelos deuses, que sempre te attenderam,
 Pela condigna e adorada esposa
 A quem não pesa a tua majestade,
 Pelo filho, que em merito e virtudes
 Te retrata e prova ser teu filho;
 Pelos netos, do pae e ayô condignos,
 Que a largos passos na carreira avançam,
 Que pelos votos teus lhes foi marcada,
 Á minha pena algum allivio outhorga
 E algum logar ao menos me concede
 Longe da Scythia, onde em socego viva.
 E tu, proximo a Cesar, (se é possível)
 Contrario ás minhas supplicas não sejas;
 E, captiva a Germania dentro em pouco,
 Os teus cavallo triumphaes preceda.
 Mais que o velho de Pylos teu pae viva (1),
 E mais tua mãe do que a Cumana virgem (2).
 E tu, socia tambem, d'un digno esposo (3)
 Os rogos meus benignamente escuta:

(1) O velho de Pylos. Neston, que dizem que viveu trezentos annos.

(2) A Cumana virgem. A Sybilla de Cumas.

(3) Livia, mulher de Augusto.

O caro esposo os deuses te conservem,
 O filho (1), netos (2), virtuosas noras
 Com a sua progenie; e seja Druso (3)
 Que a Germania cruel te arrebatara,
 A derradeira victima da sorte;
 E seu irmão, do irmão vingando a perda
 E a majestosa purpura trajando,
 Em seus niveos corceis triumphe em Roma.
 Minhas preces ouvi, piedosos numes,
 E tel-os juncto a mim não seja inutil.
 Quando no Circo os Cesares assomam,
 O gladiador retira-se da arena,
 Dá-lhe o aspecto seu repouso e força.
 E que me vale a mim só n'esta casa
 Tres numes receber e ver seus rostos?
 Felizes os que em vez de imagens simples
 Podem gosar da pessoal presença.
 Pois que esta dita me renega a sorte,
 Os retratos, que ás artes devo, adoro.
 Só assim aos humanos se permite
 Ver os deuses que os altos céos escondem.
 É assim que em logar do summo Jove
 É do Tonante a estatua venerada.
 Enfim tenho commigo a vossa imagem,
 E para sempre ficará commigo.
 Não consintais que em tão odiosa estancia
 Permaneçam mais tempo os deuses que amo,
 Que a terra adora; e soffrerei primeiro
 Que a cabeça dos hombros meus decepem

(1) Tiberio.

(2) Os filhos de Tiberio.

(3) Druso, irmão de Tiberio, que morreu na Germania. Sobre este acontecimento, o poeta escreveu a Livia uma carta de pezames em verso.

E me arranquem das orbitas os olhos,
Do que eu consinta que de mim se apartem.
Sereis do exilado altar, e asylo.
Quando os ferozes Getas me atacarem,
Abraçar-me-hei comvosco, e vós sómente
Sereis meu estandarte e a insignia minha
Se é que em meus votos não me illudo muito,
Posso esperar um menos duro exilio,
Porque noto que os traços d'esta imagem
Adoçando-se vão e me parecem
Á minha ardente supplica propicios.
Praza aos céos que o presagio surta effeito,
E a justa ira o Principe modere.

CARTA NONA

Ao rei Cotys (1)

De regia origem Cotys descendente
E que entre os seus avós Eumolpo (2) conta;
Se já do meu exilio tens noticia,
E que em terra vizinha a teus dominios
Me sinto esmorecer, principe illustre,
Sem igual na bondade, a voz escuta
Que te supplica, e o desgraçado ampara.
Ao teu dispôr me poz o meu destino;
E não me queixo, porque n'isto ao menos
Não revelou a sua inimizade;
Benignamente acolhe em tuas praias
Os fragmentos de um misero naufragio;
Não me seja esta plaga em que governas
Mais infesta que o mar tempestuoso.
Afflictos soccorrer de um rei é digno
E da eminente posição que occupas,
Que bem condiz com a fortuna tua,
Que, por maior que seja, não eguala
De tu' alma benefica a grandeza.
Com mais razão nunca o poder se admira

(1) Cotys, rei da Thracia, cujo territorio confinava com os Getas.

(2) Eumolpo, filho de Neptuno e Chio, segundo a fabula; rei da Thracia.

Que quando a preces justas se commove.
 É o que exige a tua estirpe illustre;
 É o apanagio de celeste origem.
 Segues o exemplo que te deu Eumolpo,
 Da raça tua fundador distincto,
 Como Erictonio (1) (o bis-avô) lhe dera.
 Partilhas com os numes o attributo
 De ouvir a prece e soccorrer o afficto.
 Se ha de a idade tirar-nos a vontade
 De nos favorecer, porque motivo
 Lhe dariamos nosso preito e honras?
 Se Jove surdo fosse á voz que implora,
 Porque immolar a victima innocente
 Ante o altar do insensivel nume?
 Se o mar ao barco meu jámais concede
 Um instante sereno, porque incenso
 Do deus Neptuno queimarei nas aras?
 Se Ceres illudisse as esperanças
 Do infatigavel lavrador, acaso
 Deveria acceitar em seus altares
 As entranhas da victima votiva?
 Jámais cordeiro algum ferido fôra
 Nos altares do deus Baccho, se o vinho
 Do cacho aos pés calcados não corresse.
 Fazemos votos porque largo tempo
 Sustente Cesar do imperio as redeas,
 Porque a patria sollicito defende.
 É sómente aos favores que nos prestam
 Que homens e numes, o que valem, devem.
 O nosso protector sempre exaltamos.
 Assim, Cotys, protege o relegado

(1) Erictonio, bis-avô de Eumolpo, que expulso Amphictião, invadiu Athenas.

Nas terras ao dominio teu sujeitas.
 Nada é mais nobre que salvar um homem;
 Nada ha que tanto o coração nos mova.
 Quem o barbaro Antiphates (1) venera?
 E quem não louva o generoso Alcinoo? (2)
 Tu não és filho de Cassandro (3) ou Phères (4)
 Ou d'esse rei que premiou o artista
 Torrando-o no instrumento que inventara.
 Bem que invencível e feroz na guerra,
 Se a paz é feita, o sangue te horrorisa;
 Das bellas artes o estudo assiduo
 Adoça dos costumes a rudeza.
 E n'esse estudo que outro rei te excede?
 Quem lhe tem consagrado mais vigílias?
 Juraria, se o nome lhe tirasses
 Que não podiam ser obra de um Thracio.
 Não foi Orpheu o unico poeta
 D'este paiz, porque a Bistonía terra (5)
 Orgulhosa, do genio teu se ufana.
 E assim como tomar as armas sabes
 Quando cumpre, e as mãos molhar em sangue;
 Assim como arrojardes o dardo
 E cavalgar teu rapido ginete,
 Assim tendo cumprido o avito encargo,
 Se alguns momentos de repouso alcanças,
 Não te entregas a ocio torpe, inutil,

(1) Antiphates. Vide carta 2.^a

(2) Alcinoo, rei dos Thracios, notavel pela sua generosidade para com Achilles.

(3) Cassandro, o Tyranno da Cassandria, península situada entre os golfos de Cassandria e de Salonica.

(4) Phères e Alexandre, tyrannos da Thessalia.

(5) Bistonía. A Thracia.

Mas ao culto das musas, que te offerecem
Até aos astros lucida carreira.
É mais um laço que nos prende a ambos,
Que identicos misteres professamos.
Supplice mão um vate a outro estende;
Que o exilado protejas só te peço.
Enviado não fui para estas margens
Por haver commettido assassinatos;
A minha mão não propinou venenos;
Não puz sêllo furtivo em falso escripto.
Nada fiz que por lei vedado fosse.
E, todavia, (confessal-o devo)
Mas ainda é mais grave a culpa minha.
Qual essa culpa foi não m' o perguntes.
Uma Arte escrevi pouco sensata:
Eis o que me tornou a mão culpada.
Não perguntes tambem depois que hei feito;
Quero que alli todo o meu crime esteja.
Mas, seja como fôr, ira benigna
Achei no meu juiz, porque sómente
Me prohibiu de residir na patria;
Pois que d'ella não goso, possa ao menos
Juncto a ti desfructar placido asylo.

CARTA DECIMA

A Macro (1)

Pela imagem do sêllo reconheces
Que é Nasão que esta carta te endereça?
E, se não basta o sêllo, acaso a lettra
Não te revela a mão que te escrevera?
Tua lembrança apagara o tempo?
O que viram outr'ora tantas vezes
Os olhos teus, acaso esquecerias?
Pouco importa que já te não recordes
Do sêllo e mão que te escrevera a carta,
Comtanto que de todo não me olvides.
Á nossa intimidade antiga o deves,
E á minha esposa a quem não és estranho,
Ás lettras de que não tens abusado,
Como eu Arte culpavel não fizeste.
A homerica obra a cabo leves
E a triste historia de Ilion conclusas,
E receba o imprudente Ovidio a paga
Das suas prelecções de arte amorosa.
Ha todavia vinculos sagrados
Que alliam os poetas, bem que sigam

(1) Macro, poeta, contemporaneo de Ovidio e de quem o poeta falla em varias elegias.

Carreiras diferentes. Bem te lembrás,
 E penso que, apesar de separados,
 Desejas suavisar meus infortunios.
 Meu guia foste, quando visitámos
 Do Oriente as magnificas cidades
 E a Sicilia avistei a vez primeira;
 Junctos vimos brilhar o céo em fogo
 Que o Etna vomitava pela bocca
 Do gigante que alli sepulto fôra (1).
 Vimos o Henna (2) e as fetidas lagoas
 Do Palico e o Anapo (3), que mistura
 Com as ondas do Oceano as aguas suas.
 Vimos enfim a nympha que, fugindo (4)
 Do Erydano rio, corre ainda
 Sob as aguas maritimas occulta.
 Aqui passei do anno boa parte.
 Oh, quanto o paiz Getico semelha?
 E que vale tudo isto ir recordando,
 Tudo o que em nossa digressão notámos
 E que tão deliciosa nos tornavas?
 Quer nosso barco ornado de pinturas
 Sulcasse o mar, quer em ligeiro carro
 Rodassemos, tórnavas-se o caminho
 Mais ledô e curto co' a conversa tua.
 E, se contares bem, nossas palavras
 Muitas mais eram do que os nossos passos.
 Muita vez com a noite terminava
 Nosso discurso, e outras muitas vezes

(1) Henna, lago da Sicilia.

(2) Anapo e Palico, lagos de agua sulphurosa, na Sicilia.

(3) Nympha. Arethusa, companheira de Diana, que, segundo a fabula, fôra transformada em fonte. V. Met.

(4) Erydano, rio que corre em Elidis, região de Pelepomare.

Longas noites do estio não bastavam.
Não affrontar do mar sósinho azares
Alguma cousa vale, e ao deus das ondas
Em companhia endereçar as preces,
Agenciar em commum negocios graves
E partilhar depois os mesmos gosos
Que sem vergonha recordar podemos.
Se já não tens perdido essas lembranças,
Ver-me-has de contínuo, bem que ausente.
Emquanto a mim, ainda que exilado,
Do mundo nos confins e sob as Ursas,
Que pairam sobre as liquidas planicies,
Todavia te vejo como posso
Com os olhos do espirito e mil vezes
Sob este frio céu contigo fallo.
Sem que o saibas, ao pé de mim te encontras,
E a meu lado te achas, bem que ausente,
E, para ver os getas, Roma deixas.
Deves pagar-me n'esta mesma especie,
E, como mais feliz morada occupas,
Faze que sempre na memoria tua
E no teu coração eu viva sempre.

CARTA DECIMA PRIMEIRA

A Rufo

Ovidio, auctor de uma Arte desgraçada,
Estas lettras te envia á pressa feitas.
Aqui, posto que um mundo nos separe,
Saberás que de ti me lembro sempre;
E antes que o meu proprio nome olvide
Jámais esquecerei teu pio affecto.
Evaporar-se-ha no ar primeiro
Est' alma, do que eu risque da memoria
A gratidão que aos teus favores devo.
Sim, valioso serviço me fizeste,
Lagrimas vertendo quando as minhas
Dôr violenta suffocado tinha.
Sim, serviço valioso foi por certo
Essas consolações que me prestaste,
E para ambos nós de um doce allivio.
Virtuosa é de si mesma a esposa minha,
Mas melhor a tornaram teus conselhos.
O que foram Castor e Heitor outr' ora
Para Hermione (1) e Julio (2) és tu agora
Para a minha consorte, e muito folgo.

(1) Hermione, filha de Helena.

(2) Julio, filho de Eneas e Creusa, irmã de Heitor.

Procura nas virtudes egualar-te,
E assim prova que ao sangue teu pertence.
Assim, se bem por si procede sempre,
Ajudada por ti melhor procede.
É assim que o corcel, que de si mesmo
Disputará, brioso, a palma Elêa,
Se ouve a voz que o anima, esforços dobra.
Emfim cumpre sollicito os cuidados
De que te encarregara o amigo ausente.
Ao teu bom coração nada é pesado.
Recompensem-te os deuses, já que eu mesmo
O não posso fazer; e certamente
Hão de fazel-o, se o que é pio virem.
Tuas virtudes por extensos annos
Tuas forças ajudem, Rufo amigo,
Unica gloria dos Fundanos campos.

FIM DO LIVRO SEGUNDO.

LIVRO TERCEIRO

CARTA PRIMEIRA

À sua consorte

Mar, que a nau de Jasão sulcou primeiro,
Terra que o frio e o barbaro inimigo
Sem cessar entristecem, quando o tempo
Chegará em que Ovidio emfim consiga
Ser transferido a menos duro exilio?
N'esta inimiga terra devo acaso
Sempre viver e sepultar-me n'ella?
Permitte-me que o diga (sem que cesse
De estar em paz contigo) se é possível
Que haja socego em ti, getica terra,
Por ginetes hostis trilhada sempre!
És tu quem meu desterro mais aggrava;
As grinaldas não vês da primavera,
Do cegador, mal enroupado, o corpo,
Nem os cachos e os pampanos do outomno.
O frio as estações todas nivela;
Mil vezes seu rigor os mares prende,
E não raro se vê nadando o peixe
Sob um tecto de gelo clausurado.
A agua das fontes a do mar semelha;

E tanto póde saciar a sêde,
Como póde excital-a; n'estes campos
Apenas alguma arvore vegeta,
E, essa mesma, definhada, esteril.
Do mar o aspecto o solo representa;
De outras aves aqui não se ouve o canto,
Senão d'aquellas que, deixando as selvas,
Veem sua sêde saciar grasnando;
O triste absyntho eriça o campo esteril,
Ceara amarga, e do logar condigna.
E que direi do seu continuo alarma,
E de seus muros sem cessar batidos
Por settas de mortal veneno hervadas?
Que direi do longinquo isolamento
D'este cantão, que offerecer não póde
Mais segurança ao hospede que passa
Do que essa que ao navio o mar permite!
Não é pois de extranhar que, procurando
De tanto mal o termo, instantemente
Implore que outro exilio se me assigne.
O que mais me admira, cara esposa,
É que esta graça te hajam denegado,
E que estes meus insupportaveis males
O teu pranto incessante não provoquem!
O que deves fazer, tu me perguntas;
E não és tu que deves indagal-o?
E, se quizeres, o acharás por certo.
Mas só querer é pouco; é necessario,
Para alcançar, querel-o vivamente,
E que os cuidados o teu somno encurtem.
Não falta a outros a melhor vontade,
Mas haverá quem tanto me aborreça,
Que exilio sem descanso me deseje?
Mas a ti é que cumpre, sobretudo,

De todo o coração, com todo o esforço,
 Procurar socorrer-me noite e dia.
 Mais te cumpre fazer que qualquer outro,
 E a todos exceder no teu empenho.
 Impõem-te um grande encargo os meus escriptos,
 Que o modelo te inculcam das esposas;
 Mas, tem cuidado, não desacredites
 As minhas asserções e o teu renome;
 Mas inda que, máo grado, me calasse,
 Queixar-se-hia o renome, por não teres
 Os teus deveres conjugaes cumprido.
 A sorte me entregou do povo aos olhos,
 E mais fama me deu que d'antes tinha.
 Ferido Campaneo (1) ficou famoso,
 E não menos Amphiáro (2) sepultado
 Com seus cavallos n'um profundo abysmo.
 Se menos divagasse o Ithacense (3),
 Menos fôra do mundo conhecido.
 Deve á ferida sua Philoctetes (4)
 A fama de que gosa. Assim, se eu posso
 Entre nomes tamanhos pôr meu nome,
 Maior fama á ruina minha devo.
 Não consentem, querida, os meus escriptos
 Que fiques ignorada, e dão-te um nome
 Que ao de Battis de Cos (5) não é somenos.

(1) Campaneo. Um dos generaes gregos, morto na guerra de Thebas, quando pretendia escalar as muralhas.

(2) Amphiáro. Poeta grego, que, levado por engano á guerra de Thebas, se sumiu por uma fenda que se abriu na terra.

(3) Ulysses, rei de Ithaca.

(4) Philoctetes. Um dos companheiros de Hercules, celebre pelas feridas da lança de Achilles.

(5) Battis, natural da ilha de Cos, cantada por Philetas nos seus versos.

E seja como quer que tu procedas,
 Terás de figurar em vasta scena,
 E terás numerosas testemunhas
 Da tua terna conjugal piedade.
 Crê, que sempre que em meus versos te louvo,
 As mulheres que lêem teus louvores
 Perguntam se em verdade és d'elles digna.
 Muitas com as virtudes tuas folgam,
 Mas outras desejaram censurar-te.
 Faze que do teu zelo se não diga:
 Pouco trabalha por salvar o esposo.
 Pois que as forças me faltam, e não posso
 O meu carro tirar, tu, só, procura
 Suster briosa o vacillante jugo.
 Enfermo, definhado, volto os olhos
 Para o meu curativo; accode emquanto
 Conservo ainda um halito de vida.
 O que eu por ti faria, se pudesse,
 Por mim o farás tu, pois bem o podes:
 É o que o laço que nos une exige.
 Ao teu character, cara esposa, o deves,
 E o deves á familia a que pertences.
 Cumpre-o, não só pelas virtudes tuas,
 Mas porque assim o exige um pio affecto.
 Faça o que fizeres, dirão sempre
 Que, se não és uma condigna esposa,
 Não se poderá crer que Marcia (1) tractes.
 Não sou de teu amor e zelo indigno;
 E se a verdade confessar quizeres,
 Não negarás dever-me alguma cousa.

(1) Mulher de Maximo e filha de Marcio Philippe, notavel pela sua piedade conjugal.

Oh! sem duvida creio que me pagas
Com grande usura tudo o que me deves.
Nem a inveja terá que censurar-te;
Mas inda outro serviço mais careço,
Meu infortunio torne-te atrevida;
Obtem-me um exilio menos duro,
E todo o teu dever será cumprido.
Muito peço, mas n'estas minhas preces
Nada ha que dizer se possa odioso,
Nem poderia lesar-te o seu mallogro.
Se tantas vezes peço que tu faças
O que de facto fazes, e que seja
Semelhante a ti mesmo, não te irrites.
Das trombetas o som exalta os bravos,
E a voz do general excita os brios
Do mais forte soldado. Tua virtude,
Conhecida como é, morrer não póde;
O teu valor tua virtude eguala.
Não te peço que empunhes a machada
Da amazona e o convexo escudo 'embraces;
Tens que implorar um deus, não que m'indulte,
Mas que o resentimento seu modere;
E se outro valimento em ti não achas,
Valham-te as tuas lagrimas sentidas.
Para um deus abrandar não ha por certo
Outro algum meio tão seguro e prompto.
Terás sobejas lagrimas, que deves
Á minha desventura. Em demasia
Motivos tens para chorar, querida;
E é tal a minha desgraçada sorte,
Que talvez nunca findará teu pranto.
Eis a riqueza que só posso dar-te.
Se fosse necessario, e o céo não queira
Minha vida remir da tua a custo,

D'Admeto (1) a esposa o teu modelo fôra.
 Tu, rival de Penelope (2) serias
 Se os pretendentes desviar tentasses
 Com astucias e honestos artificios.
 Se houvesse de seguir o morto esposo,
 De Laodamia (3) os passos seguirias.
 Terias ante os olhos teus o exemplo
 Da filha de Iphias (4), se entregar quizesse
 Teu corpo á minha funebre fogueira.
 Nem da morte ou da tela necessitas
 Da Icaria dona; mas o mais preciso
 É supplicar de Augusto a nobre esposa (5),
 Cuja virtude eximia não consente
 Que as primeiras edades nos usurpem
 Da castidade a gloriosa palma;
 E quando, unindo da Accidalia as graças
 Á virtude sem par da excelsa Juno,
 A unica ella foi que se achou digna
 De partilhar de um nune o tóro augusto.
 Porque fallar-lhe temes? Que receias?
 Tu não imploras uma impia Progne (6),
 De Etes a filha (7) e de Egypto a nora (8),

(1) Admeto foi rei dos Pherêos na Thessalia, cuja esposa, Alcestes, não duvidou desejar para si a morte em lugar de seu esposo.

(2) A fiel esposa de Ulysses.

(3) Laodamia. Esposa de Protesilão

(4) Iphias. Evadne, filha de Iphis, que se precipitou na fogueira onde se queimava o cadaver de seu marido.

(5) Livia. Druzilla que fôra em primeiras nupcias esposa de Tiberio Claudio Nero.

(6) Progne. V. Elegia 12.^a, livro 4.^o, Tristes.

(7) A filha. Medêa. V. Elegia 8.^a, livro 3.^o, Tristes.

(8) D'Egypto a nora, ou Egisto, como querem outros. Uma das donzellas troianas que salvou da morte seu marido.

Nem de Agamémnon a cruel esposa (1),
Nem de Scylla (2), que o Trinacrio mar (3) aterra,
Nem a mãe de Telégon (4), maga destra
Em transformar dos homens a figura,
Nem Medusa (5), de serpes coroada.
Mas das mulheres a primeira imploras;
E por ella a Fortuna vem provar-nos
Que nem sempre é tão cega como dizem;
Desde onde nasce o sol 'té onde acaba
Mór que Augusto no mundo nada existe.
Precisas espreitar ponto opportuno,
Em que possas fazer as preces tuas.
Não vá o barco teu, largando o porto,
As ondas encontrar em mar desfeito.
Os divinos oraculos nem sempre
Dão a sua resposta; os mesmos templos
Não se encontram em todo o tempo abertos.
Quando a cidade n'esse estado vires,
Em que agora sem duvida floresce,
Quando em seu rosto os cidadãos romanos
Não mostrarem a minima anciedade,
Quando a casa de Augusto veneranda
(Do Capitolio a par) se achar festiva
No seio de geral paz e alegria,
Queira o céo que então aches livre accesso,
E não receies ser desattendida.

(1) Clytmnestra, que a pedido do amante matou seu marido, quando este voltava da guerra de Troia.

(2) Scylla. V. Elegia 7.^a, livro 4.^o, Tristes.

(3) Trinacrio. Mar da Sicilia.

(4) De Telégon a mãe. Circe, que de Ulysses gerou Telégon.

(5) Medusa. Filha de Phorcó, monstro informe, que ninguém poderia encarar sem ser transformado em pedra.

Mas, se preocupada acaso a vires,
Não prosigas, e não vás afanosa
Mallograr minha unica esperança.
Não te digo tambem que esperar devas
Instante em que de todo livre esteja;
Pouco com seus enfeites se demora.
Inda que veneraveis senadores
Em grande multidão o atrio occupem,
Cumpre que a todo o custo te introduzas,
E, quando ao pé da nova Juno estejas,
Dignamente o papel teu desempenhes.
Não desculpes um erro; a minha causa
Precisa do silencio. Curtas preces
Sejam tuas palavras. Livre curso
Ao teu pranto darás, e de joelhos
Aos pés da immortal as mãos estende.
E nenhuma outra cousa mais lhe peças,
Que d'entre estes selvagens me retire.
Bastará que a fortuna me hostilise.
Á idéa me vêem mil outras cousas,
Porém, pelo temor já perturbada,
Nada mais poderão dizer teus labios.
Não te será nocivo este receio;
É necessario que ella reconheça
O quanto a sua majestade acatas.
Bem que os soluços as palavras cortem,
Não soffrerá por isso a causa minha;
Muitas vezes não são menos valentes
Que as palavras as lagrimas sentidas.
Faze tambem que o teu procedimento
Obtenha em seu favor ditoso dia,
Hora conveniente e fausto agouro;
Mas no altar, accendendo o lume sancto,
O incenso e o vinho puro offerta

Aos deuses immortaes, e estas honras
Singularmente Augusto comprehendam,
Seu pio filho e a esposa idolatrada,
E oxalá que agora te não neguem
Sua usual, benevola piedade.

CARTA SEGUNDA

A Cotta (1)

Queira o céo que a saude que te envio,
Como o desejo, realizar-se possa.
Teu bem-estar é para mim por certo
Dos males meus um grande lenitivo,
E da saude minha grande parte.
Quando outros ao furor da tempestade
Minha vela abandonam, destemido
Não deixas de amparar-me e és inda
Do barco meu a ancora que resta.
Esta amizade é-me suave e cara.
Aos que as costas co' a sorte me voltaram
De bom grado perdôo. Bem que o raio
Um só homem fulmine, assusta a muitos.
A turba que circunda os aterrados
Partilha o seu terror. E quando um muro

(1) Cotta. Divergem os commentadores sobre quem seria este Cotta a quem o poeta dirige a presente carta. Segundo Hensio não é o mesmo de quem falla o poeta na elegia 7.^a do livro 1.^o e na 2.^a do livro 2.^o, mas sim aquelle a quem dirige as cartas 5.^a d'este livro e a ultima do livro 4.^o, e que era filho do famoso orador Valerio Messala Cervino, que entrou por adopção na familia Aurelia, d'onde assumiu o nome de Cotta. V. Scholiastes, Sat. 2.^a de Persio.

Ameaça ruina, um geral susto
 Torna deserta a inquieta vizinhança,
 E quem ha ahi que timido não fuja
 De approximar-se a perigoso enfermo?
 E assim creio tambem, que não por odio
 Mas por susto ou terror de mim se afastam.
 Não lhes faltou a terna piedade
 Nem bons desejos de pôder servir-me.
 Só dos deuses a colera temeram.
 De excessiva prudencia ou cautelosos
 Dizer-se poderão, mas não perversos.
 É o meu coração que assim desculpa
 Amigos que me são sobejo caros,
 E laval-os de maculas procura.
 Minha indulgencia deve contental-os.
 Podem dizer que eu mesmo os justifico;
 Mas tu e poucos mais fieis amigos
 Tendes olhado como falta odiosa
 Não me prestarem na desgraça amparo,
 E de vossos favores a lembrança
 Jámais se apagará, sem que meu corpo
 Na fogueira fatal se torne em cinzas.
 Que digo? Ella será mais duradoura
 Do que eu mesmo, se acaso os meus poemas
 Têm de chegar ás gerações futuras.
 Reclame o rogo o corpo inanimado
 Mas do rogo o renome e gloria zombam.
 Pilades e Theseo ambos são mortos,
 Mas em seus feitos gloriosos vivem.
 Louvar-vos-hão tambem os vossos netos;
 A gloria os versos meus vos asseguram.
 Aqui os mesmos Sarmatas e Getas
 Vos conhecem e o vosso affecto applaudem.
 Inda ha pouco com elles conversando

(Pois que já fallo o Sarmata e o Geta)
Um velho que commigo alli se achava
Ao que eu contava respondeu d'est'arte:
«Hospede! Nós tambem não ignoramos
«O que seja amizade; inda que longe
«De Roma e no gelado Istro vivamos.
«Ha na Scythia um cantão, que os nossos velhos
«Tauride nomearam; e não longe
«Fica da terra geta; é minha patria,
«Nem de ter lá nascido me envergonho;
«Alli um templo tem a irmã de Apollo;
«O edificio ainda existe, sustentado
«Por columnas sem conto; a sua escada
«Tem quarenta degráus. Segundo é fama
«Uma estatua da deusa n'elle havia,
«Como o socco que existe ainda o prova.
«O altar que d'alva pedra era formado
«Perdeu a côr, tornando-se vermelho
«Pelo sangue que d'antes o regava.
«Uma dona preside aos sacrificios;
«Extranha, á tocha conjugal, excede
«Por sua distincção da Scythia as filhas.
«A lei sagrada e o costume antigo
«Querem que todo o adventicio morra
«Sob o cutello da cruel ministra.
«Na região meotica famoso
«Thoas reinou aqui, e nenhum outro
«Jámais houve tão celebre no Ponto.
«Não sei no seu reinado que donzella,
«Iphigenia chamada, atravessara
«As aereas planicies; diz a crença
«Que transportada por ligeiros ventos
«Passara o mar e fôra por Diana
«N'este logar terrivel collocada.

«Muitos annos, segundo os sacros ritos,
«Da deusa presidiu aos sacrificios
«Máo grado seu, quando em veloz navio
«Dois mancebos gentis alli chegaram,
«E, quaes eram na edade, eguaes no affecto;
«Um era Orestes, Pilades o outro.
«Conservado nos tem seu nome a fama.
«Conduzidos são logo ante os altares,
«Amarradas as mãos atraz das costas;
«Sobre os captivos a ministra esparge
«Agua lustral, para depois cingir-lhes
«Com larga fita a sua loura coma.
«Emquanto assim dispunha o sacrificio,
«Lhes põe na frente o sacro diadema;
«Algum pretexto de demora busca.
«Estrangeiros: cruel não sou, lhes disse,
«Perdoae; quem o manda é a lei da terra,
«Mais barbara que o mesmo sacrificio;
«São as leis e costumes d'esta gente.
«Para onde navegais e d'onde vindes?
«E ouvindo da patria sua o nome,
«Reconhece que são da mesma terra.
«Então, diz: um de vós caia immolado,
«Outro leve a noticia ao patrio solo.
«Pilades quer morrer, e pede a Orestes
«Que parta sem cessar. Este recusa,
«E ambos um pelo outro morrer querem,
«E pela vez primeira discordaram,
«Pois nada entre elles a união turbara.
«Durante esta piedosa e terna lucta,
«Dirige ella ao irmão algumas linhas;
«Este, ao ver que esse irmão era elle mesmo,
«Os azares da vida humana admira.
«Sem demora da deusa a estatua tomam,

«E em segredo embarcam-se em navio
«Que os transporta atravez dos vastos mares.
«Desde então muitos annos são passados,
«Mas a amizade d'estes dois mancebos
«Inda é hoje na Scythia celebrada.»
Quando o Geta acabou a sua historia,
Esta pia affeição louvaram todos.
É porque da amizade o nome sancto
N'esta plaga a mais barbara do mundo
Até mesmo os selvagens a respeitam.
E vós o que fazeis? vós que nascestes
Na capital da Ausonia, quando o Geta
A similhantes feitos é sensível?
Demais teu coração foi sempre terno,
E de teu nascimento a alta nobreza
No teu proprio character se revela.
Nem seria extranhado por Volezo (1),
Por quem a estirpe de teu pae descende,
E nem por Numa (2), teu avô materno.
Applaudiriam de por ti ligar-se
Á familia dos Cottas, cujo nome
Teria de acabar, se tu não fosses
De tão nobres avós herdeiro digno.
Julga se fica bem aos teus passados
Deixar de soccorrer o afflicto amigo.

(1) Indica o poeta que Cotta descendia de Volezo em linha paterna, cuja geração fôra descripta por Silio.

(2) Numa, o segundo rei de Roma.

CARTA TERCEIRA

A Fabio Maximo

Se pódes dispensar alguns momentos
Ao desterrado vate, astro brilhante
Da Fabia gente, caro amigo, escuta:
Vou contar-te o que vi, ou sonho fosse,
Mera illusão ou ente verdadeiro.
Era noite, e a janella entrar deixava
Por entre as suas valvulas a lua
Na fórma que do mez no meio toma.
Dormia socegado, usual descanso
De nossas afflicções, e sobre a cama
Languidamente o corpo repousava.
Treme o ar de repente, como sendo
Agitado d'um vôo, e a janella
Soltou, movida, um tímido gemido.
Assustado me ençosto ao braço esquerdo,
E o susto me expulsou de todo o somno.
A meu lado, de pé, Cupido estava,
Não co' as feições e ar que d'antes tinha;
Mas triste, merencorio; a mão esquerda
Sobre um bastão de azinho descansa.
Nenhum collar o collo lhe enfeitava,
Grinalda alguma a coma lhe cingia!
Como outr'ora, os cabellos seus não tinha

Arranjados com graça; em desalinho
Sobre o seu rosto em confusão pendiam.
Sua frente a meus olhos parecia
Aerea pomba, cujo plumeo dorso
Por diferentes mãos fôra eriçado.
Logo que o conheci, (e quem podera
Conhecel-o melhor?) assim lhe disse:
Menino que, o teu mestre atraigoando,
A causa foste do seu triste exilio,
A quem jámais leccionar devera;
Aqui vens ter commigo, n'esta plaga
Onde a paz nunca reina, e onde o gelo
Do Istro agrilhoa as ondas caudalosas.
Que vens aqui fazer, se é que não queres
Testemunhar os meus padecimentos?
E, se os não sabes, têm-te feito odioso.
Foste tu que primeiro me inspiraste
Versos folgazões, e me induziste
A alternar versos deseguaes na fórma.
E não me permittiste que me erguesse
Até aos tempos do Meonio vate,
Nem as proezas dos heroes cantasse.
Não seria talvez grande o meu estro;
Algum tinha comtudo; mas teu arco
E teu facho bastante o enfraqueceram,
Porque emquanto a mãe tua e a ti cantava,
Nada mais alto celebrar podia.
Ainda mais: insensato compuz versos
Para tornar-te mais esperto e fino,
E em recompensa, ai de mim, só tive
Este desterro nos confins do mundo,
D'onde a paz e o socego foi banido.
Assim não foi tractado Orpheu outr'ora
Por Eumolpo, nem por Olympo o Phrygio.

Nem semelhante recompensa Chiron
D'Achilles recebeu, nem ha noticia
Que a Pythagoras Numa perseguisse.
E por não referir os muitos nomes
De que ha menção nos seculos passados,
No que me toca ao meu alumno o deixo.
Dei-te armas e lições, moço travesso,
E é este o galardão com que me pagas!
Tu o sabes comtudo, e jurar podes
Que jámais perturbei legaes amores.
Escrevi para aquelles, cuja coma
Circumdada não é da honesta fita,
E cujos pés não cobre a longa veste.
Ensinei-te jámais, dize, eu t' o peço,
A seduzir esposas, duvidosa
A origem dos filhos seus tornando?
Não prohibi eu pois severamente
Do meu livro a leitura a todos quantos
A lei prohibe clandestinos tractos?
E de que isto me vale, se me accusam
De proteger o condemnado crime?
Porém eu t' o supplico; (e se me ouvires,
Nada resista mais ás tuas setas,
Nem o lume do facho teu se apague
E o mundo inteiro a Cesar obedeça,
Cesar, que por Eneas, é teu neto).
Faze que a ira sua se modere,
E mande que eu expurgue a minha culpa
Em logar menos aspero e terrivel.
Ao alado menino assim fallava
Segundo creio, e foi esta a resposta
Que, me parece, ouvi: Pelo meu facho,
Dardo e flechas, minha mãe e Augusto,
Juro que não se encontra em teus escriptos

Cousa alguma que licita não seja.
Lastima é que desculpar não possas
Tudo o que se passou, e nem ignoras
Que existe um outro agravo e mais funesto;
Qualquer que fosse, escuso recordal-o,
E que não é inteiramente innocuo.
Bem que déste ao teu crime o nome de erro,
Não foi do teu juiz severa a pena.
Todavia por ver-te e consolar-te
Na tua desventura as minhas azas
Innumeros caminhos transpuzeram.
Vi pela vez primeira estes logares,
Quando, de minha mãe cedendo aos rogos,
Com as setas feri de Phasío a filha.
Se aqui torno depois de tantos evos,
É só por ti, que és o melhor soldado
De todo o meu exercito; portanto
Depõe o teu receio, em breves dias
Ha de abrandar-se a colera de Cesar,
E serão preenchidos os teus votos.
Não temas a demora; assoma o tempo
Que tanto se deseja; em toda a parte
Do principe o triumpho é festejado;
Quando toda a familia, os filhos todos,
E Livia sua mãe se regosijam,
E quando tu tambem, ó pae da patria,
E do triumphador, e quando o povo
Te applaude, te saúda, e Roma inteira
O sacro incenso nos altares queima,
E quando o mais benefico dos templos
Livre entrada offerece, esperar pódes
Que attendidas serão as preces nossas.
Assim disse, e desfez-se em tenues auras.
E se o duvidas, Maximo, diria

Que acreditas que o cysne tem as côes
Do ethiope Memnon. Mas não, o leite
Do breu tomar não pôde a côr sombria;
Nem o marfim, de alvura rutilante,
Pôde mudar-se em fusco terebinto.
Teu character e estirpe se harmonisam,
Porque a teu nobre coração reunes
De um Hercules a extrema lealdade.
Não entra a inveja em animo sublime;
Na terra como a vibora se arrasta.
Teu coração tua prosapia excede,
Do teu character não desdiz teu nome.
Affligir o infeliz agrade a outros
E procurem tornar-se temerosos
Com seus tiros e dardos pestilentos;
Mas tu, que de familia nobre és filho,
Costumada a amparar os desgraçados,
Eu t' o supplico, entre elles me enumera.

CARTA QUARTA

A Rufino

Estas linhas o teu Nasão te envia,
Com seus sinceros votos, d'estas praias
Da tomitana terra. Elle te roga
Que protejas, Rufino, o seu Triumpho,
Se acaso o meu poema já conheces.
É trabalho modesto, e muito abaixo
De todo esse apparatus majestoso.
Mas, tal qual é, protege-o, eu t' o supplico.
De Machaon a força não precisa;
Ao medico recorre o enfermo grave.
Os grandes vates indulgencia escusam;
O mais rebelde espirito captivam.
Emquanto a mim, por longos soffrimentos
Acabrunhado e quasi já sem forças,
(O que talvez jámais acontecera)
Só pelo teu favor suster-me posso;
Se m' o retiras, julgar-me-hei roubado.
E, se os meus livros todos necessitam
De indulgencia, nenhum tanto a precisa.
Os demais vates têm presenciado
O triumpho descripto; muito importa
Que a memoria encaminhe a mão que o conta.
E eu repito apenas os boatos

Que a custo os meus ouvidos recolheram,
E pelos olhos do renome hei visto.
E acaso as impressões, o enthusiasmo
O mesmo são para o que vê ou escuta?
Não é da prata e do ouro o brilhantismo,
Nem a purpura Augusta que tu viste,
Que meus olhos lastimam não ter visto,
Mas o quadro real d'esses logares
D'esse povo de mil diversas fórmas.
Reforçada seria a minha musa
Com a imagem das luctas pelejadas,
E o semblante do rei (pois que o semblante
É o melhor interprete da alma)
Me teria inspirado em meu trabalho.
Sua mesma alegria e os seus applausos
O genio inda o mais rude aqueceriam.
E essas acclamações, vivas, ruidosas,
Far-me-biam sentir o ardor que sente
O soldado a ouvir a marcial turba.
Ainda que tivéssemos um peito,
Mais do que a neve e do que o gelo frio,
E mais do que este solo em que esmoreço,
A figura do principe, sentado
Em seu eburneo carro, expulsaria
Dos membros meus toda e qualquer frieza.
D'este auxilio privado, e constrangido
A servir-me de incerta auctoridade,
A tua protecção de juro invoco.
Dos logares os nomes ignorava,
Nem dos cabos os nomes conhecia,
E instruir-me do assumpto apenas pude.
Sobre tão grande evento que podia
Contar a fama e referir o amigo?
Assim, caro leitor, tenho direito,

Se acaso errei, á tua complacencia.
De mais a minha lyra, costumada
A eternos queixumes, muito a custo
Da alegria adoptou festivo accento.
E este desuso por tão largo tempo
Á mente o feliz termo recusava.
Extranha para mim era a alegria,
Como os olhos á debil luz sujeitos
Temem do sol os luminosos raios.
Assim o meu espirito recusa
De abandonar-se a festivaes recreios.
As novidades sobretudo aprazem,
E homenagens tardias pouco valem.
Todos os versos, que têm sido escriptos
Sobre este assumpto, os tem já lido o povo.
Aos sedentos bebida se off'recia,
E a minha taça os acha saciados.
Bebiam agua fresca, e a minha é morna.
Em ocio não fiquei; nem a preguiça
Foi causa da demora, mas habito
Do vasto mar nas praias mais remotas.
E para que chegar aqui podêsse
A noticia do feito, e eu compozesse
Á pressa os versos meus e a ti chegassem,
Não podia correr menos d'um anno.
E portanto não creio indifferente
Que tu colhas primeiro a rosa intacta,
Ou que alguma olvidada aches apenas.
Será pois d'extranhar que, despojado
Das mais bellas boninas o alegrete,
Eu já não possa entretecer corôa
Digna do meu heroe? Nenhum poeta
Imagine que os seus versos censuro.
Por si sómente falla a musa minha.

Poetas, vosso culto compartilho,
Se póde pertencer ao vosso côro
O poeta infeliz; e, vós, amigos
E parte da minha alma, que commigo
Convivestes outr'ora, e inda hoje
Como se entre vós fosse, vos acata,
Consenti que confie ao vosso amparo
Os versos meus, por quem fallar não posso.
Se apenas, morto o auctor, o escripto agrada,
Vivo o ataque a inveja, e dilacere
Com o seu dente injusto e venenoso.
Se uma vida infeliz é quasi a morte
Em mora a terra está, e já não falta
Senão que a morte o meu sepulcro encerre.
Emfim, critiquem todos meu trabalho;
Porém não podem censurar meu zelo.
Forças me faltariam, não desejos.
E crê que a intenção aos deuses basta;
Por ella acolhe o altar o infeliz pobre,
E em vez do bravo touro a mansa ovelha;
E tal era do assumpto a magnitude,
Que ao proprio auctor da Iliada pesara.
Nem a Elegia carrear podera
Nas suas rodas deseguaes o peso
Do esplendido triumpho; nem atino
De que metro servir-me agora devo.
Falta, ó Rheno, a conquista do outro lado.
O presagio de vate nunca falla.
O outro louro deve dar-se a Jove,
Emquanto o já colhido se não murcha;
E não sou eu que o digo, relegado
N'estas margens de Istro, d'este rio
De que bebem os Getas indomaveis,
É esta a voz de um Deus que n'alma tenho.

O porvir que revela um Deus m' o inspira.
Porque deferes preparar, ó Livia,
A pompa triumphal e o caro augusto?
Já dilações te não consente a guerra.
Já deita ao chão a perfida Germania
O armamento seu, e dizer podes
Que o vaticinio meu se realiza.
Crede, os successos o dirão em breve.
Repetirá teu filho a honra havida,
E campeará de novo em seus cavallos.
Para o vestir a purpura prepara,
De si mesmo o virente diadema,
Irá buscar a fronte que enfeitara.
Sobre os captivos que em grilhões caminhem
Capacetes, escudos se apresentem
De ouro e pedraria radiante,
E as armas em tropheus coordenadas.
Que no marfim assomem as cidades
Com os seus baluartes e muralhas,
E a maxima verdade e similhança.
Role o Rheno, nas ondas escondendo
A coma desgrenhada e tincta em sangue,
Entre a margaça e cannas destroçadas.
Já os reis prisioneiros sollicitam
Da realeza barbara as insignias,
E as vestes mais que a sua sorte ricas.
Dispõe emfim o prestito pomposo
Que muitas vezes já te foi pedido
E outras muitas terá de o ser ainda
Pelo valor sem par dos teus parentes.
Ó Deus, que este porvir me insinuaste,
Faze que em breve realizar-se possa.

CARTA QUINTA

A Maximo Cotta

Esta carta que lês te vai das praias
Em que entra nas ceruleas aguas o Istro.
O nome do paiz te indica Ovidio,
Esse vate que o genio seu perdera.
Bem quizera levar-te esses seus votos,
Que d'entre os getas barbaros te envia,
Da paterna facundia digno herdeiro.
Li com prazer a oração brilhante
Que no Forum romano recitaste.
E, bem que na leitura vagarosa
Não poucas horas empregado tenha,
Comtudo sinto que tão breve fosse;
Mas consegui tornal-a mais extensa,
Repetindo a leitura varias vezes
Sem quebra do prazer que senti sempre.
Quando a obra relida nada perde
Da sua graça, póde assegurar-se
Que o merito não deve á novidade.
Felizes os que a recita escutaram
Da tua eloquentissima palavra.
Por mais doce que seja a agua offrecida,
Sempre a da fonte é mais suave e grata;
É mais grato colher do ramo o fructo

*

Que tiral-o de um prato o mais formoso.
Se culpado não fôra e a minha musa
Me não tivera desterrado, ouvido
Da tua bocca ouvira o teu discurso.
E talvez, como já tem succedido,
Que, centumviro eleito, te escutasse;
E regosijo extremo sentiria
Dando-te convencido o meu suffragio.
Já que o destino quiz que separado
De vós e patrio sólo aqui vivesse
Entre estes getas barbaros, meu caro,
Envia-me, eu t' o peço, os teus escriptos,
Para que, lendo-os, o prazer desfructe
Unico que me é licito, e julgár-me
Ao lel-os que me tens juncto ao teu lado.
E se não te envergonhas de tomar-me
Por teu modelo, o meu exemplo segue,
Tu que o meu ser com mais razão deveras.
Eu, que de ha muito para ti não vivo,
Penso ainda em viver pelo meu genio.
Recebam minhas mãos tambem em paga
Os monumentos das vigílias tuas,
Que serão para mim d'um alto apreço.
Mas tu, que o mesmo estudo que eu professas,
De mim por isso acaso te recordas?
E, quando aos teus amigos lês os versos
Que acabas de compôr (o que a seu rogo
Mil vezes acontece) acaso sentes
Que alguma cousa ao coração te falta?
Sentes por certo e acredital-o devo.
Tu que em minha presença tantas vezes
De mim fallaste, porventura o nome
Pronunciar de Ovidio já não sabes?
Emquanto a mim, primeiro morreria,

Pelos geticos dados trespassado,
Que deixasse de ver-te a cada instante,
Bem que longe de ti, e tu bem sabes
Que o castigo ao perjuro nunca falta.
Graças aos céos, o espirito invisivel
Vai onde quer, e quando entro em Roma
Contigo fallo e tua voz escuto.
Mal podera dizer quanta alegria
Então sinto no peito, e pódes crer-me
Que, recebido na mansão celeste,
Co' os moradores seus fallar presumo.
Mas, regressando a esta terra infausta,
O céu e os deuses, tudo se esvaece.
E não longe do Ponto a Styge fica.
E se contra o destino sahir tento
D'este logar, ó Maximo, eu t' o rogo
Livra-me emfim d'esta esperança inutil.

CARTA SEXTA

A um dos seus amigos

A um seu amigo, cujo nome occulta,
Das praias d'este malfadado Ponto
Esta pequena carta Ovidio envia.
Se a sua mão teu nome houvesse escripto,
Póde ser que esta prova de amizade
Te houvesse maguado; e todavia,
Porque tu és o unico que pedes
Que não ponha nos versos meus teu nome,
Dizer-te poderei, se é que o não sabes,
Quanto é benigna a colera de Cesar.
Nada eu mesmo tirar podera á pena
Que me foi comminada, se forçado
Podesse ser juiz na propria causa.
Cesar não nos prohibe que do amigo
Nos recordemos, e que eu receba
As cartas tuas, como tu as minhas.
Nem tu commetterias algum crime,
Na desventura consolando o amigo.
E porque com temores infundados
Tornar a divindade augusta odiosa?
Muita vez vimos já homens feridos
Pelo raio, tornar de prompto á vida
Sem que o supremo Nume se oppozesse.

Quando Neptuno a nau desfez de Ulysses,
Não lhe negou Leucotho o seu soccorro.
O infeliz, acredita, os céos protegem.
Nem implacavel é de um Nume a ira.
Ora Nume não ha mais moderado
Que o nosso Imperador, e os seus poderes
Sómente os deve á imparcial justiça.
De marmore lhe deu agora um templo,
Templo que no seu peito ha muito tinha.
Muita vez lança Jove a esmo os raios,
E os que fere nem sempre são culpados.
De todos os que o mar irado engole
Quantos ha que o destino seu mereçam?
Nas batalhas succumbe o mais valente!
Da guerra o Deus (e para elle appello)
Nem sempre com as victimas é justo.
Emquanto a nós, por Cesar condemnados,
Se o perguntares, todos te dizemos
Que o castigo infligido fôra justo.
E, direi mais, as victimas de Marte
Das ondas ou dos raios esperanças
Nenhumas podem ter; e só a Cesar
Alguns de nós o seu allivio devem.
E queira o Céu que entre elles me enumere.
Tal o principe é que nos governa.
E temerás acaso de arriscar-te
Tractando com o misero exilado?
Bem fundados seriam teus receios
No reinado de um barbaro Busiris,
Ou do tyranno que n'um bronzeo touro
As suas tristes victimas queimava.
Não calumnies mais com vãos terrores
Um coração benigno e compassivo.
Quem póde em meio de tranquillias ondas

De escolhos receiar o duro embate?
E eu mesmo escusar-me apenas posso
D'escrever-te sem nome as cartas minhas.
Mas o terror que me assaltou tirou-me
Do meu proprio juizo a liberdade.
Mas d'hoje ávante, já tranquillizado,
Consente que o poeta agradecido
O nome que ama nos seus versos ponha.
Vergonha para nós ambos seria
Que depois d'uma longa intimidade
Jámais n'um livro meu não appareças.
Um vão temor não te perturbe o somno.
Meu affecto irá só 'té onde queiras.
Emquanto o não permittes, o teu nome
Não revelarei; ninguém constranjo
A que receba as minhas homenagens.
Amar-me ás claras pódes sem receio;
Mas se algum risco n'isso presentires,
Em segredo, sequer, ama-me sempre.

CARTA SETIMA

A seus amigos

As palavras me faltam, com que possa
Renovar preces, vezes mil já feitas.
E vós com tedio certamente lêdes
Versos que têm completa semelhança,
E de antemão sabeis o que vos peço,
E tudo o que na carta minha digo,
Antes que o fio desatado seja.
Vou pois dos versos meus mudar o assumpto,
Por não ter de lutar constantemente
Contra vento e maré. Perdão, meus caros,
Se com vosso favor demais contava.
Não cahirei jámais em tal descuido,
Não mais fatigarei a cara esposa.
A sua conjugal fidelidade
A sua timidez honesta eguala.
Ovidio, que ha soffrido infindos males,
Mais este soffrerá desassombrado.
Não haverá decerto d'hoje ávante
Desastre algum que te acabrunhe, Ovidio.
O almalho, que a manada apenas larga,
A charrua e o duro jugo esquiva.
Emquanto a mim, depois que o fado adverso
Se afez a perseguir-me, não ha males

Que novos sejam e soffrer não possa.
E já que vim para o paiz dos getas,
N'elle me finarei. É necessario
Que a Parca ao meu destino ponha o sêllo.
Entregue-se á esperança embora aquelle
Que esperanças em vão nem sempre teve.
Quem conta com o porvir seus votos faça.
O que em taes circumstancias mais nos cumpre
É um franco e rasgado desespero.
Peiorar muitas vezes temos visto
Com remedios energicos feridas
Que melhor fôra não lhes ter tocado.
Menos penosa a morte é para aquelle
Que as ondas instantaneamente engolem,
Que para aquelle que por longo tempo
Com as ondas em lucta as forças perde.
E porque imaginei eu que podia
Deixar um dia as scythicas mallezas
E morada obter menos ingrata?
Porque esperei de alliviar meus males?
Minha sorte ignorar podia acaso?
Cada vez mais se aggravam meus tormentos,
E d'estes sitios o constante aspecto
O exilio meu renova e a dôr augmenta.
Dos amigos, comtudo, o pouco zelo
Menos funesto me teria sido,
Que o mallogro de supplicas ardentes.
A causa que engeitaes seguramente
Facil não é; mas se pedir quizesseis
Disposta a deferir vontade acháreis.
Se por desgraça a colera de Cesar
Vos responder em termos negativos,
Tranquillo morrerei no Ponto Euxino.

CARTA OITAVA

A Maximo

Que presente enviar-te poderia
D'esta terra de Tomos, como prova
Da minha indefectivel amizade?
Digna fôra de ti a prata, e o ouro
Mais digno ainda; porém, tu só amas,
Para as poder doar, estas riquezas.
Demais, metaes preciosos não se exploram,
E aqui permite apenas o inimigo
Que o lavrador na terra os sulcos abra.
Muitas vezes a tua toga enfeitada
Com bordados de purpura vistosa,
Mas a mão d'estes sarmatas não sabe
A purpura tingir. Só rudes velos
A ovelha cobre, e de Minerva as artes
De Tomos as mulheres não conhecem,
E em vez de cuidar das lãs no tracto,
As mulheres na eira o pão debulham,
Na extrema lida de suor cobertas.
Não se cobre de pampanos o olmeiro,
Nem co' o peso do fructo o ramo verga;
Só produz absintho o campo hediondo .
Cujo fructo da terra o amargo indica.
Assim, n'este cantão de Ponto Euxino

Nada ha que o meu amor possa enviar-te,
Que um scythico carcaz de settas cheio,
E oxalá que se possam cravar todas
Dos inimigos teus no peito infame.
Estas as pennas são que aqui se encontram,
Estes os livros seus; e esta a musa
Que n'esta região barbara domina.
De tão mesquinha dadiva me pejo,
Mas todavia peço-te que a accites.

CARTA NONA

A Bruto

Noticias-me Bruto que os meus versos
Por não sei que censor foram notados
De conterem sómente um pensamento,
Continuas preces de mudar de exilio
Menos cercado de crueis inimigos.
Pois só este dos meus defeitos notam?
Bem... se os não tenho, mais contente fico.
Eu bem conheço o que em meus versos falta:
Bem que o nosso gabamos mais que o justo,
O auctor applaude sempre a obra sua.
É d'est' arte que um Agrio sustentava
Que de Thersite o rosto era formoso.
Nunca me apresso a amar o que hei composto.
Porquê faltas commettes, se as conheces?
Porque deixas defeitos em teus versos?
A molestia sentir e guarecel-a
São cousas differentes; todo o homem
Sente o mal, mas curar só póde a arte.
Palavras emendar querendo ás vezes,
Todavia o não faço. O que me falta
Não é decerto o gosto, mas a força.
E, (porque deixarei de confessal-o?)
Com trabalho corrijo e mal supporto

Prolongada fadiga. O enthusiasmo
O auctor anima e a fadiga adoça.
Co' a obra sua o espirito se eleva.
Compôr e corrigir differem muito.
Inventa o genio, a razão fria emenda.
Aristarcho o que Homero fez corrige.
E o cocheiro os seus corceis fogosos
Na fuga velocissima refreia.
Possam em meu favor piedosos deuses
De Cesar abrandar a ira extrema,
E meus ossos sequer achar jazigo
Em terra socegada. Aqui nem mesmo
Me é licito occupar-me em cousa alguma
Sem que a imagem da minha desventura
Me venha aniquilar os meus esforços.
Custa-me a crer que não seja loucura
Querer versos compôr ou corrigil-os
Entre os barbaros sarmatas e getas,
E nada menos censurar se deve
Que o continuo insistir na mesma idéa.
Feliz, era festivo então meu canto;
Desgraçado, só pôde ser tristonho.
Tem cada obra seu assento proprio;
E que outro assumpto aqui achar podéra
Mais que a miseria d'esta plaga hedionda?
Que podéra eu pedir mais do que a graça
De morrer em paiz menos mofino?
Digo e repito; mas ninguem me escuta
Ou fingem não ouvir e não respondem.
Mas á mesma pessoa não repito
Jámais a mesma cousa. Acaso, Bruto,
Para que jámais me repetisse
Um só amigo deprecar devera?
Importancia não dei a tal reparo;

Minha franqueza desculpae, doutores;
Mas penso que a existencia e propria vida
Têm mais valor que o merito da obra.
Tem o poeta emfim pleno direito
De variar o assumpto que imagina.
E não faz minha musa mais que a historia
Veridica das minhas desventuras,
E o testemunho seu falhar não póde.
Meu objecto compôr não era um livro,
Mas sómente escrever aos meus amigos.
Depois as cartas ao acaso unia,
Como as ia encontrando; e eu não creio
Que o nome de selectas possas dar-lhe.
Sê portanto indulgente para escriptos,
Que da gloria a ambição me não ditára
Mas o meu interesse e o meu affecto.

FIM DO LIVRO TERCEIRO.

LIVRO QUARTO

*

CARTA PRIMEIRA

A Sexto Pompeu

De quem te é devedor da vida acolhe
Estes versos, Pompeu (1); e se permittes
Que o nome teu inscreva, os beneficios,
Que me tens feito, assellarás com este.
Se franzires a testa, dizer devo
Que fiz mal, e comtudo approvar deves
D'este meu erro a innocente causa.
A minha gratidão calar não pude;
Tua ira, eu te rogo, não carregue
Sobre um piedoso e nobre sentimento.
Quantas vezes me não tenho exprobrado
De em meus versos não ter teu nome escripto!
Desejando escrever um outro nome,
Quanta vez minha mão ignaramente
Sobre a cera não tem teu nome inscripto!
E dava-me prazer este meu erro,
Apagando com magoa o nome escripto;

(1) Este Pompeu é aquelle de que falla Burmann e que foi descendente de outro Pompeu, mal succedido em Numancia, e que foi consul no anno 718 de Roma.

Finalmente exclamava; se o desejas,
Assim se faça; e queixe-se elle embora;
Sinto só que tardia fosse a offensa.
Bem que de agua Lethêa me fartasse,
(Que, segundo se diz, torna insensivel)
Esquecer-me de ti jámais podéra;
Não te opponhas, te peço, não desdenhes;
Meus versos e palavras não condemnes.
De bom grado portanto acceita, amigo,
Esta pequena, mas sincera, prova
Da minha gratidão; senão, meu caro,
Ainda a teu pesar te serei grato.
Jámais tua bondade auxiliar-me
Duvidou na desgraça, nem teu bolso
Se retrahiu jámais nos meus apuros;
Hoje mesmo benigno e compassivo,
Sem te assustares co' a desdita minha,
Mantens, e manterás, minha existencia.
Porque tanto confio no futuro,
Talvez perguntarás? A obra nossa
Jámais ligeiramente se abandona;
Bem como Venus ao sahir do banho
Expreme com as mãos a loira trança
E é do esculptor de Cos (1) a obra insigne
E, como a estatua de marfim e bronze
Da deusa Pallas, que protege Athenas,
É obra que das mãos sahiu de Phidia (2)
Como Calamo a gloria reivindica
Dos cavallos que foram obra sua;
Ou, emfim, como a celebre novilha

(1) Apelles.

(2) Phidias, celebre estatuario da antiguidade.

Que ao cinzel de Miron (1) seu nome deve;
Da mesma sorte não sou eu, ó Sexto,
A somenos das tuas boas obras.
O que sou e o que posso a ti só devo.

(1) O maior esculptor da antiguidade.

CARTA SEGUNDA

A Severo

Severo (1), o rei dos reis na Aonia lyra,
Estes versos que lês d'aqui te envio,
Do covil d'estes Getas guedelhudos.
Permitte-me que o diga, estou vexado
De ha mais tempo não ter teu nome inscripto.
Mas se versos te não tenho enviado,
Sempre nos temos carteadado em prosa.
E só nos versos meus tenho faltado
Ás provas da mais intima amizade.
De que servia dar-te o que tu fazes?
Quem a Baccho dará Falerno vinho?
Mel a Aristeu (2), a Triptolemo (3) trigo,
A Alcino (4) fructas? Fertil é teu genio,
E de quantos o Helicon cultivam
Ninguem tão abundante messe colhe;
Versos mandar a tão insigne vate

(1) Não se sabe exactamente quem fosse. Seria talvez o insigne poeta epico d'este nome.

(2) Supposto filho de Apollo e da nympha Cyrene que ensinou a tractar do gado e das abelhas.

(3) Que ensinou a cultura dos cereaes.

(4) Alcino, filho de Nausicaa, rei dos Pheacos, cujos jardins e pomares foram muito celebres na antiguidade.

Fôra mandar a folha secca ás selvas.
 Outra causa não teve o meu descuido.
 Não responde comtudo como outr'ora
 Ao meu desejo o espirito enfezado;
 Lavra em arido solo relha esteril;
 É como se, obstruida a veia de agua,
 Pelo interposto lodo mal corresse.
 Turbam a mente da amargura as fézes,
 E da apoucada veia corre o verso.
 Se o mesmo Homero aqui se vira acaso,
 Não duvides, um Geta se tornara.
 Portanto a minha confissão perdoa.
 Tem-se afrouxado o meu amor ao estudo;
 E raras cartas minha mão rascunha.
 O sacro fogo que o poeta anima
 E que dantes meu peito escandecia
 Amortecido está; e a minha musa
 A custo em meus trabalhos me soccorre;
 Se a tabella encerada acaso tomo,
 A preguiçosa mão se presta a custo.
 Pouco ou nenhum prazer tenho na escripta;
 Nem acho distracção n'esta fadiga
 De ajustar a palavra ao metro vario;
 Ou seja porque n'isto nada ganho,
 Antes do infortunio meu foi causa;
 Seja porque é bailar na escuridade
 Versos compôr que não terão leitores.
 O escriptor animam seus leitores,
 O applauso, a gloria o espirito estimulam;
 E a quem recitarei aqui meus versos,
 Se não fôr aos Coraes (1) de fulo aspecto

(1) Coraes ou Corales, povos grosseiros e robustos do Ponto, dos quacs fallam Valerio Flacco e Strabão.

E á demais gente barbara do Istro?
E que posso eu fazer aqui sósinho?
Como meu ocio empregarei, e como
Poderei encurtar meus tristes dias?
O vinho, o jogo perfido não amo
Que o tempo sem o presentirmos levam.
O campo cultivar tambem não posso,
Porque a guerra cruel m' o não permite,
Nem tão pouco entreter-me a dar á terra
Uma face diversa, um grato aspecto.
Só pois ás Musas soccorrer-me posso;
Recurso triste, porque as irmãs doutas
Satisfeitas commigo estar não podem;
Mas tu, que com maior ventura bebes
Da fonte Aonia, continúa sempre
Nos teus felizes lyricos estudos,
E ás Musas rende as graças que lhe deves,
E consente que n'estes sitios veja
Algum fructo dos teus novos trabalhos.

CARTA TERCEIRA

A um amigo inconstante

Queixar-me devo? Deverei calar-me?
Sem nomear-te narrarei teu crime,
Ou farei conhecer o que és a todos?
É para te não dar celebridade
Que omittirei nos versos meus teu nome.
Quando o meu barco prospero vogava,
A acompanhar-me o ultimo não eras;
Mas como a sorte hoje me enruga a fronte
E preciso de ti, de mim te afastas.
Finges não conhecer-me, e se meu nome
Ouves pronunciar, quem é? Perguntas,
Que sou (tu ouvirás, bem que te pese),
Um teu amigo intimo da infancia,
A quem primeiro tu participavas
Teus mais serios negocios, o primeiro
Que commigo os brinquedos partilhavas
Que fui sempre um teu muito fido amigo,
E tua Musa unica chamavas.
Não sabes se inda vivo, nem te importa
Averiguar se existo ou já sou morto;
E ou jámais me tiveste algum affecto,
E tu mesmo o confessas, me trahias,
Ou, senão, te fingias; n'esse caso
Tua inconstancia é mais que manifesta.

E porque, diz-me pois, estás mudado?
 Se motivos de queixa não tiveres,
 Hão de tel-os por certo as queixas minhas.
 Que te impede de ser o que já foste?
 O cahir na desgraça? é isto um crime?
 Se com teus bens e com teus bons officios
 Não me podias ajudar, ao menos
 Uma expressão de saudoso affecto
 Negar-me não devias. Crer me custa,
 Mas, dizem mais, que o misero não poupas
 Na sua desventura. Tresloucado!
 Se um dia a sorte te virasse as costas,
 Tu proprio as tuas lagrimas seccaras?
 Sob a planta ligeira d'essa Deusa
 Irriquieta gira a fatal roda,
 Mais instavel que as folhas, mais que o vento;
 Tu com ella, infiel, corres parelha.
 Tudo pende no mundo em debil fio;
 E o mais seguro e solido edificio
 Subito desaba. Quem de Creso
 As riquezas innumeradas ignora?
 Cahe comtudo captivo, e a generoso
 Inimigo deveu a propria vida.
 O tyranno (1), que ha pouco em Syracusa
 Se fazia temer, viu-se obrigado
 A ganhar o seu pão n'um vil emprego.
 Quem maior que Pompeu? (2) E todavia

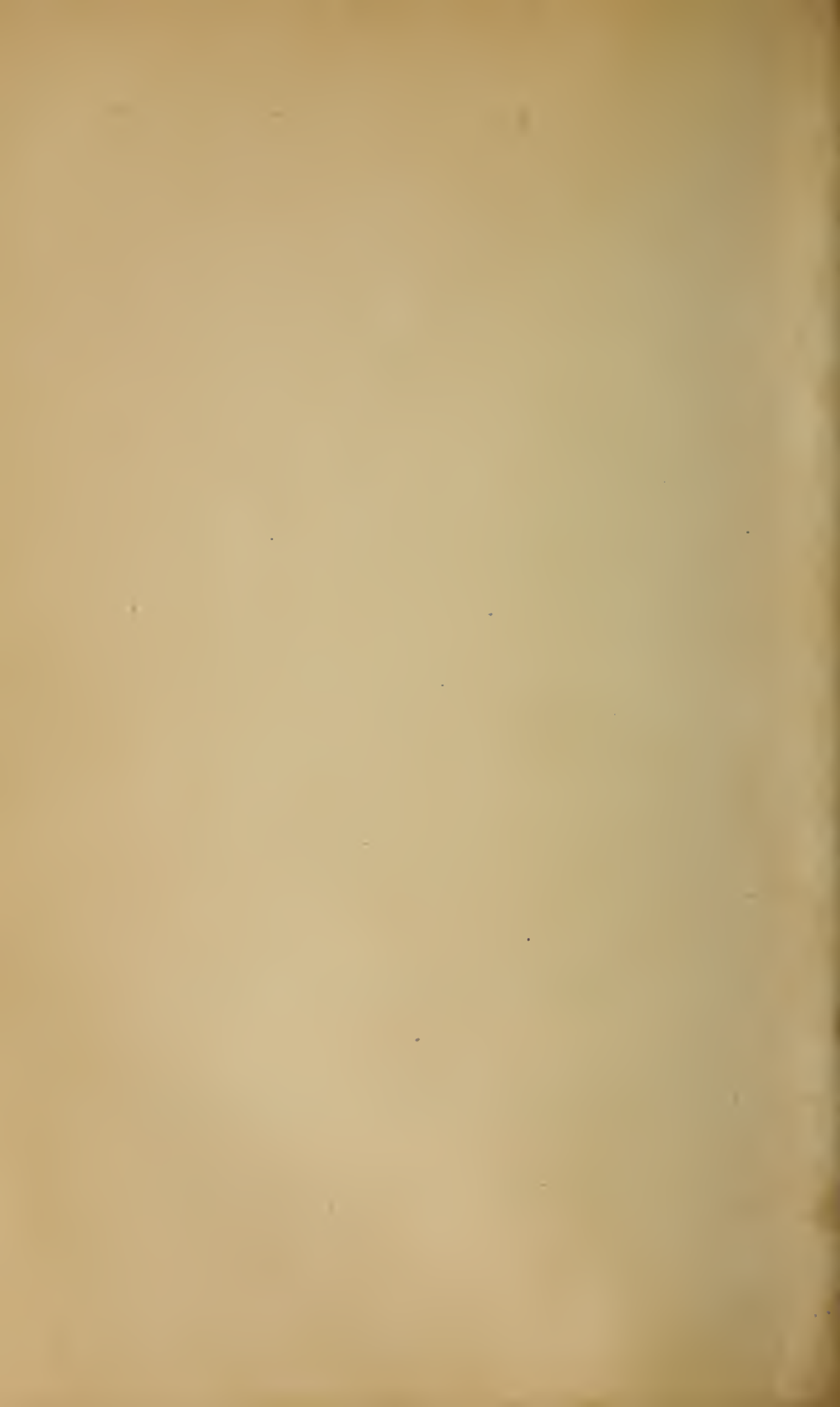
(1) Dionysio, filho de Dionisyo, Tyranno da Sicilia, expulso pelo povo pela sua extrema tyrannia, retirou-se para Corintho, aonde para viver se fez mestre de meninos.

(2) Pompeu o grande. Foi senhor das tres partes do mundo (como diz Plutarecho), o qual, vencido por Cesar nos campos da Pharsalia, fugiu para o Egypto, onde lhe deu asylo o rei Ptolomêo.

O soccorro implorou do seu cliente;
 Esse, que dominava o Orbe inteiro,
 Veio a ser o miserrimo dos homens,
 O guerreiro, que celebre tornaram
 De Jugurtha e dos Cimbros o triumpho,
 E, sendo consul, aos romanos dera
 Tantas victorias, Mario (1) finalmente
 Teve de procurar um triste asylo
 Entre as canas d'un pantano lodoso
 Contratemos soffrendo, indignos d'elle.
 Da sorte humana a divindade zomba
 E co' o presente só contar podemos.
 Se me dissesse alguém: irás um dia
 Ao Ponto Euxino, e temerás o ataque
 Do arco e settas Getas, dir-lhe-hia:
 Perdeste o siso, bebe este remedio,
 Da Anticyra (2) verás o prompto effeito.
 Eis aqui todavia o que hei soffrido.
 Se esquivar dos mortaes podesse os golpes,
 Nem por isso evitar podera os raios
 Do primeiro dos deuses. Tremar debes
 Da mesma sorte; e pensa que a alegria
 Que sentes póde ser tristeza em breve.

(1) Mario, celebre consul romano, que venceu Jugurtha, rei da Numidia e os Cimbres, mas perseguido por Sylla teve de refugiar-se nas lagoas Minurnas, e finalmente alli preso foi conduzido á Lylia, d'onde, voltando a Roma, alli morreu miseravelmente.

(2) O remedio a que allude o poeta era o succo de varias hervas purgativas especialmente do Eleboro que abundavam na ilha Phocaica fronteira a Corintho chamada Anticyra, efficaz no curativo da loucura.



CARTA QUARTA

A Sexto Pompeu

Humido e pluvioso o clima é sempre
Para os Austraes; porém não de tal fórma
Que passe um dia sem que a chuva pare.
A terra, inda a mais safara e mesquinha,
Não deixa de brotar proficuas plantas;
Tão duros nunca são da sorte os golpes,
Que alguma distracção os não suavise.
Eis-me esbulhado, aqui, de casa e patria,
Longe dos meus amigos, e arrojado
Por um triste naufragio ás praias Getas.
Aqui achei comtudo alguma cousa,
Que veio um pouco desfranzir-me a testa,
E fazer-me olvidar o meu desterro.
Sobre as louras areias passeiava
Triste e pensativo; e de repente
Cuidei ouvir detraz o som de uma aza;
Voltei-me, mas não vejo cousa alguma,
E a meus ouvidos estas vozes chegam;
«A Fama sou, que vastos céos transpondo,
Venho trazer-te venturosa nova;
Pompeu, de teus amigos o mais caro,
Consul foi nomeado; ledo, fausto,

Vai ser o novo anno;» disse; e quando
Viu divulgada esta feliz noticia,
Para outras nações poz-se a caminho.
Tão grata novidade promptamente
Dissipou meus cuidados; e estes sitios
Perderam para mim seu rude aspecto.
Assim pois quando tu, bifronte Janó,
Esse anno abrires, que tão lento marcha,
E o dezembro expulsar teu mez sagrado,
Envergará Pompeu a rubra toga,
Do supremo poder ornato e emblema;
E, se houvesse mais honras, tel-as-hias.
Parece-me que estou já vendo o povo
Para o palacio consular correndo;
Agglomera-se, aperta-se, e mal cabe
No estreito recinto. Sem detença
Sobes ao templo do Tarpeio monte,
E os deuses ouvirão as preces tuas.
Niveos novilhos dos Faliscos prados
Sob a secure sacra a frente abatem.
Queres propiciar os deuses todos;
Mas releva que invoques sobre tudo
Dos deuses o primeiro, o grande Cesar.
Na Curia recebido, os senadores
Ouvirão tua voz na fôrma usada;
E quando co' a facundia, que te é propria,
Seus corações de jubilo inundares,
Feitas as saudações, que o dia exige,
E quando houveres dado as justas graças
Á Divindade e a Cesar, que outras vezes
De as renovar te prestará o ensejo,
Acompanhado então da Curia inteira,
A casa tornarás, que apenas póde
Receber os que preito vem prestar-te;

E entre elles, (ai de mim!) não serei visto,
Nem gosar poderei da grata scena,
Pois só aos olhos d'alma ver-te posso;
E, bem que longe, me serás presente.
Queiram os deuses que em tão fausto dia
O meu nome te lembre, (e exclames logo:)
«Que será feito do meu triste amigo?»
Se vier a saber que assim fallaste,
Será menos cruel o meu destino.

CARTA QUINTA

A Sexto Pompeu, já Consul

Dae-vos pressa, elegiacos singelos,
Aos ouvidos chegaè do varão douto;
Estas palavras leia que lhe envio:
Extenso é o caminho, e vossos passos
Não procedem eguaes; largo manto
De congelada neve a terra cobre.
Quando houverdes passado a Thracia algente,
O Hemon nebuloso e as Jonias ondas,
Entrareis, inda em menos de dez dias,
(Se é que não caminhardeis açodados)
Na soberana e esplendida cidade.
Procurae logo de Pompeu a casa;
É do fóro de Augusto a mais vizinha.
Se alguém do povo perguntar acaso
Quem sois, e d'onde vindes, qualquer nome,
Que vos lembre, será vossa resposta;
Não reputo a verdade perigosa,
Mas menos que temer ha na mentira.
O limiar-passado livremente,
Podereis ver o Consul, já sentado
Na sua eburnea e veneranda séde,
Fazendo respeitar a lei e o justo;

Ou já propondo em hasta a urbana renda
 De fórma que a cidade nada perca;
 Ou já, em meio dos conscriptos Padres,
 No templo Juliano (1) convocados,
 Negocios tracta de tal Consul dignos;
 Ou já saudará, como é de estylo,
 O Augusto Cesar e o seu digno filho,
 Ou sobre os actos de seu novo encargo
 Consultará dos principes o voto.
 O tempo que restar d'estes negocios
 Ao Germanico Cesar será dado,
 Que entre os Deuses maiores mais respeita;
 Mas, se de taes negocios repousando,
 A mão vos extender affavelmente,
 Vos perguntar aqui em que me occupo,
 Devereis responder d'esta maneira:
 «Vive ainda, e confessa que só deve
 Ao bom Cesar, e a ti, a vida sua;
 E recordar costuma, agradecido,
 Que fôras tu quem róta em segurança
 Para o seu triste exilio lhe ordenaste.
 Que se a espada do barbaro Bistonio
 Não fez correr seu sangue, aos teus cuidados
 E a teu bom coração sómente o deve;
 E a fim de poupar os seus recursos,
 De generosas dadivas o encheste;
 E jura que a favores tantos grato,
 Para sempre será teu servo humilde.
 Arvores não terão primeiro os montes,
 Nem os mares velivolos navios,

(1) Este templo foi dedicado por Augusto a Venus, supposta progenitora da gente Julia.

E primeiro á nascente, de que emanam,
Reverterão os rios, do que possa
Faltar á gratidão, que te consagra.»
Isto dicto, pedi seus bens conserve,
E ficará comprida a missão vossa.



CARTA SEXTA

A Bruto

Esta carta que lês te envio, Bruto,
D'onde quizeras que Nasão não fôra.
Mas o que não quizeras quiz o fado,
E mais que tua vontade o fado póde!
São cinco annos Olympicos passados
Desde que á terra Scythica chegámos;
E a Fortuna tenaz, insidiosa,
Os nossos votos com seu pé repulsa.
Tu, Maximo, florão da Fabia gente,
Promettido me tinhas que farias,
Por mim a Augusto supplicas instantes;
E antes de as fazer a vida perdes,
E sou talvez de tua morte a causa;
Um tal preço, por certo, eu não valia.
Assim a mais ninguem confiar posso
O cuidado piedoso de salvar-me;
A tua morte veda-me que implore
De outrem qualquer soccorro. A minha culpa
Algum principio de perdão já teve;
Eu perdi a esperança e elle o mundo.
E todavia d'estas longes terras
Versos, quaes pude meditar, te envio

Em honra da recente Divindade;
A minha devoção me valha ao menos,
E possa terminar meus infortunios,
Applacando o rancor da casa augusta.
E tu também, bom grado o juraria,
O mesmo voto fazes, pois que sempre
Mil provas me tens dado de amizade,
Que recrescido tem co' a sorte minha;
Quem misturar nos visse o nosso pranto,
Diria que igual pena padecemos.
Um coração sensível e bondoso
Como a ninguém, doou a natureza,
E só quem não souber a força immensa
Da tua voz nas discussões do Fôro,
A custo entenderá como é que pôde
Tolerar que algum réo punido seja;
Nem ha contradicção; por natureza
Piedosamente o supplicê escutamos,
E para com os réos severos somos.
Quando desaggravar a lei te cumpre,
Tua voz é mortífera e terrível.
Possam sentir os nossos inimigos
Tudo que pôdes em ferida lucta;
E exp'rimenlar da tua lingua os tiros.
Quem comparar tuas feições afaveis
Co' a insolita dureza de teus golpes,
A custo entenderá como se allia
Tanta brandura com dureza tanta.
Mas quando alguém lesado acaso encontras
Por iniqua fortuna, és mais sensível
Que a mais sensível e mimosa dama;
Experiente o sei, quando a mór parte
Dos amigos d'outr'ora me trahiram.
D'estes me esquecerei, mas de ti nunca,

De ti que me extendeste a mão piedosa;
(E se voltar podessemos ao tempo
Da seva meza do cruel Thiestes),
Primeiro voltará o sol seu carro
Para as ondas do Oriente, que eu me esqueça
Dos que na desventura me acudiram,
Ou tu de ingratidão me arguas, Bruto.

CARTA SETIMA

A Vestalis

Pois que, Vestalis, enviado foste
Do Ponto Euxino ás praias afastadas
Para fazer justiça aos que aqui vivem,
Vês com teus olhos em que terra habito,
E pódes attestar que as minhas queixas
Incessantes não são sem fundamento.
O testemunho teu, progenie illustre
Do rei dos Alpes, servirá de prova.
Vês como o gelo os mares agrilhôa,
Vês como o vinho solido se torna,
Vês o feroz Jazigo (1) sobre o Istro
Os seus bois, e o seu carro vai guiando,
Vês como as suas aguçadas settas
De um duplice veneno ervadas vôam,
E importam sempre duplicada morte;
E aos céos prouvesse que sómente visses,
E em dura guerra o não exp'ri mentasses,
De Centurião primeiro ao alto posto
Só se chega atravez de largos p'rigos;

(1) Povos barbaros, habitantes das margens de Tanais e da lagôa Meotica.

E foi-te ha pouco est' honra conferida;
 E bem que gloriosa e util seja,
 É comtudo ao teu merito somenos.
 Nem o duvida o Istro, cujas ondas
 Com o sangue Geta enrubeceste outr' ora,
 Nem o duvida a Egypsos (1), que insurgida
 Baqueou de novo apenas assomaste;
 Collocada no cimo de alto monte,
 Por sua posição tão defendida,
 Como pelos seus bravos habitantes,
 Por inimigo barbaro tomada
 Ao Sithonico (2) rei, que a desfructava,
 Vitellius (3), descendendo rio abaixo,
 A tropa desembarca e investe os Getas.
 Partes então brilhantemente armado
 Do Dauno, (valentissima progenie),
 E não queres que os teus briosos feitos
 Fiquem em treva escura sepultados;
 Acceleras a marcha, o ferro affrontas,
 O bravio terreno e a densa nuvem
 De grossas pedras que incessantes chovem,
 Como saraiva no rigor do inverno,
 Nada póde deter-te, nem os dardos
 Nem as settas ervadas que te vibram
 Do alto das muralhas; o teu elmo,
 Emplumado, de settas é crivado;
 E nem ha já logar no teu escudo
 Para o minimo golpe. Tão ditoso

(1) Cidade forte da Schytia.

(2) Sithania, parte da Tracia fronteira ao monte Hemo, que se extendia até ao Ponto Euxino.

(3) Vitellus, d'esta familia foi o nono imperador. Este Vitellus, sendo Proconsul na Mesia, junctou-se com Vestalis n'esta conquista.

Não és que invulneravel corpo tenhas;
Mas a dor não suffoca o amor da gloria.
É fama que tal foi Ajax outr' ora
Contra o valente Heitor de Ilion no cerco.
As hostes se approximam, rompe a lucta,
E a espada á espada o vencimento alterca.
Narrar não posso tudo o que fizeste,
Quantos e quaes guerreiros immolaste;
Calcavas, vencedor, montões de Getas,
Destroçados por tua heroica espada.
Segue o Centurião segundo o exemplo
Do seu chefe; e os guerreiros á porfia
Dão e recebem golpes infinitos;
Mas a todos o teu valor supplanta,
Quanto o Pegaso os mais corceis excede.
Soffre Egypsos emfim a justa pena,
E os versos meus attestarão, Vestalis,
Os feitos teus nos seculos futuros.

CARTA OITAVA

A Suillio

Tua missiva, bem que retardada,
Deu-me grande prazer, Suillio (1) douto,
N'ella me dizes que se um terno affecto
Mover póde com supplicas os Deuses,
Os males meus serão suavizados.
E inda quando obter tu nada possas,
Muito me obrigará teu bom desejo;
É na intenção que o merito consiste;
Oxalá que o teu zelo dure sempre,
E que as minhas desgraças não te enfadem.
Tua pia affeição, algum direito
Tenho a pedil-a, vinculos de sangue
Nos unem, e jámais quebrar se possam.
A tua esposa é como filha minha,
E aquella que te dá de genro o nome,
Esposo me appellida; se isto lendo
Te envergonha, franzindo a sobrancelha,

(1) Suillio, como acreditam alguns commentadores de Ovidio, foi questor de Germanico e proquestor na Asia; tendo abusado da sua auctoridade veio a ser desterrado por Tiberio e depois condemnado segundo a lei Cincia e relegado para as ilhas Baliares.

Muito infeliz serei; mas nada infame
Poderás encontrar na vida nossa
Mais de que um infortunio erroneo e cego.
Se no meu nascimento reflectires,
De meus avós na serie numerosa
Nenhum ha que não fosse cavalleiro;
Se a minha vida attento examinares
Achal-a-has immaculada e pura,
Salvo o erro fatal que estou penando.
Se das supplicas tuas algo esperas,
Humilde invoca os Deuses que respeitas.
O joven Cesar é o teu dilecto,
Applaca esta deidade, nenhuma outra
Altars tem que tu melhor conheças,
E nem ella jámais soffre que os rogos
De seus devotos sem resposta fiquem.
Só ella póde sanear meus males;
Meigo sopro me envia, ainda que leve,
E a minha barca surgirá das ondas
Que afundil-a ameaçam; pio incenso
Offertarei então reconhecido,
Que o poder provará do teu patrono.
Levantar-te, Germanico, não posso
Sumptuoso templo em marmore de Paros
Porque tudo perdi no meu desastre.
Que templos te edifiquem as cidades
E as ricas familias; eu só posso
Versos dar-te, meu unico thesouro.
Pagar a vida apenas com palavras
De tão grande serviço é tenue paga,
Mas o que dá o que melhor possue,
Cumpre da gratidão o pio encargo.
Passar além não póde a piedade.
O incenso que o pobre off'rece aos Deuses

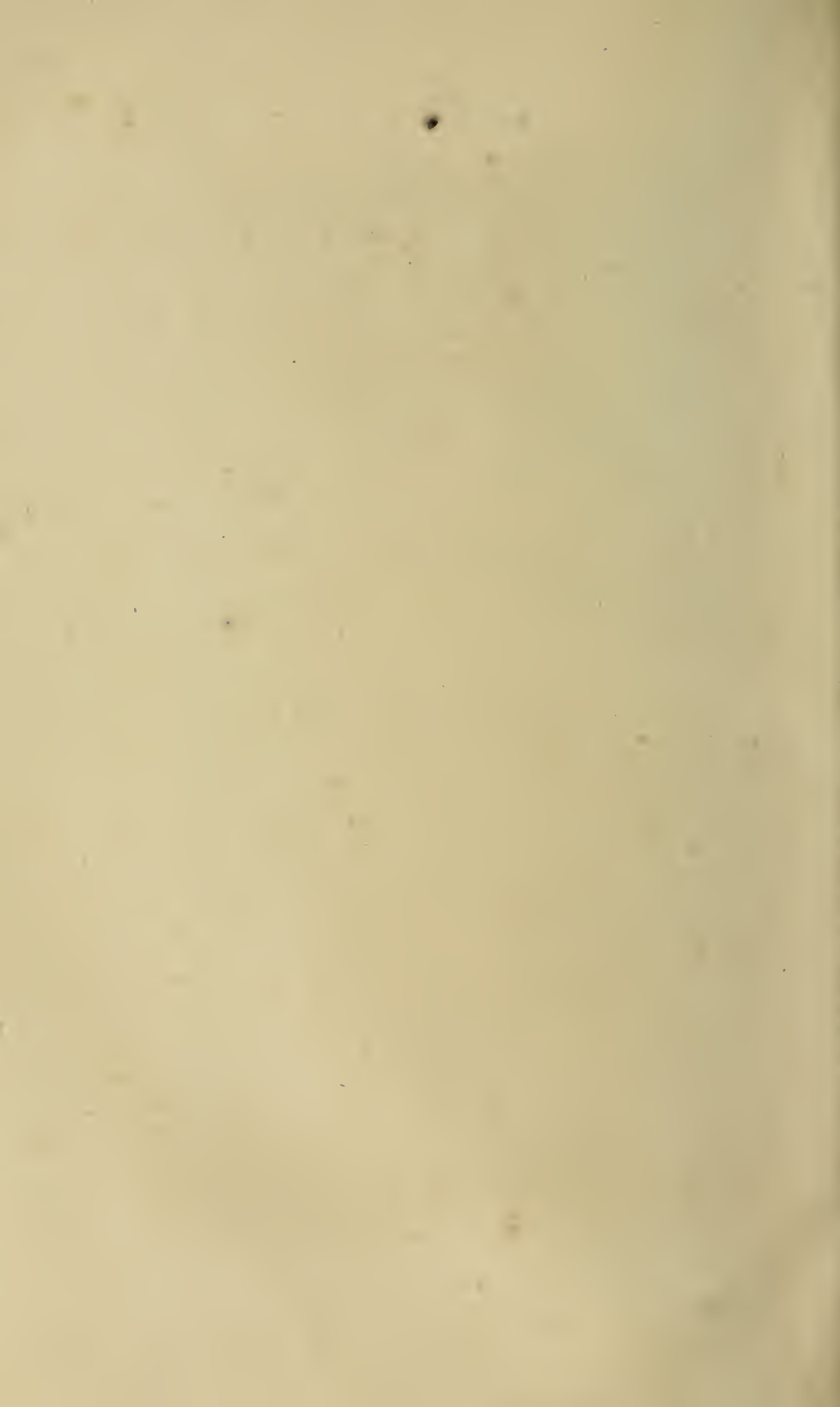
Em pobre vaso, não tem menos preço
 Que o que em aurea bandeja o rico offerta.
 Tanto o anho recente como o touro
 Nutrido nas pastagens dos Faliscos,
 Tingem do Capitolio as sacras aras.
 Mas que digo? O que mais ao poderoso
 Prende e lisongea, são os preitos
 Que em seus versos os vates lhe tributam.
 O canto que apregoa vossa gloria
 E preserva do olvido os vossos feitos,
 Dá á virtude duradoura vida
 E aos posteros evos a noticia.
 Consome o tempo os marmores, o ferro,
 Mas a poesia os seculos affronta;
 Agamemnon (1) por ella conhecemos
 E esses guerreiros, que por elle ou contra,
 No Illiaco assedio combateram.
 Sem ella quem de Thebas (2) fallaria?
 Dos sete capitães, ou dos eventos
 Que antes ou depois logar tiveram?
 E, se eu ousou dizel-o, os mesmos Deuses
 São obra do poetico talento;
 E para engrandecer seu poderio
 Necessitam de Delphico alaúde.
 Os versos nos ensinam que do Cháos,
 D'esta primeira fórma da natura
 Ainda em confusão, nascera a ordem,
 Separando-se os varios elementos;
 Referem-nos tambem como os Gigantes

(1) Agamemnon, rei Mycenae que foi celebrado por Homero na sua Iliada.

(2) O successo de Thebas e as proezas dos sete capitães foram assumpto dos versos de Eschylo, fundador da tragedia Grega.

Que escalar o alto Empirio pretendiam,
Foram na funda Estige sepultados
Pelos raios do céo, filhos das nuvens;
Subjuga a India Baccho e Ochalia Alcides,
Mas seu renome e fama ao verso devem.
E quando teu avô Cesar ha pouco
Por sua alta virtude aos céos subira,
Não foi o verso á gloria sua extranho;
E se inda algum vigor ha em meu Estro,
Germanico, ao serviço teu o sagro.
Vate de um vate o preito não despreza
E sabe tel-o na devida conta,
E das musas o amor e gloria fôras
Se o grande nome teu te não chamasse
A mais alto destino. Compôr versos
Vale por certo menos que inspiral-os,
Mas o teu genio renegar não pódes,
E ora te bates em sangrentas luctas
Ora as palavras á medida ajustas,
E o que é para outros um trabalho
Para ti não é mais que um leve jogo.
Não é extranho a Apollo o arco, a lyra,
E alternamente suas mãos divinas
Já da lyra ou do arco as cordas pulsam.
Nem de outra sorte sabedor te ostentas
Na sciencia dos principes e sabios,
E ora a Jove pertences e ora ás Musas.
E pois que ellas da sua sacra fonte,
Que a unha do Gorgonico cavallo,
D'um só golpe do chão brutar fizera,
Me não tem repellido, util me seja
Termos junctos seguido o mesmo estudo;
E possa eu d'estes Getas afastar-me
E d'este frio solo, que confina

Com o paiz dos barbaros Corales.
Mas se a patria hei perdido para sempre,
Ao menos me concedam que resida,
Como outr'ora, em logar menos distante
Da Ausonia cidade, em que eu célèbre
Tua gloria nascente e altos feitos,
Sem larga dilação, para que os Deuses
Estas preces propiciamente attendam.
Caro Suillio, lembra-lhe que imploras
Por quem pae nomeava esposa tua.



CARTA NONA

A Grecino

É das praias do Euxino, a que me trouxe,
Máo grado meu, desventurada sorte,
Que esta carta te envio, e praza aos Deuses
Que á tua mão te chegue n'esse dia
Em que, dos doze feixes (1) precedido,
Sem mim ao Capitolio te dirijas;
E em vez do ausente amigo te acompanhe,
(Se em tão contraria estrella eu não nascera
E na carreira o eixo do meu carro,
Se não quebrara), a minha propria bocca
Este dever, em vez da mão, prestara.
E aos votos de ventura que te envio,
Teria acrescentado os meus abraços;
E, como a ti, ter-me-hia pertencido
Esta honra a que tu fostes elevado.
Este formoso dia, eu o confesso,
Me encheria d'orgulho, nem houvera

(1) Os Consules tomavam posse do seu cargo no 1.º de janeiro e a procissão em que iam prestar este juramento no templo de Jupiter Capitolino era precedida pelos doze lictores com os seus fasciculos ou feixes de varinhas que constituíam o emblema do seu officio.

Palacio em que coubesse; e enquanto fôras
Com o Augusto cortejo senatorio,
Cavalleiro, o meu consul precedera,
E ancioso de estar sempre ao teu lado
Me julgara feliz, e inda mesmo
Que a turba numerosa me esmagasse,
Não soltara um queixume, antes contente
Ficara por me ver d'est'arte oppresso.
Com prazer contemplara a longa fila
Do augusto cortejo, a immensa turba;
Veria enfim com o maior cuidado
A mais pequena cousa, examinara
Até da tua purpura o tecido,
Estudara as figuras cinzeladas
Na cadeira Curul e os eburneos
Preciosos Nomidicos lavores.
Depois que entrares no Tarpeio templo,
Emquanto á ordem tua é immolada
A victima sagrada, o Deus potente,
Que em meio do recinto está sentado,
Em segredo ouviria as minhas graças
E offertar-lhe do intimo da alma
Mais incenso que aquelle que crepita
Nas bacias thoricremas das aras.
Venturoso, e mil vezes venturoso
De te ver a tão alto emprego erguido;
E alli me achara ao pé dos meus amigos
Se menos dura sorte o permittira;
E este prazer, que só na idéa góso,
Com meus olhos seria partilhado;
Mas outra foi dos Deuses a vontade;
E talvez com razão; pois de que serve
Negar que o meu castigo fôra justo?
Mas o espirito meu, que desterrado

Não foi de Roma, gosará ao menos
Do grandioso espectáculo, e attento
Contemplará tua pretexta e insignias;
Ver-te-ha justiça administrando ao povo
E crer-se-ha restituído ao patrio solo.
Agora ver-te-ha propôr em Praça
Por um lustro do Imperio os rendimentos
Com rectidão eximia e summo zelo;
Agora ouvir-se-ha na augusta Curia
Tua voz eloquente reclamando
Tudo o que possa interessar o estado;
Por Cesar decretar aos Deuses graças
Alvos soberbos touros immolando;
E em negocios graves tendo orado,
Pedirás por mim que o Deus se aplaque;
Do altar de offrendas carregado
Lucida flamma se erga a esta prece,
E seja dos teus votos grato agouro.
Todo saudades não serei comtudo;
Aqui celebrarei de qualquer modo
A tua consular festividade;
Accresce a esta não menor ventura;
Herdará teu irmão as honras tuas.
Sim meu Grecino, este poder que expira
No proximo dezembro, para elle
Deverá começar no mez de Jano;
E tal é a amizade que vos une,
Que ficareis ufanos e felizes,
De exercer por seu turno o mesmo emprego;
Assim duplicarás teu consulado
E será por dois annos da familia.
Não ha grandeza na marcial cidade
Que a grandeza dos consules exceda;
Nenhum poder o seu poder eclipsa;

Augusta mão do duador contudo
Realça o dom e a dignidade augmenta.
Oxalá que jámais a ti e a Flaco
Do principe o suffragio vos falleça;
Mas quando se não ache todo entregue
Aos negocios do estado, eu vol-o rogo,
Ás minhas reuni as vossas preces.
E por pouco que o vento infune as velas
Apressorado a amarração desprende,
Para que o meu navio surja fóra
D'estas ondas maleficas da Estigie.
Flaco aqui governava ainda ha pouco,
E sob seus auspicios paz gosavam
Do Istro feroz as temerosas margens;
Quietos conteve os barbaros da Mysia
E os Getas de seus dardos sempre ufanos;
Reconquistou por seu valor a Trosmín (1)
Usurpada por nossos inimigos,
Tingindo em sangue do Danubio as aguas.
D'estas terras pergunta-lhe a apparencia,
Quaes os rigores são do céo da Sythia,
Quão ferozes as hostes que me cercam;
Que te diga se as suas leves settas
Em serpentino fel não são ervadas,
Se victimas humanas não immolam
Deante de seus horridos altares.
Se eu vos engano, ou se não é verdade
Que o ponto largamente se congele,
Em respondendo peço-te perguntas
O que de mim se diz por estes sitios,
E como vivo n'este duro exilio.

(1) Antiga cidade da Mysia que os romanos tomaram aos Schytas.

E se acaso não ha quem me aborreça
É porque o odio de ninguem mereço;
Meu coração não se mudou co' a sorte;
Como o louvavas, o conservo ainda
E esse pudor que ha muito em mim conheces
N'estas longinquas praias em que impera
Um potente inimigo, e as leis annulla
De tal modo hei vivido ha tantos annos
Que homem não ha, nem ha mulher, e infante
Que tenha contra mim soltado queixas.
E se cumpre que invoque testemunhas
D'este paiz, o tomo todo inteiro;
Compassivo me apoia e me sustenta;
E se desejam que d'aqui me afaste
É por saberem quanto o desejava,
Pois veriam com magua a minha ausencia;
Mas se a minha palavra te não basta
Crê nos decretos publicos, nos actos
Que me abonam, me louvam e me eximem
De publicos encargos. Mal parece
Louvor em bocca propria, mas honrado
Com egual privilegio tenho sido
Pelos povos visinhos. É sabida
Dos extranhos a minha piedade;
E que ha em minha casa um sanctuario
A Cesar dedicado. Alli se encontram
Do pio filho seu e cara esposa,
Summa sacerdotisa, imagens pias,
Do nosso novo Deus eguaes deidades;
E para completar toda a familia
Alli se veem tambem as duas netas,
Uma ao lado do avô, do pae a outra.
Apenas no Oriente o sol aponta
Incenso e orações pias lhes off'reço.

Do Ponto inteiro o testemunho inquire;
Não te desmentirá o que assevero;
E sabe ainda que com ledos jogos
Do nosso Deus célebro o nascimento,
Co' a decência que a terra m' o permite.
Esta minha piedade é conhecida
De quantos forasteiros aqui chegam
Da extensa Propontida; não menos
D'ella teria teu irmão noticia
Quando regeu do Ponto a esquerda margem.
Não condiz com meu zelo a sorte minha,
Mas com prazer consagro a este preito
Os escassos recursos que me restam.
Desterrado, d'ostentações não curo;
Folgo co' a minha tacita piedade,
E comtudo do principe aos ouvidos
Hão de chegar sem falta estas noticias;
Do que passa no mundo nada ignora,
Unido aos Deuses no alto Impirio, Cesar
Vê quanto nas regiões sujeitas passa;
Nem deixará de ouvir os ais sentidos
E os votos que da bocca afflicto solto.
Póde ser que tambem os versos veja
Que a Roma te enviei, quando elevado
Foste a honras divinas; tenho idéa
De que emfim applicasse a ira sua,
E que não sem razão pae se appellida.

CARTA DECIMA

A Pedon Albinovano

Vou começar entre estes rudes Getas
O meu sexto verão, Albinovano (1).
Que marmore, que ferro ha ahí tão duro,
Que tanto como eu resistir possa?
A agua branda cahindo a terra cava,
O aureo annel usado se adélgaça,
E gasta a curva selha o chão que rompe,
E o tempo que implacavel tudo gasta
Só não será commigo tão severo?
Nem a morte é bastante poderosa
Para dos dias meus romper o estáme?
Diz-se que ninguem mais soffreu que Ulysses,
Que dois lustros errante andou nos mares,
Mas nem sempre o rigor soffreu da sorte,
E intervallos de grato allivio teve;
Desventura seria por seis annos
Ter de Calypso o affecto disfructado

(1) Poeta contemporaneo e amigo de Ovidio. Existem duas Elegias suas uma sobre a morte de Druso e a outra sobre a de Messenas e alguns fragmentos de uma viagem na Germania e Oceano Septentrional.

E o leito d'uma Deusa partilhado?
 Acolheu-o d'Hippotades (1) o filho
 Que os ventos lhe entregou agrilhoados
 A fim que a nau a seu sabor guiassem.
 Decerto que lhe não foi doloroso
 Das donzellas (2) ouvir o doce canto,
 Nem do lodão (3) achou amargo o fructo.
 Quem me dera poder provar-lhe o succo
 Que a lembrança da patria me roubasse!
 Bom grado o compraria até por parte
 Da minha propria vida. Crer não posso
 Que os Lestrygões (4) eguaes julgues ao Geta
 Que do Istro sinuoso habita as margens.
 Em crueldade o Cyclope não vence
 O barbaro Phyaceo (5); e que vale este
 Entre os terrores que sem fim me cercam?
 Se os monstros que de Scylla os flancos cingem
 Fazem ouvir latidos pavorosos

(1) Filho do rei dos ventos que os sujeitou a Ulysses para que pudesse voltar á sua patria.

(2) Sirenes, Parthenope Leucosea e Ligia. Vej. Homero, liv. 12.º

(3) Allude o poeta ao fructo do lodão arvore africana de que tendo comido os companheiros de Ulysses se haviam esquecido da patria e do qual fructo Ulysses não quiz comer. Vid. Homero, liv. 12.º Conhecemos o lodão africano por Dioscoridas e pelas Flora Lusitana e Hispanica. Mas seu fructo como hoje se conhece já não tem a propriedade oblibiosa que lhe attribue Homero a não ser que já então a videira se eurolasse nos braços do lodão e produzisse aquelle succo delicioso de que ainda hoje inebria os nossos minhotos; a ficção não seria indigna do genio do grande poeta.

(4) Eram uns povos barbaros que habitavam nos confins da Italia do lado da Sicilia.

(5) Quereem alguns que foi um rei muito cruel da Scyta; mas segundo Homero os Pheaceos eram os habitantes da ilha de Coreyra que tinha por seu rei Alcino, filho de Pheace.

Menos fataes não são ás naus Henochias (1).
 Nem sequer o terrível Acheano (2)
 Póde egualar a horrída Charybdes (3)
 Que as ondas por tres boccas sorve e expelle;
 Com mais furia estes barbaros infestam
 As margens da direita; mas a parte
 Em que habito não é de todo isenta.
 O campo aqui não tem verdura e folhas
 Envenenam-se as settas, os mares gelam
 E permitem que a pé enxuto os passem;
 E sobre as ondas que inda ha pouco o remo
 Caminho abria, marcha o navegante
 Deixando o seu navio. Os que de Roma
 Acabam de chegar, nos asseveram
 Que a custo acreditaes miserias tantas.
 Quanto infeliz não é o que padece
 Males incriveis! Crê-me todavia
 Desejo que não fiques ignorando
 Porque os mares Sarmaticos se gelam.
 Essa constellação, que finge um carro,
 Gira perto de nós, e seu influxo
 Esta excessiva frialdade esparge;
 Parte o Boreas d'aqui, e seu dominio,
 Quanto mais perto fica, mais violento.
 O sul, pelo contrario, cujo sopro
 Que tepido nos vem do sol opposto,
 Não nos chega senão já quasi extincto;
 Accrescenta que rios numerosos

(1) Henochias ou dos Henachios, povo do Euxino que se occupava na pirataria.

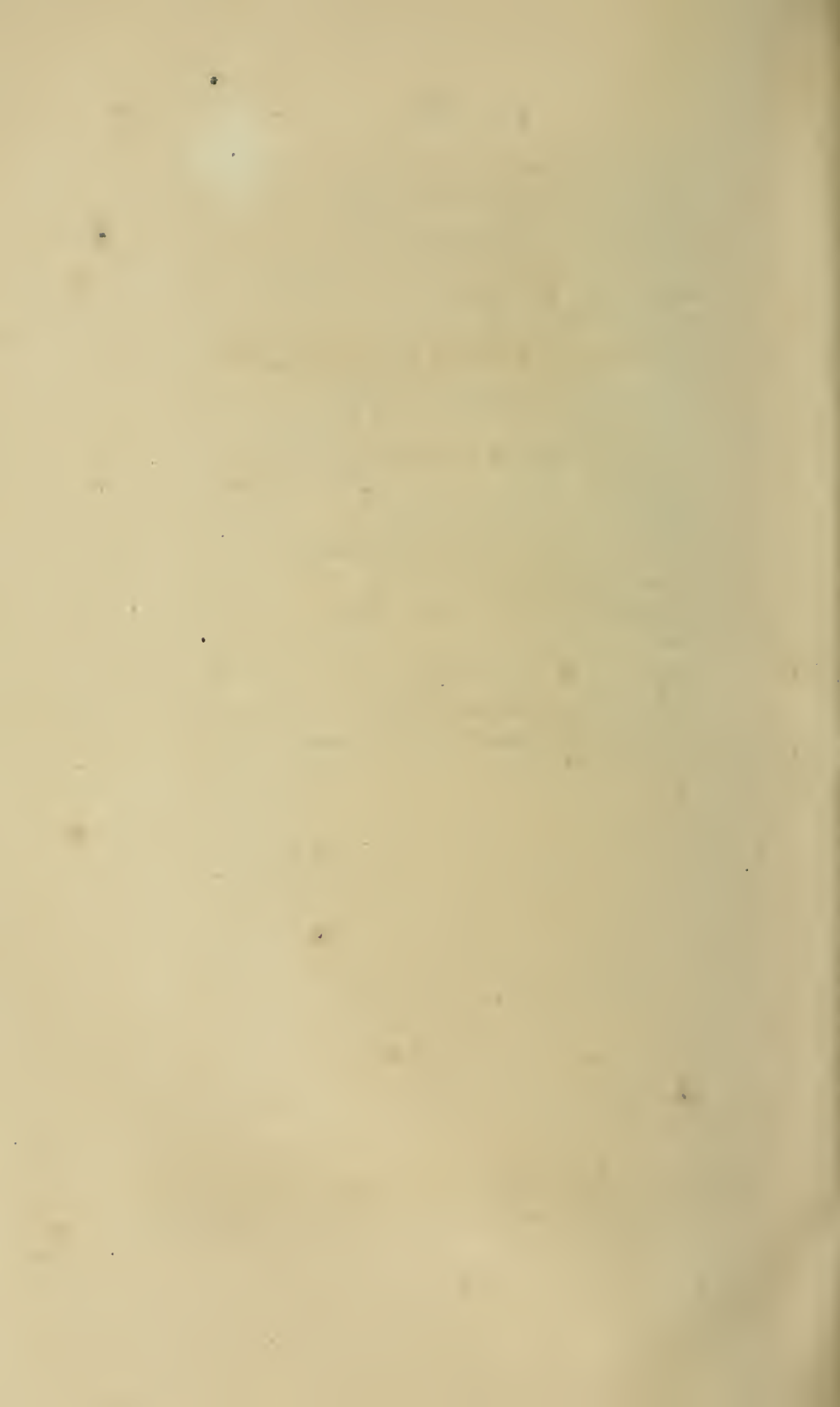
(2) Povo ferocissimo da Scytia que viviam da rapina.

(3) Era perigosissima a navegação entre os dois escolhos de Schyla e Charybdes.

N'este mar sem exgotto vem lançar-se,
E as aguas marinhas desnaturam
O Lyco (1), Zágar, Penio, Spanio, Crato,
E as aguas do Halys turbinosas,
O espumoso Parthenio e o Cynapeo,
Que pinhascos na veia sua arrasta,
Tyras tardio, e tu oh Thermodonte
Por valentes mulheres deffendido,
Phasis que os heroes gregos visitaram,
Borysthenes d'envolta co' o Dyraspe,
Melantho de percurso largo e manso,
E esse rio que a Asia separando,
Da Cadmea irmã se abriu caminho,
Entre as duas regiões, outros sem conto
Ha, entre os quaes o Istero se distingue,
Que ao Nilo nega a maxima grandeza.
Ás marinhas unidas tantas aguas
As alteram, tirando-lhe a virtude.
Demais qual lago d'aguas estagnadas,
Escassamente a côr azul conserva.
A agua doce é mais leve que a salgada
E especifico peso do sal toma.
Se perguntam porque a Pedon refiro
Taes miudezas, e porque sujeito
Idéas taes a metrica medida,
Dir-lhe-hei que empregar só quero o tempo,
E enganar d'algum modo as magoas minhas;
Aqui tens de uma hora gasto o fructo.
Minha dor olvidei isto escrevendo,
Nem senti que me achava entre estes Getas

(1) Lyco, todos os rios que o poeta menciona n'esta sua descripção Geographica nascem ou correm na região da Scythia ou confinantes.

Tu de Theseo os feitos celebrando
As virtudes do heroe de certo imitas,
E partilhas a sua propria gloria;
E elle não quer por certo que a amizade
Fiel sómente na ventura seja.
Por mais illustres que seus feitos foram
E por mais que o realce a voz que os canta
Póde imitado ser, contudo em parte.
Todo o amigo um Theseo tornar se póde.
Não pedirei que com a espada em punho
Ou a clava dos Hercules brandindo
Debelles os terriveis salteadores,
Que de Corintho o isthemo infestavam;
Só peço que me ames, cousa facil,
A quantos o quizerem. Tão penoso
Será manter a fé constante e firme?
Mas tu, cuja amizade inalteravel,
Jámais soffreu o minimo desaire,
Bem sabes que arguir-te aqui não posso.



CARTA DECIMA PRIMEIRA

A Gallião

Não ter o nome teu 'té hoje inscripto
Nos meus versos, Gallião (1) é quasi um crime,
Por que quando senti do Nume o raio,
A minha dor pungente consolaste;
Provesse ao Céu que assim já magoado,
Por causa d'um amigo não tivesses
Que exp'rimentar ainda novas dores;
Mas não quizeram permittil-o os Deuses.
Pensaram os crueis que poderiam
Arrancar-te sem crime a casta esposa.
O teu lucto uma carta me annuncia,
E cobri-a de lagrimas sentidas.
Não me compete consolar um sabio,
Nem repetir-lhe o que sobejo sabe.
Sem duvida a razão, ou seja o tempo,
Terão a tua dor attenuado.
Emquanto a tua carta me não chega,
E a minha não recebes, percorrendo

(1) Julio Gallião ou Galliano foi adoptado por Marco Aureo Novato, irmão de Seneca. Na Cronaca Euzebiana lê-se que foi grande orador, e que se suicidou com a sua propria mão no mesmo anno em que morreu Lucano.

Tanto mar, terra tanta, um anno passa.
As consolações gratas da amizade
Não tem mais que uma epocha opportuna;
Não é no auge da dor; é quando o enfermo
O seu allivio implora, quando o tempo
Apaziguado tem nossas feridas;
Exacerba-as um tracto intempestivo.
E já agora (e oxalá que não me engane)
Gosarás de outro thalamo a ventura.

CARTA DECIMA SEGUNDA

A Tuticano

Se em meus versos teu nome inda não viste
Não me culpes a mim, teu nome accusa;
Mais que tu, ninguem ha d'essa honra digno,
Se é honra figurar nos meus escriptos.
Mas de teu nome a indole e cadencia
E leis do metro oppõem-se ao meu desejo.
Não vejo modo de o metter em verso;
Não ousava partir em dois teu nome,
Pondo no fim d'um verso parte d'elle
E no principio do seguinte o resto.
Não posso fazer longo o breve accento
E chamar-te sem pejo Tuticano;
Nem posso nos meus versos inserir-te
A syllaba primeira abreviando,
Ou alongando a que sómente é breve;
E maior dilação dando á segunda
Eu me atrevesse a corromper teu nome;
Com erros taes rir-se-hiam e diriam,
Não sem razão, que o Siso já perdera;
Eis porque ao meu dever tenho faltado.
Pagal-o-hei porém com dupla usura
Cantar-te-hei, conhecer-te-hão todos.

Com um signal qualquer mandar-te-hei versos
 A ti, que desde a infancia nos amamos
 Como dois bons irmãos se amam, presam.
 Foste meu conselheiro, socio e guia
 Quando o freio inda mal reger ousava.
 Muita vez corrigi por teu conselho
 Os meus escriptos; e não poucas vezes
 Por meu conselho foram os teus versos
 De algumas feias maculas purgados,
 Quando inspirado, pelas doutas Musas,
 Compozeste o Pheacido (1) poema,
 Digno por certo do Meonio Vate.
 Nasceu na verde infancia esta amizade;
 Encanece o cabello e dura ainda.
 Se insensivel acaso agora fosses
 De rijo ferro um coração terias,
 E mais que o diamante impenetravel.
 No Ponto cessará primeiro o frio,
 Flagello eterno d'esta odiosa terra,
 E n'elle acabará primeiro a guerra,
 Primeiro soprará calmas o Boreas,
 E o Austro temperado frio algente,
 E será menos dura a sorte minha,
 Do que teu coração cruel se mostre
 Contra o teu desgraçado e afflicto amigo;
 Não quiz o fado e não queira nunca
 A tal ponto elevar o meu tormento.
 Sómente pedirei que não te esqueças
 De endereçar-te em meu favor aos deuses,
 E sobretudo ao que é mais verdadeiro
 Que tanto te distingue e favorece.

(1) N'este poema louvava Tuticano a Alcino, rei dos Pheaces, que recebera Ulysses com affectuoso agasalho. Vej. Odes, liv. 12.º

Como amigo fiel, d'esta arte obrando,
Faze que as minhas velas não esperem
Inutilmente, um vento favoravel.
Perguntas, em que pódes tu servir-me?
Se t' o posso dizer, morrer desejo.
Mas poderá morrer quem já não vive?
O que quero e não quero eu mesmo o ignoro;
O que póde convir-me a custo entendo.
A prudencia o infeliz primeiro perde,
E co' a fortuna o siso e razão foge.
Busca tu mesmo em que ajudar-me possas
E que meus votos possam realizar-se.

CARTA DECIMA TERCEIRA

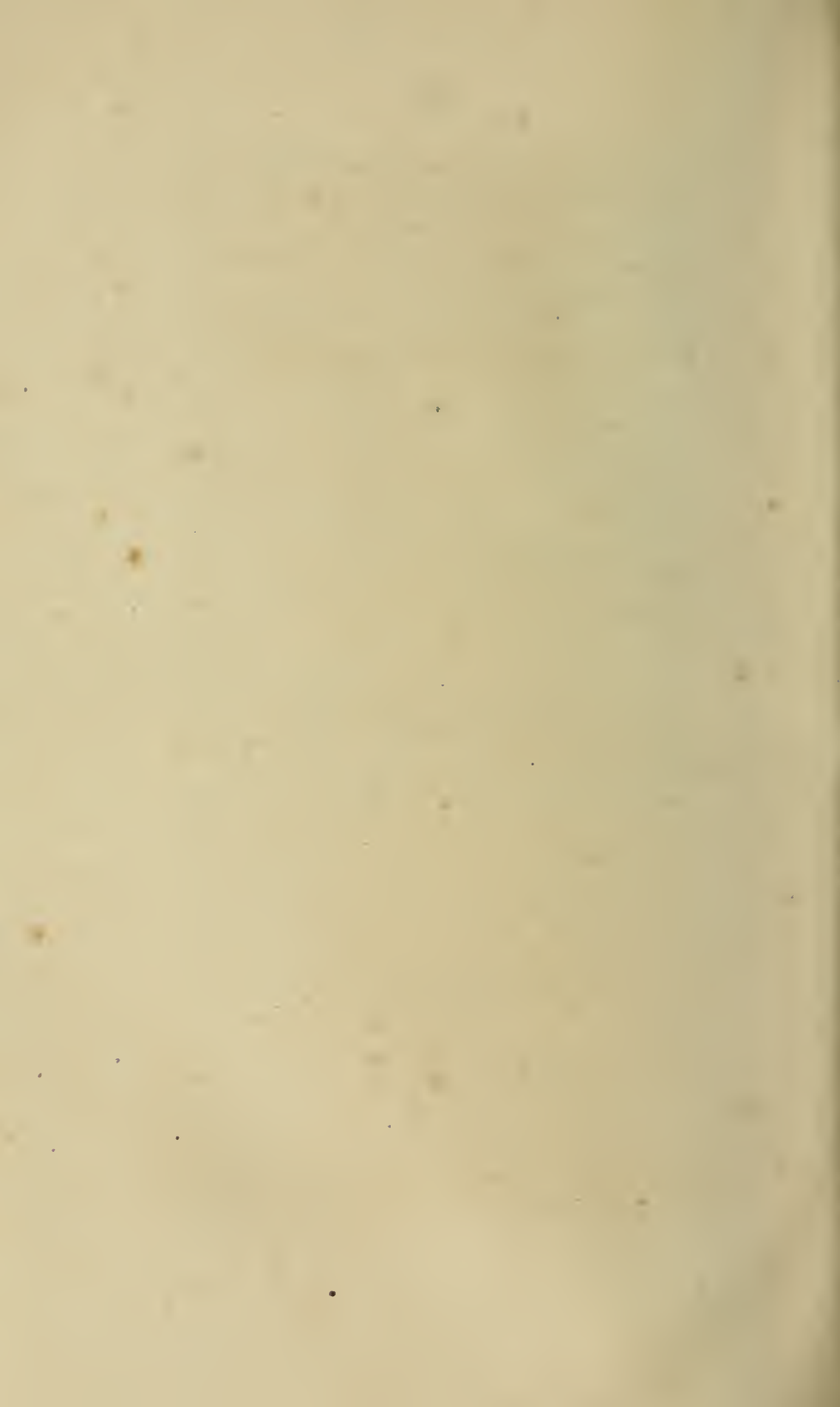
A Caro

Ó tu que numerar de certo devo
Entre os amigos meus mais extremosos,
E tens tudo o que o nome teu indica,
Saudação d'aqui te envio ó Caro (1).
A structura do verso e a côr do estylo
Dir-te-hão logo a sua procedencia;
Não por serem sublimes, mas diversos
De outros muitos; mas sejam como forem
A mão do auctor será bem conhecida,
Não de outra sorte, bem que supprimisses
Dos teus versos o nome, logo ao lel-os
Diria que eram teus; entre mil outros
Por distinctos signaes se indicariam
Por um grande vigor de Hercules digno,
Digno do heroe que nos teus versos cantas
Póde ser que trahida a minha Musa
Pelo genero proprio do teu canto
Dos teus mesmos defeitos s'impregnasse;
De Thersites a feia catadura

(1) Poeta do tempo de Germanico e que foi preceptor de Nero, Druso e Cayo, seus filhos.

Não deixara que incognito passasse,
Bem como de Nereo o lindo aspecto
Os olhares de todos attrahia;
E se em meus versos maculas encontras
Justas causas não tens para extranhal-a,
Pois são, a bem dizer, obra de um Geta;
De escrever em tal lingua me envergonho,
E ter ao metro barbaro sujeito
Os termos da formosa patria lingua.
Comtudo os parabens poderás dar-me;
Muito tem agradado entre estes Getas;
Passo por distinctissimo poeta.
Perguntas-me qual foi o meu assumpto?
Os louvores cantei do illustre Cesar;
E inda mais realçou a novidade
Do Deus que celebrava o nome Augusto;
Estes povos de mim saber poderam
Que só era mortal de Augusto o corpo,
Porém que o seu espirito Divino
Tinha subido ás regiões celestes;
Que herdou sua virtude um digno filho
Que as redeas do poder tomara a custo;
Que és tu Livia a Vestal das nossas Damas,
E em tudo de teu filho e esposo digna;
Que dois mancebos ha, do throno ao lado
De seu pae sustentaculos seguros,
Que infalliveis penhores já tem dado
De seu valor e espirito sublime.
Quando li os meus versos, inspirados
Por estrangeira musa, e a ultima folha
Pude voltar, vi que se agitaram
As cabeças de todos os ouvintes,
Todas as sagitiferas aljavas;
E ouvi de sua voz um longo applauso

Um de entre elles bradou: «se tal é Cesar
Deve restituir-te á patria tua.»
Assim o disse, Caro, e todavia
Passaram seis invernos, e exilado
Sob o frigido polo permaneco.
Para nada os meus versos me aproveitam;
Outr' ora me perderam, dando causa
A este meu desterro. Eu te supplico,
Pelos estreitos laços que nos unem
O convivio das Musas, pelo nome
Da amizade que é p'ra ti sagrada;
E possas tu, Germanico, se me ouves,
Do Lacio acorrentando os inimigos,
Prestar á Musa minha um vasto assumpto;
E possam esses principes, objecto
Da protecção Divina e commettidos,
Por tua gloria, ao teu zelo e cuidados
Prosperar, de qualquer desastre isentos.
Todo o teu valimento emprega, amigo,
Por salvar, eu te rogo, um desgraçado,
Que morrerá se de logar não muda.



CARTA DECIMA QUARTA

A Tuticano

Escrevo-te outra vez, inda que ha pouco
Me queixei de que o nome teu se nega
A ser metrificado. Nos meus versos
Cousa não ha que interessar-te possa,
Senão que bem a custo vou vivendo,
E até mesmo a saude me aborrece.
Hoje não faço mais do que um só voto,
Que é d'aqui retirar-me, e pouco importa
O logar que me assignem. Qualquer outro
Mais grato me será do que esta terra,
Que vejo sem cessar e a custo habito.
Parta eu d'aqui, embora o meu navio
Por Syllas e Charybdes me arraste;
Ao Istro eu preferira a mesma Stigie
(Se é que existe) ou maior abysmo ainda.
Menos o culto campo a gramma odeia,
Menos a andorinha o gelo teme,
Do que Ovidio aborrece a visinhança
D'estes selvagens e guerreiros Getas.
O meu pensar o Tomitano irrita,
E do publico a cholera exaspera.

Sempre nocivos me serão meus versos;
 E da minha imprudencia serei sempre
 Victima indeclinavel. E inda hesito
 Em deixar de cortar a mão culpada;
 E abandonar não posso, desvairado,
 As armas que fataes me foram sempre!
 Aos antigos escolhos volto ainda
 E a esse mar que submergiu meu barco.
 Sou comtudo innocente; nenhum crime
 Hei commettido. Estimo os Tomitanos,
 E detesto sómente o nosso clima.
 Se as minhas producções bem prescrutardes
 N'ellas não achareis por letra minha
 Que haja contra vós feito a menor queixa.
 Das invasões me queixo unicamente
 Que de um e d'outro lado me incommodam,
 E das hostes que atacam vossos muros;
 É ao logar, e não aos habitantes,
 Que as minhas arguições justas dirijo;
 Vós mesmos vos queixaes do proprio clima.
 A propria musa do antigo vate,
 Que celebrou dos campos a cultura,
 Ousou dizer que a sua patria, Ascra,
 Era sempre de um clima insupportavel;
 E o que escriptas deixou estas palavras
 Nasceu em Ascra, e Ascra (1) todavia
 Não se scandalisou contra o seu vate.
 Quem a patria estimou mais do que Ulysses?
 Elle mesmo comtudo nos informa
 Que a terra sua era aspera e infecunda;

(1) Cidade situada á direita do Helicon e d'onde era natural Hésiodo, antigo cantor de agricultura.

Scepsio (1) perseguiu com invectivas,
Não o Ausonio paiz, mas seus costumes,
Nem mesmo para Roma foi benigno;
Mas a mesma cidade que arguia
Sem rancor supportou os seus motejos
Nem puniu o escriptor por sua audacia.
Mas contra mim, interpretes malvados
Do povo a ira excitam, e descobrem
Novos e feios crimes nos meus versos.
Mas não sou tão feliz, quanto sou puro!
Jámais feriu alguém minha palavra.
Ainda que mais vil e negro fosse,
Que o pez da Illyria (2); acaso poderia
Invectivar tão amavel povo?
Benigno acolhimento ao exilado,
Habitantes de Tomos, me prestastes;
Tanta philantropia nos revela
A nossa argiva e primitiva origem.
Os mesmos Sulmunenses e Pelignos,
Bem que patricios meus, não se mostraram
Com o meu infortunio mais piedosos;
E nas honras, que apenas outorgaveis
Aos mimosos da sorte, ainda ha pouco
M'as haveis concedido, e até hoje
Unico sou que isento tenho sido
Do publico serviço; a minha frente
De um diadema sagrado me cingistes:
Dom popular que a custo recebera.

(1) Metrodoro Scepsio, que por sua eloquencia alcançou a estima de Mithridates e escreveu contra os costumes romanos.

(2) Região scyta nas praias do Adriatico oppostas á Italia, celebre pelo seu excellente pez.

Assim Delos (1), a unica cidade
Que á errante Latona asylo dera,
Não é da Deusa ao coração mais cara
Do que é Tomos ao triste expatriado;
Que até agora lhe tem prestado sempre,
Hospedagem fiel e affectuosa.
Praza aos Deuses, ao menos, que não perca
A esperança de paz, e de afastar-se
Para mais longe do hyperboreo polo.

(1) Ilha do mar Egeo.

CARTA DECIMA QUINTA

A Sexto Pompeu

Se inda no mundo alguém de mim se lembra,
E quer saber o que no exílio passo,
Saiba que a Cesar devo a minha vida,
E a Pompeu o tel-a conservado.
Certamente Pompeu depois dos Deuses
Em primeiro logar o terei sempre.
Se a resenha fizer da minha vida,
Dia não haverá que assignalado
Por algum beneficio seu não seja.
Mais não são os purpureos grãos que encerra
Sob flexivel casca em horto fertil
O granadino pomo; mais espigas
Não vegetam da Lybia nas campinas;
Mais racimos do Smolo nos outeiros
Não ha na Sicyone oliva tanta,
Nem mais favos de mel produz o Hybla.
O testemunho é licito, confesso,
Assignae-o Quirites; é escusada
A intervenção da lei. Eu mesmo o digo
Por teu me conta, bem que pouco valha,
Folgo ser parte da fortuna tua.
As terras que possues já na Sicilia,

Já no terreno em que Philippe reina,
O Paço que de Augusto ao forum chega,
A Granja de Campanea teu regalo,
Todos os bens enfim que te pertencem
Por compra ou por direito hereditario,
Não serão mais do que eu fazenda tua;
Graças a esta aquisição mesquinha
Tambem terás no Ponto alguma cousa.
Queiram os Deuses que dizel-o possas,
E, de quanto possues, melhor dispondo,
Me ponhas em logar menos adverso.
E pois que isto dos Deuses só depende
D'esses Deuses que tanto amaste sempre,
Busca apiedal-os com as preces tuas;
Pódes fazel-o, porque o teu affecto
Como o favor que ao exilado prestas,
Sua innocencia plenamente provam.
Se te imploro não é porque duvide
Dos sentimentos teus; mas inda mesmo
Quando o rio se descê o remo ajuda.
De ser tão importuno me envergonho,
Tremo de te inspirar um justo enojo.
Porém, que hei de fazer? Cohibir não posso
Meu violento desejo. Caro amigo,
Desculpa um coração doente e afflicto:
Escrever desejando uma outra cousa
Muita vez recahi na mesma idéa.
A mesma penna outro logar exige,
Quer o teu valimento nada alcance,
Quer sob o algido polo a cruel Parca
Da minha infeliz vida o estame corte,
Sempre o meu coração reconhecido
Recordará teus grandes beneficios,
E ouvirá que sou teu a patria minha,

Como se a peso d'ouro me comprasse,
E ouvil-o-ha tambem todo este povo,
Que n'esta plaga habita, (se meus versos
Podem transpôr as Geticas barreiras):
Que se a vida conservo, a ti a devo.

CARTA DECIMA SEXTA

A um invejoso

Para que, invejoso, dilaceras
O raptado Nasão? Tu não ignoras
Que ao talento não damna o ultimo dia,
E que a fama co' a campa se engrandece,
E que, quando entre os vivos existia,
Era já o meu nome conhecido!
Floresciam então Marsu (1), Rabirio (2),
Pedon (3) e Macer (4) que Ilion cantara,
E esse Caro que Juno offenderia,
As proezas de Alcides celebrando,
Se este deus genro seu inda não fôra
Severo (5), a quem magnificas tragedias

(1) Marsus, Domicio Março, poeta contemporaneo de Horacio, amou a Melene, a quem celebrou com varios epigrammas, e escreveu tambem a guerra das amazonas.

(2) Rabirio foi um poeta de elevado talento e é mencionado por Seneca, lib. 10.º Orat., cap. 1.

(3) Este Pedon, segundo Marcial, foi poeta epigrammatico, e escreveu uma elegantissima Elegia á morte de Druso.

(4) Macer, poeta distincto, contemporaneo de Horacio, contado entre os epicos.

(5) Houve dois Severos: Severo que escreveu Elegias e tragedias; outro

O Lacio (1) deve; ambos os Priscos, Numa
 No heroico metro e no alterno insigne.
 Florescia tambem então Sabino (2),
 A quem seu genio a epistola dictara
 Que Ulysses a Penelope escrevera,
 Quando por lustros dois andara errante
 Por tormentosos e longinquos mares;
 Sabino, a quem a morte prematura
 Impediou que os seus Fastos concluísse
 E a sua Thresena (3); florescia
 Largo (4), não menos digno do seu nome,
 Que conduzira á Gallia o velho phrygio.
 Camerino (5), que em seus versos cantára
 A conquista que de Illion fez Alcides;
 Tusco (6), que a Phylis seu renome deve;
 E esse cantor (7) dos mares navegaveis
 (Obra que de um marinho deus parece)
 Ennio (8), que as armas libycas cantára
 E os romanos combates; e esse Mario (9),

que escreveu da guerra da Sicilia. O poeta falla aqui do primeiro, que introduziu reis nas tragedias.

- (1) Contemporaneo de Tiberio, de quem foi muito venerador.
- (2) Amou Trisene, que celebrou em suas Elegias.
- (3) Não se sabe que especie de composição foi esta ultima.
- (4) Assim foi chamado pela fecundidade do seu genio, e cantou a vinda do Troiano Antenose á Gallia Cisalpina, onde fundou a cidade de Patavio.
- (5) Escreveu da guerra Troiana no tempo de Lamedonte, que foi rei cincoenta e um annos antes da sua ruina.
- (6) Amou certa mulher, a quem deu o nome de Philida e celebrou com varias Elegias.
- (7) Terencio Varrão, que traduziu em verso latino os quatro livros gregos do poema de Apolonio Rhodo.
- (8) Ennio ou Nevio, que escreveram em verso a guerra Punica, e depois Silio Italico com muita elegancia.
- (9) Não é liquido quem fosse.

Habil em todo o genero de escriptos;
 Trinacrio, que auctor foi da Perseida,
 E Lupo (1), que o regresso celebrara
 Da Tantalia e Tyndarica progenie;
 O vate (2) que a Pheacida, inspirado
 Pelo estro de Homero, traduzira;
 E tu tambem oh Rufo (3) que soubeste
 De Pindaro pulsar a douta lyra.
 A musa de Turano (4) que na scena
 Nos seus cothurnos (5) tragicos se estriba
 Como a tua nos sóccos teus Melino (6).
 Então, emquanto Varo (7) e Graccho (8) prestam
 Aos tyrannos palavras arrogantes,
 Emquanto Proclo (9) a esteira prosegua
 Do mavioso Callimaco, pascia
 No patrio campo Tytiro (10) o seu gado;

(1) Poeta dramatico Siciliano e tambem comediante. Attribuem-se-lhe as tragedias de Perseo Menelau (descendente de Tantalos) e Helena filha de Tindaro.

(2) Refere-se o poeta ao traductor do livro de Odissêa, em que Homero canta a hospedagem que o rei Alcino deu a Ulysses.

(3) Antonio Rufo, celebre citarista Pindarico, traduziu Homero e Pindaro em latim, segundo Aeron e Quintiliano.

(4) Não se sabe se é d'este Turano que falla Cicero (1 ad. Atl. 5).

(5) Cothurnos ou borzequins, calçado de que usavam os comediantes de tragedias.

(6) Natural de Spoleto, celebre em Roma no tempo de Augusto (Plinio de Clar. Grammat.). É sabido que os representantes das comedias usavam de um calçado humilde a que chamavam sóccos.

(7) Quintilio Varo de Cremona e de quem fazem menção Horacio e Virgilio. Escreveu a tragedia Thyestes.

(8) Graccho compoz uma tragedia intitulada *Atalanta*.

(9) Compoz Elegias eroticas á maneira de Calimacho; celebrou Lydia e tiveram-no em grande estima os reis do Egypto, como diz Strabon.

(10) Pseudonymo adoptado por Virgilio nas suas eglogas.

Armas ao caçador prestava Gracio (1);
 Fontano (2) as lindas Naiades cantava,
 Dos Satyros amadas; e Capella (3)
 Em metro desigual versos cumpunha.
 Mil outros além d'estes, cujos nomes
 Innumerar aqui fôra impossivel,
 E cujos versos são bem conhecidos.
 Assomavam emfim novos poetas,
 Cujas obras a luz inda não viram,
 E por isso citar aqui não devo.
 Mas não te omittirei contudo oh Cotta
 Perdido n'essa turba, honra das Musas
 E illustre sustentaculo do fôro,
 E que por tua mãe, de origem Cotta (4)
 E dos Messalas por teu pae descendes
 E as duas nobres casas representas;
 Entre estes nomes, se dizel-o posso,
 Distincto nome tinha a Musa minha
 E leitores innumerados contava.
 Não continues pois mofina inveja
 A atassalhar um triste relegado;
 Nem venhas espargir-me as frias cinzas;
 Tudo perdi; e se me resta a vida,
 É só para sentir cruciantes maguas!
 E de que serve apunhalar um morto,
 Se para nova dôr logar não achas?

(1) Crêem alguns commentadores que escrevera da Caça (*de venatione*).

(2) É apenas conhecido pelo que diz d'elle o nosso poeta.

(3) Não parece ter sido o que escreveu Epigrammas, e as nupcias de Mercurio.

(4) D'este Celta faz menção o poeta no livro terceiro, epistola segunda das Ponticas.

INDICE

LIVRO PRIMEIRO

	Pag.
Carta primeira — <i>A Bruto</i>	9
Carta segunda — <i>A Maximo</i>	15
Carta terceira — <i>A Rufino</i>	23
Carta quarta — <i>A sua consorte</i>	29
Carta quinta — <i>A Maximo</i>	33
Carta sexta — <i>A Grecino</i>	36
Carta setima — <i>A Messalino</i>	41
Carta oitava — <i>A Severo</i>	45
Carta nona — <i>A Maximo</i>	49
Carta decima — <i>A Flacco</i>	53

LIVRO SEGUNDO

Carta primeira — <i>A Germanico</i>	57
Carta segunda — <i>A Messalino</i>	61
Carta terceira — <i>A Maximo</i>	67
Carta quarta — <i>A Attico</i>	73
Carta quinta — <i>A Salano</i>	75
Carta sexta — <i>A Grecino</i>	79
Carta setima — <i>A Attico</i>	83
Carta oitava — <i>A Maximo Cotta</i>	87
Carta nona — <i>Ao rei Cotys</i>	91
Carta decima — <i>A Macro</i>	95
Carta decima primeira — <i>A Rufo</i>	99

LIVRO TERCEIRO

	Pag.
Carta primeira — <i>Á sua consorte</i>	103
Carta segunda — <i>A Cotta</i>	113
Carta terceira — <i>A Fabio Maximo</i>	119
Carta quarta — <i>A Rufino</i>	125
Carta quinta — <i>A Maximo Cotta</i>	131
Carta sexta — <i>A um dos seus amigos</i>	135
Carta setima — <i>A seus amigos</i>	139
Carta oitava — <i>A Maximo</i>	141
Carta nona — <i>A Bruto</i>	143

LIVRO QUARTO

Carta primeira — <i>A Sexto Pompeu</i>	149
Carta segunda — <i>A Severo</i>	153
Carta terceira — <i>A um amigo inconstante</i>	157
Carta quarta — <i>A Sexto Pompeu</i>	161
Carta quinta — <i>A Sexto Pompeu, já Consul</i>	165
Carta sexta — <i>A Bruto</i>	169
Carta setima — <i>A Vestalis</i>	173
Carta oitava — <i>A Suillio</i>	177
Carta nona — <i>A Grecino</i>	183
Carta decima — <i>A Pedon Albinovano</i>	189
Carta decima primeira — <i>A Gallião</i>	195
Carta decima segunda — <i>A Tuticano</i>	197
Carta decima terceira — <i>A Caro</i>	201
Carta decima quarta — <i>A Tuticano</i>	205
Carta decima quinta — <i>A Sexto Pompeu</i>	209
Carta decima sexta — <i>A um invejoso</i>	213

ERRATAS IMPORTANTES DAS PONTICAS

LIVRO PRIMEIRO

Carta 6.^a, pag. 37, onde se lê, abrandam, leia-se, ameigam.

Carta 7.^a, pag. 42, onde se lê, Tindarios, leia-se, Tindares.

Na mesma pag., onde se lê, amaram, leia-se, presaram.

Carta 8.^a, pag. 47, onde se lê, só, leia-se, e.

Na mesma pag., onde se lê, co, leia-se, com.

Na mesma pag., onde se lê, Pois, leia-se, E.

Carta 9.^a, pag. 50, em vez da linha que começa, Que, leia-se, Que tinhas pelo Deus, senhor do mundo.

Na pag. 51, onde se lê, Aqui possuo, leia-se, Possa dizer o que n'ella aqui possuo.

Na mesma pag., onde se lê, Entre os mortos contar tambem, leia-se, Entre os mortos tambem contar me podes.

Carta 10.^a, pag. 53, onde se lê, Me suffoca e altera a pulsação das veias, supprimam-se as palavras Me e e.

Na mesma pag., onde se lê, Inda que Hebe com a sua mão formosa, leia-se, Inda que Hebe co' a sua mão formosa.

LIVRO SEGUNDO

Carta 3.^a, pag. 68, onde se lê, Iacco, leia-se, Eacco.

Carta 8.^a, pag. 89, onde se lê, renega, leia-se, denega.

Na mesma pag., onde se lê, Os retratos, leia-se, As effigies.

LIVRO TERCEIRO

Carta 1.^a, pag. 108, onde se lê, A unica ella, leia-se, Ella a unica.

Carta 4.^a, pag. 129, onde se lê, caro, leia-se, carro.

Carta 5.^a, pag. 132, onde se lê, ouvido, leia-se, Ovidio.

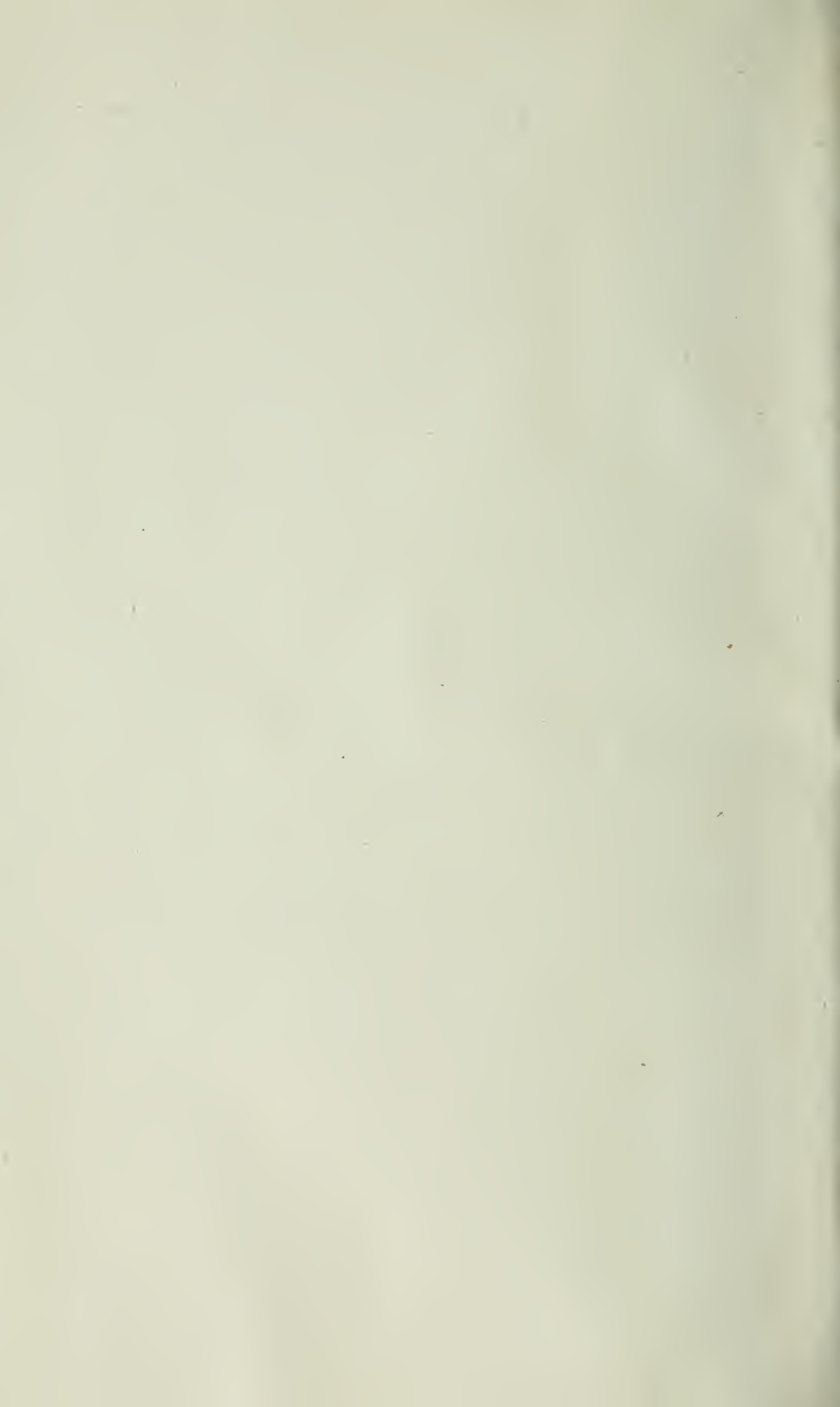
Na pag. 133, onde se lê, dados, leia-se, dardos.

Carta 6.^a, pag. 133, onde se lê, e que eu receba, leia-se, e eu de ti receba.

Carta 6.^a, pag. 136, onde se lê, Nume, leia-se, Numen.

LIVRO QUARTO

Carta 5.^a, pag. 167, onde se lê, seus bens conserve, leia-se, que o seu conserve.





PA
6519
E6166
1894

Ovidius Naso, Publius
Ponticas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 13 17 23 07 016 3